UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARGARETE DOS SANTOS

BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: O TRABALHO COM O IDOSO

MACEIÓ - AL
2017

MARGARETE DOS SANTOS

BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: O TRABALHO COM O IDOSO

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Rogério Stella, como requisito para a obtenção do título Mestrado Profissional em Letras.

Maceió - AL
2017

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S237b Santos, Margarete dos.
Biografias e autobiografias no ensino da língua portuguesa: o trabalho com o idoso / Margarete dos Santos. – 2017.
158 f.: il.

Orientador: Paulo Rogério Stella.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 122-123.
Apêndices: f. 124-143.
Anexos: f. 144-158.

1. Linguística aplicada. 2. Produção textual. 3. Letramento. 4. Cidadania – Formação. 5. Idosos – Aspectos sociais. I. Título.

CDU: 800.7:37

FOLHA DE APROVAÇÃO

UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

MARGARETE DOS SANTOS

Título do trabalho: "BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O TRABALHO COM O IDOSO".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 25 de abril de 2017, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:

Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

Prof. Dr. Clériston Izidro dos Anjos (CEDU/UFAL)

Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 25 de abril de 2017.

Para meus pais, José Luiz dos Santos e Maria da Silva Santos, com amor.

Para meus irmãos, pelo carinho, incentivo apoio, ajuda e paciência constantes.

Para meu irmão mais velho, Cícero Luiz dos Santos (Pipoca), meu Iê-iá (*in memoriam*), com amor.

Para meus sobrinhos, pelo carinho e amor, e por fazerem parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Refúgio e Fortaleza, por tudo e por ser fiel e absoluto em minha vida, pois é o meu socorro bem presente nas horas de angústia. Muito obrigada!

A Jesus, único e suficiente salvador da minha alma. Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele toda honra, glória, louvor, majestade e adoração.

Aos meus pais, pelo esforço em contribuir e me proporcionar uma formação íntegra dentro do que lhes fora possível, e, em especial, a minha mãe, pelo amor incondicional, carinho, cuidados, orações, afeto, sorrisos, incentivo, paciência, compreensão e pelas palavras de ânimo. Amo vocês!

Aos meus irmãos, sobrinhos e demais familiares, pela paciência, apoio, incentivo e carinho, tranquilizando os ânimos, alegrando e enriquecendo os momentos da minha vida.

À pessoa animal, minha cadelinha que amo muito, Dorothy Stang, pelo amor incondicional, companhia constante, em todos os momentos da minha vida, por sua fidelidade, carinho e por trazer alegria e felicidade para minha vida, tornando meus dias melhores.

À amiga e companheira de trabalho, de passeios e viagens, com quem compartilhei momentos especiais, sorrisos, lágrimas, frustrações, conquistas, dores. A você, Jucilea Pereira (Juh). Muito obrigada!

Ao meu irmão caçula, Benedito (Bilzinho) que amo muito e que me chama carinhosamente de Margarida. Obrigada por me amar, pelo carinho, bom humor, pelos abraços apertados, cuidado, apoio e por sempre me oferecer seu sorriso largo e sincero.

Aos meus alunos, especialmente os do 9º ano "A", pela relação de afeto, respeito, carinho e confiança, e aos seus pais, que permitiram a participação de seus filhos neste estudo.

A minha querida amiga e irmã que amo, Celma Lúcia, e a toda sua família, pela amizade, carinho, amor e cuidados. Amo vocês. Muito obrigada!

À bibliotecária e amiga, Helena Cristina Pimentel do Vale, pelo carinho, paciência, apoio e colaboração valiosa na formatação dessa dissertação. Muito obrigada!

A toda comunidade escolar do Rodriguez de Melo que contribuiu para a realização deste trabalho: coordenadora Luciaria Liliane, alunos, pais, diretora Arlete Sales, vice-diretora Isabel Neves, colegas professores, funcionários administrativos e funcionários do apoio. Muito obrigada!

As minhas amigas, Alexsandra Moreira, Adijina Santos, Márcia Sampaio, Estela Márcia, Francine Elisa, Vera Almeida, Simone Ferreira, Sleila Caldas, Ana Paula Brasil, Alexsandra Nunes e Marta Valéria que me compreenderam e me ajudaram nas horas mais difíceis de tensão, ansiedade, insegurança, desespero e medo, tendo me ajudado com sorrisos largos, carinho, apoio, amizade e palavras de incentivo.

Aos professores do Curso, pelas aulas enriquecedoras. Obrigada!

Aos companheiros de estudo da segunda turma do PROFLETRAS/UFAL, pelos momentos de troca de experiência, aprendizado e diversão.

Às professoras que integraram a banca de qualificação, profª. Drª. Andréa da Silva Pereira e profª. Drª. Rosangela Nunes Lima, pela análise, correção e sugestões criteriosas e enriquecedoras, que foram úteis na continuidade do trabalho.

Ao prof. Dr. Paulo Rogério Stella, pela orientação ímpar e cuidadosa; nas correções detalhadas; na leitura apurada e criteriosa; e com a criticidade, humildade e embasamento me ensinou a ter um novo olhar para a minha prática docente.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente torceram e ajudaram-me a sobreviver a esse momento de reflexão intensa e de muito estudo e trabalho. Muito obrigada!

A CAPES, pelo incentivo financeiro por meio da bolsa concedida.

“Educar é incluir a vida dos alunos, como seres de projeto, num projeto mais amplo _ o da escola; é articular o vivido ao conhecimento escolar”. (OLIVEIRA, 2014, p. 34).

“Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; [...] desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; [...]”. (PCN, 1998, p. 07).

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida por mim, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Estadual de Maceió, Alagoas, situada na zona Sul, e que recebe alunos de vários bairros cujo contexto é de acentuada vulnerabilidade e altos índices de violência e criminalidade, carecendo assim de mais investimentos em projetos sociais voltados para a cidadania, educação, esporte e lazer. A proposta teve como objetivo geral levar os alunos a se interessarem pela produção de textos situada com base em projetos, com vistas a modificar o ponto de vista deles sobre o mundo e a vida, ajudando-os a se perceberem e a pensarem sobre sua posição neste mundo, compreendendo que "ser letrado" é uma posição do sujeito que envolve saber: "quem é", "ser-cidadão" que tem direitos, deveres e precisa respeitar os "outros" (seres humanos, animais, patrimônios), e se posicionar diante dos problemas e conflitos sem prejudicar nem o "outro", nem a si mesmo. Estabeleci três objetivos específicos: i) trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos; ii) propor atividades que motivem os alunos a se colocarem no mundo, e iii) promover o conhecimento e a familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade, por meio da produção de um jornal situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento. Para atingir os objetivos, realizei quatro ações com base nos fundamentos da pesquisa narrativa: em primeiro lugar, procedi às produções das narrativas de vida (da família, da rua do bairro); em segundo, os relatos de experiência de uma visita a um abrigo de idosos; em terceiro, os textos de opinião; e, em quarto lugar, a produção de um jornal escolar. Ainda considerando os fundamentos da pesquisa narrativa, organizei discussões em grupo e um debate regrado público, visando à reflexão da problemática que fundamentou meus objetivos e as perguntas desta pesquisa. Assim também, ao analisar as produções textuais escritas (enunciados) dos alunos, que materializaram questões relacionadas ao conceito geral de letramento; ao letramento no ensino fundamental; a atividades e alternativas para o letramento na escola básica, a projetos de letramento e à formação cidadã e crítica dos alunos, trago uma discussão com algumas noções dessas questões. Busquei como respaldo teórico de base de minha pesquisa, estudos, pesquisas e orientações metodológicas de pesquisadores como Rojo (2009), Kleiman (1995), Oliveira (2014), Carvalho (2013), Souza (2012) e Morin (2003) e Minayo (1998), Orlandi (2001), DOLZ (2004), Liberali (2003). Por ser esta pesquisa narrativa, qualitativa de cunho social, está em concordância com os conceitos apresentados por Minayo (1998), pois se trata de um estudo de fenômenos sociais ocorridos na sala de aula com alunos, sujeitos participantes deste trabalho, que vivenciaram processos interativos os quais me ajudaram a compreender as várias maneiras como eles fizeram sentido através da linguagem (histórias de vida, textos de opinião, relatos pessoais e jornal escolar). Ainda segundo CASEY, apud LIBERALI et al (2003) que afirma que "é por meio de narrativas, [...], que se consegue ordenar a experiência, organizar o princípio da ação humana e reconstruir a identidade", os resultados mostram como um trabalho com produção de textos situadas com base em projetos possibilita aos alunos participarem de várias práticas sociais que fazem uso da leitura e da escrita (letramentos), na vida da cidade, de uma forma ética, crítica e democrática, retratando experiências vivenciadas.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Ensino. Letramento. Biografia. Autobiografia. Projetos de letramento. Formação cidadã.

RESUMEN

El presente estudio se llevó a cabo por mí, con alumnos del 9º año de la Enseñanza Fundamental de una escuela de la red Pública Estatal, en Maceió, Alagoas, ubicada en la zona sur, a la cual asisten alumnos de diversos barrios. El contexto escolar es de pronunciada vulnerabilidad, elevado índice de violencia y criminalidad, clamando la necesidad de más inversiones en proyectos sociales dirigidos hacia la ciudadanía, la educación, el deporte y la diversión. El objetivo general de la investigación fue hacer que los alumnos se interesasen por la *producción textual basada en proyectos* con miras a modificar sus puntos de vistas sobre el mundo y la vida, ayudándoles a verse y a reflexionar acerca de su rol en este mundo y a que entiendan que "ser letrado" es una posición del sujeto que implica conocimiento sobre: su propio ser, saberse ciudadano, tener derechos y deberes, respetar a todo lo que le rodea (seres humanos, animales, patrimonio, …), así como, sobre adoptar posturas ante problemas y conflictos sin perjuicio de sí mismo ni de los demás. Tres fueron los objetivos específicos: i) trabajar con los alumnos la producción de textos orales y escritos mediante relatos de vida envolviendo ancianos; ii) proponer actividades motivadoras, vislumbrando su ubicación en el mundo; iii) fomentar en el alumnado conocimiento y familiarización en relación con los textos que circulan en diversas esferas sociales, a través de la producción de un periódico basado en discusiones sobre la vejez. La consecución de tales objetivos se dio mediante la realización de cuatro acciones, basadas en la *investigación narrativa*. En primer lugar estuvieron las producciones de narrativas de vida (familiar, barrial, de la calle). En segundo lugar, relatos de la experiencia de una visita a un hogar de ancianos. En tercer y cuarto lugar estuvieron los textos de opinión y la producción de un periódico escolar, respectivamente. Con base en la *investigación narrativa*, igualmente, se organizaron discusiones grupales y un debate formal público, con la finalidad de fomentar la reflexión de la problemática que dio fundamento a los objetivos y a las preguntas del presente estudio. Igualmente, el análisis de las producciones escritas (enunciados) del alumnado, las cuales materializaron cuestiones relacionadas al concepto general de *literacidad*, *literacidad en la educación básica*, a actividades y alternativas para *literacidad*, a proyectos de *literacidad* en la formación ciudadana y crítica, son discutidas en este estudio. Los estudios y las orientaciones metodológicas de investigadores como ROJO (2009), KLEIMAN (1995), OLIVEIRA (2014), CARVALHO (2013), SOUZA (2012) y MORIN (2003) y MINAYO (1998), ORLANDI (2001), DOLZ (2004) y LIBERALI (2003), dieron soporte teórico a esta investigación. De tal modo, por tratarse de una *investigación narrativa*, cualitativa, de corte social, está en consonancia con la conceptualización expuesta por MINAYO (1998), dada su referencia a fenómenos sociales acaecidos en el aula con alumnos, sujetos de la investigación, protagonistas de procesos interaccionales, que facilitaron la comprensión de las diversas formas de aportar sentido mediante el lenguaje (relatos de vida, textos de opinión, periódico escolar). Además, de acuerdo con CASEY *apud* LIBERALI *et al* (2003), quien afirma que "é por meio de narrativas, […], que se consegue ordenar a experiência, organizar o principio de açao humana e reconstruir a identidade", los resultados presentados muestran cómo un estudio sobre *producción textual basada en proyectos* hace posible la participación de los alumnos en diversas prácticas sociales, fundamentadas en la lectura y la escritura (*literacidad*), en la vida de la ciudad, de manera ética, crítica y democrática, retratando experiencias vividas.

Palabras clave: Lengua portuguesa, Enseñanza, Literacidad, Biografía, Autobiografía, Proyectos de literacidad, Formación ciudadana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada da escola, antes da reforma..... 13
Figura 2 - Entrada da escola, antes da reforma..... 13
Figura 3 - Fachada da escola reformada..... 14
Figura 4 - Entrada da escola reformada..... 14
Figura 5 - Entrada das salas de aula e pátio..... 44
Figura 6 - Pátio coberto..... 45
Figura 7 - Praça de convivência..... 45
Figura 8 - Quadra poliesportiva..... 46
Figura 9 - Laboratório de Informática..... 46
Figura 10 - Laboratório de Ciências..... 47
Figura 11 - Biblioteca..... 47
Figura 12 - Sala dos professores..... 48
Figura 13 - Secretaria Geral..... 48
Figura 14 - Refeitório..... 49
Figura 15 - Coordenadora na abertura do projeto..... 58
Figura 16 - Alunos assistindo ao filme na abertura do projeto..... 58
Figura 17 - Página do meu Diário do pesquisador..... 59
Figura 18 - Página do meu Diário do pesquisador..... 60
Figura 19 - Página do meu Diário do pesquisador..... 60
Figura 20 - Grupo “Flor da Idade,” apresentando-se para os alunos da escola..... 63
Figura 21 - Grupo “Flor da Idade,” apresentando-se para os alunos da escola..... 63
Figura 22 - Alunos assistindo à palestra e à apresentação do grupo “Flor da Idade”..... 64
Figura 23 - Página do meu Diário do pesquisador..... 64
Figura 24 - Página do meu Diário do pesquisador..... 66
Figura 25 - Alunos participando das discussões sobre as histórias de vida dos avós..... 67
Figura 26 - Alunos fazendo a leitura partilhada da memória literária, “Parecida, mas diferente”, de Zélia Gattai:..... 67
Figura 27 - Página do meu Diário do pesquisador..... 68
Figura 28 - Página do meu Diário do pesquisador..... 71
Figura 29 - Página do meu Diário do pesquisador..... 71
Figura 30 - Em frente à escola, alunos da turma, eu, as coordenadoras: Luciária e Dorinha, antes da visita ao abrigo..... 77

Figura 31 - Página do meu Diário do pesquisador..... 79
Figura 32 - Alunos na 1ª visita ao abrigo..... 80
Figura 33 - Alunos na 1ª visita ao abrigo..... 80
Figura 34 - Alunos e coordenadoras na 1ª visita ao abrigo..... 81
Figura 35 - Alunos na 1ª visita ao abrigo..... 81
Figura 36 - Página do meu Diário do pesquisador..... 83
Figura 37 - Página do meu Diário do pesquisador..... 85
Figura 38 - Página do meu Diário do pesquisador..... 86
Figura 39 - Alunos na 2ª visita ao abrigo de idosos..... 87
Figura 40 - Eu e alguns alunos na 2ª visita ao abrigo de idosos..... 87
Figura 41 - Página do meu Diário do pesquisador..... 98
Figura 42 - Alunos do 9º ano A, fazendo uma apresentação artística na gincana..... 103
Figura 43 - Alunos do 9º ano A, fazendo uma apresentação artística na gincana..... 104
Figura 44 - Banner do projeto: “Respeito ao idoso”..... 104
Figura 45 - Parte dos alimentos arrecadados pelos alunos, para doação..... 105
Figura 46 - Página do meu Diário do pesquisador..... 105
Figura 47 - Coral “Rugas de Ouro”, apresentando-se para os alunos..... 107
Figura 48 - Alunos com o coral Rugas de Ouro..... 107
Figura 49 - Imagem da primeira página do jornal escolar dos alunos do 9º ano "A"..... 110
Figura 50 - Eu e as alunas, lendo mensagens de Natal para os idosos do abrigo..... 119
Figura 51 - Alunas lendo mensagens de Natal para os idosos do abrigo..... 119
Figura 52 - Aluna lendo mensagens de Natal para os idosos do abrigo..... 120
Figura 53 - Alunas lendo mensagens de Natal para os idosos do abrigo..... 120

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	13
2	**JUSTIFICATIVA**	23
3	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	25
3.1	**Conceito geral de letramento**	28
3.2	**Letramento no ensino fundamental**	29
3.3	**Atividades e alternativas para o letramento na escola básica**	31
3.4	**Projetos de letramento**	34
3.5	**Formação cidadã dos alunos**	35
4	**METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS**	38
5	**NARRATIVAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA FAMILIAR/RUA/ BAIRRO (BIOGRAFIAS), RELATOS DE EXPERIÊNCIA (AUTOBIOGRAFIAS), O TEXTO DE OPINIÃO E O JORNAL ESCOLAR**	50
6	**AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS AVÓS - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O PRIMEIRO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**	57
6.1	**A abertura do projeto: respeito ao idoso**	57
6.2	**Segunda atividade - as memórias literárias, roteiro de entrevista informal e preparação para tomar notas**	61
6.3	**Terceiro momento - discussão e roda de leitura e de conversa**	65
6.4	**Quarto momento - discussão e roda de leitura e de conversa**	66
6.5	**Quinto momento - as produções das histórias de vida**	68
6.6	**Considerações parciais**	72
7	**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A VISITA A UM ABRIGO PARA IDOSOS - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O SEGUNDO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**	76
7.1	**Primeira atividade - preparação para a visita ao abrigo de idosos**	76
7.2	**Segunda atividade - a visita ao abrigo de idosos**	77
7.3	**Terceira atividade - roda de leitura e de conversa, discussão em sala**	82
7.4	**Quarta atividade - produção dos relatos de experiência**	83
7.5	**Continuando as produções dos relatos de experiência - percalços no processo**	85
7.6	**Finalizando os relatos de experiência e organizando o debate regrado**	88
7.7	**Considerações parciais**	89

8 O TEXTO DE OPINIÃO - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O TERCEIRO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS..... 95
8.1 Primeira atividade - preparação para o debate regrado..... 95
8.2 Segunda atividade - o debate regrado..... 96
8.3 Terceira atividade - o texto de opinião..... 96
8.4 Considerações parciais..... 98
9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O ÚLTIMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - O JORNAL ESCOLAR..... 102
9.1 Primeira atividade - a culminância do projeto e a gincana escolar..... 102
9.2 Segundo momento - o início do jornal escolar e a apresentação do coral "Rugas de Ouro"..... 106
9.3 Terceiro momento - a produção das notícias para o jornal escolar..... 108
9.4 Quarto momento - finalização do jornal escolar..... 108
9.5 Quinto momento - a socialização e distribuição do jornal escolar..... 109
9.6 Considerações parciais..... 110
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 112
REFERÊNCIAS..... 122
APÊNDICES..... 124
ANEXOS..... 144

1 INTRODUÇÃO

Trabalho como professora de língua portuguesa, desde 2006, na Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo (reformada no início de 2016), pertencente à rede pública de ensino, na cidade de Maceió - AL.

Figura 1- Entrada da escola, antes da reforma.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 2- Entrada da escola, antes da reforma.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 3- Fachada da escola reformada.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 4- Entrada da escola reformada

Fonte: Autora, 2017.

Os alunos que estudam na instituição, em sua maioria, são moradores da periferia urbana de Maceió, residentes de vários bairros: Ponta Grossa, Vergel do Lago, Virgem dos Pobres I, II e III, Vila Brejal, Bom Parto. Esses lugares são conhecidos pelos altos índices de violência e de criminalidade decorrentes do tráfico de drogas. Considero também que

houvesse mais investimentos em projetos sociais, voltados para a cidadania, educação, esporte e lazer da comunidade em geral e principalmente das crianças e jovens, moradores desses bairros, o índice de violência e criminalidade nesses locais poderia reduzir, beneficiando não somente os jovens, mas também a toda sociedade.

Até o ano de 2014, lecionava no turno noturno, porém no ano de 2015, por causa do meu ingresso no Mestrado Profissional, mudei o meu turno de trabalho e passei a lecionar no horário matutino. Todavia, as mudanças não se resumiram apenas à questão da troca do horário. Percebi que os alunos e o contexto de trabalho eram bem diferentes, pois, à noite, os alunos eram maiores de idade e fora da faixa etária. Eram jovens e adultos que trabalhavam em horário comercial e por isso só podiam frequentar a escola à noite. Também era comum, nas classes, adultos que retomavam os estudos depois de haverem abandonado a escola por anos. Tais situações poderiam ser um dos motivos pelos quais demonstravam cansaço, durante as aulas e também não tinham tempo de responder os exercícios passados como tarefa para casa.

Já os alunos da manhã, da turma do 9º ano A[1], com os quais desenvolvi essa pesquisa, eram adolescentes, com faixa etária entre 13 e 16 anos e que ainda não trabalhavam. Além do mais, eram jovens que, durante as aulas, agiam como tantos outros das demais escolas públicas do Brasil (gostavam de conversar muito, ouviam músicas no celular ou ficavam conectados à Internet, não demostravam interesse por conteúdos gramaticais). Isso se materializava em comentários[2] de alguns funcionários e de alguns professores de outras disciplinas, ao dizerem: "Eles são jovens que não querem nada, não sabem nada e não gostam de nada. É uma turma difícil".

Concordei, tendendo a não concordar com esses comentários dos meus colegas, pois, quando olhava para os alunos, via que o problema não eram eles, simples e exclusivamente. Na verdade, as aulas, a escola, bem como o que era oferecido aos alunos não eram atrativos, interessantes. Quero dizer, as aulas que ministrávamos ainda eram limitadas à exposição de conteúdos gramaticais na lousa e resolução de exercícios que, efetivamente, contribuíam muito pouco para o desenvolvimento da competência comunicativa dos nossos jovens estudantes. Também os textos do livro didático apresentavam temáticas que pouco lhes interessavam. Sendo assim, apesar de estarmos no Século XXI, cientes de que os nossos

[1] No ano de 2015, havia na escola três turmas de 9º ano do ensino fundamental, cada uma delas era identificada pelas respectivas letras A, B e C. Eu desenvolvi este trabalho no 9º ano A.

[2] Essa informação foi obtida por meio de conversas informais com funcionários e com professores entre os horários de aulas. Tais conversas foram anotadas por mim no meu "Diário do pesquisador", do dia 07/07/2015 e se encontram no apêndice B.

alunos dessa época, no seu cotidiano e em suas práticas sociais fazem usos frequentes das mais variadas tecnologias e mecanismos de interatividade, eficazes para atrai-los a um mundo de cores, sons, imagens, informações, acontecimentos, descobertas e conhecimentos novos, o que eles têm recebido da escola e de nós, professores, é o oposto de tudo isso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa defendem o ensino da língua por meio dos textos orais e escritos e de um trabalho desenvolvido a partir dos temas transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

Trata-se de um trabalho que busca a efetiva e responsável participação dos alunos como cidadãos, a fim de se ampliar, não só a competência comunicativa deles e outras semelhantes, mas também sua capacidade de análise crítica e reflexão sobre valores e concepções veiculados, de participação e de transformação das questões envolvidas.

Mas na prática, efetivamente, isso não acontece, pois a valorização dos textos orais e escritos tem ficado apenas no âmbito das discussões e orientações pedagógicas.

Nas minhas aulas, por muitos anos, repeti para os meus alunos o que aprendi na minha formação como professora no curso de magistério e na graduação em Letras. Um ensino de Língua Portuguesa encerrando-se em conteúdos gramaticais, deixando de apresentar, portanto, uma concreta e estreita relação com os usos efetivos da linguagem socialmente construídos a partir das múltiplas práticas discursivas.

Assim sendo, desconsiderei que "[...] o destino das coisas e do mundo, somos nós que traçamos. Nessa aventura, a linguagem tem um poder central [...]", (ANTUNES, 2009, p. 44), ou seja, os conteúdos só são úteis, quando os alunos os direcionam para sua própria escrita, no desenvolvimento de uma prática de produção de textos e para a avaliação crítica dos discursos alheios, permitindo-lhes que, assim, obtenham uma significativa atuação social; bom resultado na sua intervenção na prática social, bem como na descoberta de si mesmo. Portanto faz-se necessário considerarmos esse contexto, a fim de que compreendamos que

> enquanto saber a língua identificar-se com saber um amontoado de nomenclaturas, de classificações e regras estáveis, quase dogmáticas; enquanto saber essas coisas constituir um parâmetro de discriminação e exclusão, a escola não terá condições de cumprir seu papel fundamental: favorecer a participação consciente, crítica e relevante das pessoas na construção de um mundo em que todos possam ter vez e voz. (ANTUNES, 2009, p. 44-45).

Com aulas meramente conteudistas, o resultado não poderia ter sido outro _ meus alunos demonstraram desinteresse, impaciência e grande disposição para conversas paralelas nas aulas.

Comecei a me sentir como se estivesse falando sozinha, parecendo ser invisível aos alunos. Era como se estivesse "ensinando para as paredes". Essa metáfora comparativa simboliza que, para mim, dar aula para uma turma cujos alunos não demonstravam interesse pelos conteúdos propostos no livro didático, nem tampouco prestavam atenção às explicações e as atividades, era como ensinar num deserto que é associado a um lugar inóspito, ermo, solitário ou pouco habitado.

Ver, nos meus alunos, apatia e certo desprezo aos conteúdos gramaticais trabalhados nas aulas, levou-me a considerar que eram motivos suficientes para refletir sobre minha prática educacional e questionar o que estava acontecendo nas minhas aulas de Língua Portuguesa.

Não seria legítimo apenas concordar com os comentários dos meus colegas a respeito desses adolescentes, pois, apesar de uma participação mínima nas aulas, o que eles faziam, enquanto eu lhes ensinava me dizia muito (a maioria deles batia papo animadamente, lia e escrevia mensagens nas redes sociais no celular, ouvia músicas e expressava opiniões a respeito de temas dos quais gostava).

Minhas reflexões fizeram sentido para mim, quando das leituras de trabalhos sobre a Etnografia em Contextos Educacionais, sobre Letramentos e durante os encontros com o professor Dr. Paulo Rogério Stella, para orientação da construção deste trabalho do Mestrado profissional de Letras-PROFLETRAS/UFAL.

Entendi que era preciso ouvir meus alunos, olhar para eles, colocando-me no lugar deles para assim descobrir a verdade da situação descrita. Nos dizeres de Oliveira,

> ouvir o aluno significa valorizar o saber e a cultura que ele traz para a escola, significa envolvê-lo no processo educativo, dividindo com ele responsabilidade, tarefas e formas de sentir (entusiasmo, desejo, cansaço, tristeza, alegras, sucesso, incertezas). Trata-se de uma forma de atuar na construção da autonomia tão desejada por todo cidadão, de estudar, aprender, ensinar e conhecer "com o corpo inteiro", no dizer de Freire ([1993] 2002); de atribuir sentido ao mundo objetivo e social, pensando, agindo e sentindo com o outro. (OLIVEIRA, 2014, p. 35).

E assim o fiz. Conversei com os alunos do 9º ano "A" que me falaram a razão de ficarem tão dispersos, desatentos; outras vezes, apáticos às aulas, porém conversavam com os

colegas bem animados nas aulas, falando sobre assuntos do seu cotidiano. A revelação[3] foi bem clara: "Gostamos de ler, de escrever textos; só não gostamos dos assuntos dos textos do livro didático; não são interessantes para nós". "Bom seria que escrevêssemos textos da nossa cabeça". "É bom ler textos com temas polêmicos, estudar o assunto e fazer debate sobre assuntos polêmicos".

A partir daí, compreendi que estava diante de jovens do Século XXI que têm acesso livre ao mundo virtual, cheio de recursos digitais, tecnológicos, atrativos, enquanto eu, professora, na maioria das vezes, estava dando aulas expositivas (do Século XIX), usando a tradicional lousa e o livro didático. Apenas eu falando, falando e falando... E os alunos achando essas aulas chatas, chatas, chatas e cansativas. Sem contar que acabavam decorando regras que, às vezes, não sabiam usá-las na prática.

Meus alunos decoravam informações que não eram significativas para eles, uma vez que lhes apresentava atividades de linguagem descoladas de um contexto sociocultural e "uma ação de linguagem só tem sentido se atender ao interesse do usuário (nesse caso, o aluno) e estiver vinculada a um fato relativo ao mundo social do qual ele faz parte", (OLIVEIRA, 2014, p.33).

Na verdade, percebi que estava oferecendo aos meus alunos um ensino de língua portuguesa encerrando-se em conteúdos gramaticais, desconsiderando que esses conteúdos só são úteis, quando os alunos os direcionam para sua própria escrita, no desenvolvimento de uma prática de produção de textos e para a avaliação crítica dos discursos alheios, permitindo assim que obtenham: uma atuação social eficaz, sucesso na sua intervenção na prática social, bem como na descoberta de si mesmo.

Do mesmo modo, comecei a considerar que eu e a escola não estávamos oferecendo aos alunos um trabalho que favorecesse a participação efetiva deles na construção do conhecimento. Era como se tivéssemos perdido um pouco da nossa identidade como parceiros na construção do conhecimento, pois nos últimos anos, pouquíssimos projetos escolares que envolveram todos os nossos alunos e a comunidade escolar foram desenvolvidos na escola.

Assim sendo, posso dizer que nos esquecemos de que "educar é incluir a vida dos alunos, como seres de projeto, num projeto mais amplo _ o da escola; é articular o vivido ao conhecimento escolar", (OLIVEIRA, 2014, p. 34).

[3] As informações foram obtidas por meio de conversas informais que tive com os alunos, durante as aulas de Língua Portuguesa. Também me revelaram gostar de textos com as temáticas sobre comida, mitologia, ciências, meteorologia, romances, músicas, temas polêmicos etc.

No ano de 2015, a partir das minhas considerações e depois de ouvir um comentário[4] da coordenadora pedagógica que disse que "a maioria dos alunos da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo se referiam aos professores de maneira desrespeitosa, chamando-os de 'velhos'", comecei a refletir a respeito de como poderia desenvolver com os alunos do 9º ano A, do Ensino Fundamental II, um projeto que pudesse ajudá-los a ter uma postura diferente sobre sua vida, as pessoas, a família, a escola e que os levasse a mudar o ponto de vista deles a respeito do mundo.

Fui conversar com a coordenação a qual me explicou que precisaríamos atender a solicitação da 1ª Coordenadoria Regional de Ensino da Rede Pública Estadual de Alagoas (atual Gere), da Secretaria Estadual de Educação, que solicitara a realização de projetos pedagógicos na escola. A coordenadora então propôs que, nós, professores, desenvolvêssemos com os alunos, no segundo semestre de 2015, um projeto que abordasse a temática: "Respeito ao idoso[5]".

Mesmo considerando a ideia excelente, o fator tempo começou a me preocupar, uma vez que também, nesse mesmo semestre do ano de 2015, teria que desenvolver o meu projeto do Mestrado para realizar a coleta de dados. Minha angústia agora era: "como executar dois projetos em um curto espaço de tempo e ainda dar conta de ensinar os conteúdos da matriz curricular para a turma do 9º ano A"? O fator tempo não me permitiria. Foi então que considerei a possibilidade de desenvolver este trabalho, a partir do projeto pedagógico que fora proposto pela escola. Conversei com o meu orientador, prof. Dr. Paulo Rogério Stella, expus a minha dificuldade e a possibilidade de articular o meu projeto do Mestrado ao da escola. Ele considerou a proposta viável. Na verdade, ao sugerir a articulação desses dois projetos, concordei com a afirmação de Souza a qual diz que

> a linguagem escrita na escola necessita articular-se a tudo isso, precisa estar em movimento, a serviço da aprendizagem e da reflexão sobre o mundo e sobre o lugar dos estudantes neste mundo. Deve servir para que possam se movimentar com mais autonomia diante dos desafios e ampliar seus horizontes, suas percepções e visões sobre si mesmos e sobre o que os cerca. (SOUZA, 2012, p. 35-36).

Com base nessas informações, com o presente trabalho, procuro levar os alunos do 9º ano "A", do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, da rede pública

[4] Esse comentário foi obtido por meio de conversas informais com a coordenadora pedagógica entre os horários de aulas. Ele e minhas reflexões foram anotados no meu "Diário do pesquisador", do dia 07/07/2015 e se encontram registrados no apêndice B.

[5] A justificativa que a coordenadora escreveu para o projeto: "Respeito ao Idoso" também considerei como depoimento e se encontra no anexo A.

de ensino de Maceió - AL a se interessarem pela produção de textos situada com base em projetos, com vistas a modificar o ponto de vista dos jovens sobre o mundo e a vida, ajudando-os a se perceberem, a pensarem sobre a posição deles nesse mundo, compreendendo, assim, que "ser letrado", neste mundo, é uma posição do sujeito que envolve saber: "quem sou eu"; "eu-cidadão" que tem direitos, deveres e precisa respeitar os "outros" (seres humanos, animais, patrimônios), e se posicionar diante dos problemas e conflitos sem prejudicar nem o "outro," nem a si mesmo.

Passo agora a apresentar meu objetivo geral. A seguir, exporei meus objetivos específicos, as perguntas norteadoras desta pesquisa, os procedimentos que adotei para perseguir meus objetivos específicos, a justificativa para a proposta da pesquisa, um capítulo teórico no qual exporei, brevemente, para minhas reflexões, alguns temas relacionados ao conceito geral de letramento, ao letramento no ensino fundamental, a atividades e alternativas para o letramento na escola básica, a projetos de letramento e à formação cidadã dos alunos. Somando-se a isso, apresentarei a metodologia de coleta de dados.

Por fim discorrerei de forma breve sobre os resultados alcançados e apresentarei a estrutura desta dissertação.

Objetivo geral

Nesta pesquisa, tenho por objetivo levar os alunos a se interessarem pela produção de textos situada com base em projetos.

Objetivos específicos

Para atingir meu objetivo geral, estabeleci três objetivos específicos, a saber:

1. Trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos;

2. Propor atividades que motivem os alunos a se colocarem no mundo;

3. Promover o conhecimento e a familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade, por meio da produção de um jornal situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento.

Perguntas norteadoras desta pesquisa

As perguntas que nortearam esta pesquisa foram:

1. Qual a importância da produção de textos orais e escritos, com base em práticas sociais, na vida dos alunos do 9º ano do ensino fundamental?

2. Como o trabalho com a produção de um jornal escolar pode ser um caminho para a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos e sua familiarização com os textos circulantes em várias esferas da sociedade?

3. Que questões podem surgir para a reflexão sobre a formação de cidadania a partir dos textos dos alunos?

Para alcançar os objetivos, realizei quatro ações com base nos fundamentos da pesquisa narrativa: em primeiro lugar, procedi às produções das narrativas da história de vida (da família, da rua, do bairro); em segundo, as de um relato de experiência sobre uma visita a um abrigo de idosos; em terceiro, produção de textos de opinião. E, em quarto lugar, a de um jornal escolar. Ainda considerando os fundamentos da pesquisa narrativa, de cunho qualitativo, organizei discussões em grupo e um debate regrado público, visando à reflexão da problemática que fundamentou meus objetivos e as perguntas desta pesquisa. Todos os procedimentos que adotei são próprios de trabalhos que se dedicam à pesquisa narrativa: diário do pesquisador, produções de materiais escritos pelos alunos durante as aulas, discussões em grupo e debate.

Minha escolha para trabalhar com a pesquisa narrativa deu-se por concordar com o que afirmou CASEY, apud LIBERALI et al (2003, p. 109) "é por meio de narrativas, [...], que se consegue ordenar a experiência, organizar o princípio da ação humana e reconstruir a identidade".

Por isso considerei que o trabalho com as narrativas das histórias de vida, com os relatos de experiência, as fotografias, as discussões de grupo e o jornal escolar me serviram de estratégias para que eu pudesse compreender a realidade, uma vez que tiveram a função de retratar as experiências vivenciadas e as definições que os alunos e as pessoas me forneceram.

Para alcançar meus objetivos, minha proposta foi a de analisar as produções textuais escritas (enunciados) que materializaram questões relacionadas ao conceito geral de

letramento; ao letramento no ensino fundamental; a atividades e alternativas para o letramento na escola básica, a projetos de letramento e à formação cidadã dos alunos. Trago, portanto, uma pequena justificativa para este trabalho e em seguida o capítulo teórico no qual apresento uma discussão com algumas noções sobre as questões explicitadas anteriormente e que me permitiram caminhar nesta dissertação.

2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho nasceu da preocupação de desenvolver junto aos meus alunos do 9º ano, do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, uma metodologia que propiciasse um envolvimento mais dinâmico e participativo no trabalho de leitura e produção de textos, nas aulas de Língua Portuguesa, corroborando assim com o que preceitua os Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do ensino Fundamental _ Língua Portuguesa, os quais defendem a formação crítica e cidadã dos estudantes, por meio da linguagem. Assim sendo, esta pesquisa justifica-se pela contribuição aos profissionais da área de Língua Portuguesa, à linha de pesquisa em Linguística Aplicada (LA), com interesse em ensino aprendizagem de língua materna (português), letramentos e formação cidadã de alunos, uma vez que propõe uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos), a partir do desenvolvimento de 'Projetos de letramento' concebidos como práticas de letramento, mediadas pela leitura e pela escrita, ou seja, refletir a respeito do processo de envelhecimento na sociedade, observando as práticas de produção textual (oral e escrita) dos alunos.

Aos profissionais da área, aos quais me incluo, o trabalho traz, por meio: do conceito geral de letramento; de considerações sobre letramento no ensino Fundamental; de sugestões de atividades e alternativas para o letramento na escola básica; de considerações e sugestões de projetos de letramento, visando à formação cidadã dos alunos, um repensar sobre nossa atuação, enquanto professores de Língua Portuguesa, para proporcionar um processo de ensino-aprendizagem que desenvolva uma consciência social e cidadã dos alunos do Ensino Fundamental da rede pública a fim de que eles, nos dizeres dos PCN _ Parâmetros Curriculares Nacionais, sejam capazes de

> [...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, *de faixa etária*, de etnia ou outras características individuais e sociais [...]. (PCN, 1998, p. 07). (Grifo meu).

Também nos possibilitará compreender que, quando trabalhamos com 'projetos de letramento', a articulação entre vida e escola passa a ser de natureza sociopolítica, pois neles, a prática social é quem demanda a leitura e a escrita, implicando, assim, ler e escrever para agir no mundo e sobre ele.

E por fim, há uma contribuição para a escola em que trabalho e para os alunos em particular. No tocante à escola, conforme citei na introdução, ela, em alguns anos, deixou de

trabalhar com projetos que envolvessem a participação de todos (alunos, professores, pais, demais profissionais que formam a comunidade escolar, bem como comunidade em geral) e isso resultou que, no meu ponto de vista, a escola na qual ensino foi perdendo, pouco a pouco, sua identidade como uma das principais agências de letramentos.

Tal atitude, somada ao desânimo e desinteresse dos alunos e de alguns professores e funcionários, devido a vários fatores como: gestões ineficientes de alguns diretores, calendário acadêmico atrasado, carência de funcionários e de recursos materiais, desvalorização salarial, condições dignas de trabalho, foi gerando um comodismo e conformismo que, a meu ver, fez-nos esquecer de que "[...] educar é incluir a vida dos alunos, como seres de projetos, num projeto mais amplo _ o da escola; é articular o vivido ao conhecimento escolar". (OLIVEIRA, 2014, p. 34), por isso considero que essa pesquisa oportunizará a todos que formam a escola a compreenderem que trabalhar com 'projetos de letramento' na escola ajudará na construção identitária de cada leitor que também é escrevente, é cidadão, é participante e eleitor.

Para os alunos, não se tratou apenas de se desenvolver um trabalho com a linguagem pura e simplesmente, mas sim, deu-lhes a oportunidade de trabalharem com a linguagem, como afirmou Oliveira (2014, p. 58), exercendo variadas funções: didática, terapêutica, social e de mediação, política e de produção. Todavia, sem dúvidas, considerei que o maior ganho para eles foi o de terem trabalhado com a leitura e a escrita fundamentada na língua como interação que possibilitou não só sua formação cidadã, mas também sua formação crítica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O mundo contemporâneo e sua modernidade trouxeram inúmeros avanços no tocante às tecnologias e ao processo sócio-histórico-educacional. Embora esses avanços sejam notórios, na educação pública do estado de Alagoas, atualmente, ainda persiste, na segunda década desse século XXI, um quadro de ineficácia das práticas didáticas, que pode ser evidenciado pelo IDEB[6] (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), cujo resultado alcançado, no ano de 2013, pela Rede Estadual de Educação do Estado de Alagoas foi de 2.7, ficando bem abaixo da meta projetada que fora de 3.3. Para ir mais além, mais preocupante ainda foi o resultado alcançado pela escola na qual ensino e onde desenvolvi este trabalho, que projetou uma meta de 3.4, mas alcançou apenas 1.9, no IDEB do mesmo ano.

Outros fatos que podem servir de evidência da referida ineficácia referem-se a minha experiência cotidiana de sala de aula, ao expressivo número de reprovação e de evasão, às impressões de desânimo, desinteresse e à resistência da maioria dos alunos (das camadas mais populares que estudam na Rede Pública Estadual de Ensino), frente às propostas de ensino e letramento oferecidas pelas práticas escolares.

Decorrente de tudo isso, estudiosos da Educação têm buscado novos rumos para a prática escolar, considerando assim, a importância de '(re)significarmos' a escola, para que efetivamente se torne uma 'escola ativa' que potencializa o diálogo multicultural, valoriza a experiência reflexiva, a ação coletiva e compartilhada, colocando em diálogo os textos, enunciados e contextos.

Urge que, por intermédio dessa 'escola ativa', os alunos tenham, por fim, a real e significativa possibilidade de participar de maneira ética, crítica e democrática, das variadas práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, visando à construção de sujeitos 'letrados', autores de suas próprias histórias, mais compatíveis com uma cidadania protagonista. Tal postura corrobora com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) que consideram como domínio da linguagem atividades menos conteudistas que focalizam os conteúdos gramaticais, isoladamente, em detrimento de um "[...] conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associada aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização [...]". (KLEIMAN, apud OLIVEIRA et al (2014, p. 29), ou seja, de

[6] Resultado obtido por meio do endereço eletrônico: http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=7771988. (Acessado em 29/02/16).

atividades mais voltadas para a formação social e crítica dos alunos, concebendo a linguagem como prática social que: a) não se efetiva deslocada de um contexto sociocultural; b) não é apenas uma forma de representar o mundo ou atingir propósitos comunicativos a partir da interação, mas também é uma ação de linguagem que só tem sentido se atender ao interesse do usuário (o aluno) e se estiver vinculada a um fato relativo ao mundo social do qual ele faz parte.

Desse modo, nós, professores de Língua Portuguesa precisamos trabalhar as atividades didáticas, objetivando levar os alunos a refletirem sobre a linguagem a fim de compreendê-la e utilizá-la adequadamente em suas relações sociais. Essa mudança na prática docente implica "[...] trazer a linguagem para o centro de atenção na vida escolar, tendo em vista o papel do discurso nas sociedades densamente semiotizadas em que vivemos [...]". (ROJO, 2009, p. 89).

Do mesmo modo, no ensino de língua materna (português) faz-se necessário que nós, professores, compreendamos e façamos com que os alunos também compreendam que, diariamente, em nossas vidas, dentro da escola e além de seus muros,

> são muitos os discursos que nos chegam e são muitas as necessidades de lidar com eles no mundo do trabalho e fora do trabalho, não só para o desempenho profissional, como também para saber fazer escolhas éticas entre discursos em competição e saber lidar com as incertezas e diferenças características de nossas sociedades atuais. Ensinar a usar e entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania, a menos que queiramos deixar grande parte da população no mundo do face a face, excluída das benesses do mundo contemporâneo das comunicações rápidas, da tecnoinformação e da possibilidade de se expor e fazer escolhas entre discursos contrastantes sobre a vida social. (ROJO, apud MOITA LOPES & ROJO, 2009, p. 89).

Uma das características do mundo contemporâneo é a diversidade cultural expressa por textos/enunciados/discursos das diversas culturas. Somando-se a essa diversidade, o avanço da tecnologia nos insere em contextos cada vez mais amplos e heterogêneos, o que nos leva a tentarmos entender de que forma a educação, mais especificamente o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pode contribuir para a formação de cidadãos para a sociedade atual e as futuras.

Uma possibilidade de contribuição seria a escola, "[...] um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, [...]". (ROJO, 2009, p. 106-107) trabalhar a linguagem de forma que possibilite aos alunos a participação nas várias práticas sociais que fazem uso da leitura e da escrita na vida de forma ética, crítica e democrática, considerando os letramentos múltiplos, os letramentos semióticos e os

letramentos críticos, ou seja, é imprescindível que a escola amplie e democratize não só as práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola como também o universo e a natureza dos textos circulantes nela e que o professor passe de mediador do conhecimento para professor-agente de letramento que, segundo Kleiman é

> um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade [...] um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições. (KLEIMAN apud OLIVEIRA et al (2014, p. 56).

Partindo das considerações que foram expostas, é imprescindível apresentar a partir de qual referencial teórico parti. Do mesmo modo, utilizando conceitos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, divido esse capítulo em cinco pontos: 1) Conceito geral de letramento; 2) Letramento no Ensino Fundamental; 3) Atividades e alternativas para o letramento na escola básica; 4) Projetos de letramento; e por fim, 5) Formação cidadã dos alunos.

Também considerando que pesquisas sobre os letramentos direcionadas para a questão pedagógica do ensino de línguas é uma realidade nos mais variados contextos da educação formal brasileira, no âmbito escolar, esse trabalho buscou respaldo teórico nos PCN, por ser um dispositivo legal cuja proposta de trabalho com a leitura e a escrita também está fundamentada na língua como interação que possibilita não só a formação cidadã dos alunos, mas também sua formação crítica.

Para tanto, neste capítulo teórico, utilizei estudos, pesquisas e orientações metodológicas de pesquisadores como Rojo (2009), Kleiman (1995), Oliveira (2014), Carvalho (2013), Souza (2012), Morin (2003) e Minayo (1998).

3.1 Conceito geral de letramento

Segundo Kleiman, "[...] o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o 'impacto social da escrita' (Kleiman 1991) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências *individuais* no uso e na prática da escrita". (KLEIMAN, 1995, p. 15-16).

O termo alfabetização assim como letramento traz consigo a ideia de necessidade da aprendizagem da leitura e da escrita e isso implica podermos considerar que a linha que separa esses dois termos é bastante tênue, mas há diferenças. Enquanto alfabetização diz respeito "[...] ao processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola". (KLEIMAN, 1995, p. 20), letramento, de modo geral, refere-se a um conjunto de práticas sociais que usam a leitura e/ou a escrita, como por exemplo, escrever mensagens fazendo uso de aplicativos de redes sociais, ler livros e notícias para se informar ou para deleite, ler legendas de filmes, usar um caixa eletrônico em um banco, pagar contas, acessar a Internet, apresentar um seminário, participar de um debate regrado, etc, ou como afirma Rojo:

> [...] o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídia, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98).

Assim entendemos que, por ser a escola uma das mais importantes agências de letramento onde convivem letramentos múltiplos, não deve se preocupar apenas com um tipo de prática de letramento, qual seja o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), mas que esboce para os alunos políticas de letramento que realmente sustentem e desenvolvam recursos, processos e metas já existentes e que são requeridos na vida cidadã da atualidade, visto que no cotidiano, os alunos circulam por diversas esferas de atividades (escolar, familiar, religiosa, doméstica, artística etc.), em distintas posições sociais, a saber, produtores/receptores/consumidores de discursos, em diferentes mídia e cultura. Decorrente disso, de igual modo, é preciso incrementar na escola e fora dela os *letramentos críticos*, exigido para o trato ético dos discursos em uma determinada sociedade, posto que contribuem para que os alunos se tornem

> capazes de lidar com os textos e discursos naturalizados, neutralizados, de maneira a perceber seus valores, suas intenções, suas estratégias, seus efeitos de sentido. Assim, o texto já não pode mais ser visto fora da abrangência dos discursos, das ideologias e das significações, como tanto a escola quanto as teorias se habituaram a fazer. (ROJO, 2009, p. 112).

Portanto, ensinar aos alunos a "[...] usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual das comunicações rápidas é tarefa crucial da escola na construção da cidadania [...]". (MOITA LOPES & ROJO apud ROJO, 2009, p. 89). Dessa forma caminharemos numa direção que, com ética plural e democrática e com o fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças, objetiva dar conta das demandas da vida, da cidadania da sociedade globalizada, onde há uma rápida e crescente circulação de informação e comunicação, a fim de proporcionar aos alunos um desenvolvimento integral, diante de uma perspectiva que compreende a prática educativa como algo mais amplo e social.

3.2 Letramento no Ensino Fundamental

A educação brasileira, embora tenha se modificado, mesmo que lentamente, e ampliado o acesso da população à educação básica, nos últimos anos (do final do Século XX até a primeira década do Século XXI), segundo os dados estatísticos do IBGE[7]-Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, pelo censo demográfico de 2010, em alguns estados[8] das regiões Norte e Nordeste do Brasil e inclusive na escola onde ensino e na qual desenvolvi essa pesquisa, os resultados da Prova Brasil/2013[9] (que produziu informações sobre os níveis de aprendizagem[10] em Língua Portuguesa - Leitura) e o Sistema Nacional de Avaliação da

[7] A versão *on-line* do Atlas do Censo Demográfico 2010 pode ser acessada em http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/. (Acesso realizado em 29/02/2016).

[8] Os dados estatísticos do IBGE, obtidos a partir do censo demográfico de 2010, atestam um avanço significativo na redução do número de crianças na faixa etária de 7 a 14 anos fora da escola, que passou de 11,2% para 5,6% e de 7,1% para 3,2%, respectivamente, sobretudo nos Estados do Amazonas, Pará, Roraima, Maranhão, Pernambuco e Alagoas. Também em 2010, o analfabetismo por faixa etária apontou uma diminuição no percentual de brasileiros com idades inferiores a 60 anos que não sabem ler e escrever, sendo 3,0% na faixa de 15 a 29 anos e 9,5% na de 30 a 59 anos.

[9] Disponível in http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/provaBrasilResultados/.

[10] Nível 1 (o estudante provavelmente é capaz de reconhecer expressões características da linguagem (científica, jornalística etc.) e a relação entre expressão e seu referente em reportagens e artigos de opinião. Inferir o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens); Nível 2 (o estudante provavelmente é capaz de localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas. Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais. Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances. Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas. Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião. Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas); Nível 3 (o estudante provavelmente é capaz de localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romances,

Educação Básica (Saeb), ambos são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), objetivando avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro, a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos, apontam um problema no tocante ao nível de proficiência em Língua Portuguesa, dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo.

Os dados publicados pelo Inep/MEC mostram que: dos 35 alunos do 9º ano que realizaram a prova em 2013, somando uma taxa de 71,43% de participação, 22,82% ficaram abaixo do nível 1; 19,93% alcançaram o nível 1; 25,81% alcançaram o nível 2; 14,3% alcançaram o nível 3; 14,25% alcançaram o nível 4 e apenas 2,89% alcançaram o nível 5.

Nenhum aluno alcançou os níveis 6, 7 e 8. Tais dados refletem o tipo de ensino que os estudantes têm recebido, bem como os letramentos desenvolvidos nessa escola pública da rede estadual em Maceió - AL, ou seja, podemos considerar que a escola, principal agência de letramentos, segundo Rojo, "[...] parece estar ensinando mais regras, normas e obediência a

---

diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios). Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. Inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances); Nível 4 (o estudante provavelmente é capaz de localizar informações explícitas em artigos de opinião e crônicas. Identificar finalidade e elementos da narrativa em fábulas e contos. Reconhecer opiniões distintas sobre o mesmo assunto em reportagens, contos e enquetes. Reconhecer relações de causa e consequência e relações entre pronomes e seus referentes em fragmentos de romances, fábulas, crônicas, artigos de opinião e reportagens. Reconhecer o sentido de expressão e de variantes linguísticas em letras de música, tirinhas, poemas e fragmentos de romances. Inferir tema, tese e ideia principal em contos, letras de música, editoriais, reportagens, crônicas e artigos. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em charges e história em quadrinhos. Inferir informações em fragmentos de romance. Inferir o efeito de sentido da pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor ou ironia em tirinhas, anedotas e contos); Nível 5 (o estudante provavelmente é capaz de localizar a informação principal em reportagens. Identificar ideia principal e finalidade em notícias, reportagens e resenhas. Reconhecer características da linguagem (científica, jornalística etc.) em reportagens. Reconhecer elementos da narrativa em crônicas. Reconhecer argumentos e opiniões em notícias, artigos de opinião e fragmentos de romances. Diferenciar abordagem do mesmo tema em textos de gêneros distintos. Inferir informação em contos, crônicas, notícias e charges. Inferir sentido de palavras, da repetição de palavras, de expressões, de linguagem verbal e não verbal e de pontuação em charges, tirinhas, contos, crônicas e fragmentos de romances); Nível 6 (o estudante provavelmente é capaz de identificar ideia principal e elementos da narrativa em reportagens e crônicas. Identificar argumento em reportagens e crônicas. Reconhecer o efeito de sentido da repetição de expressões e palavras, do uso de pontuação, de variantes linguísticas e de figuras de linguagem em poemas, contos e fragmentos de romances. Reconhecer a relação de causa e consequência em contos. Reconhecer diferentes opiniões entre cartas de leitor que abordam o mesmo tema. Reconhecer a relação de sentido estabelecida por conjunções em crônicas, contos e cordéis. Reconhecer o tema comum entre textos de gêneros distintos. Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras de linguagem e de recursos gráficos em poemas e fragmentos de romances. Diferenciar fato de opinião em artigos e reportagens. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em tirinhas); Nível 7 (o estudante provavelmente é capaz de localizar informações explícitas, ideia principal e expressão que causa humor em contos, crônicas e artigos de opinião. Identificar variantes linguísticas em letras de música. Reconhecer a finalidade e a relação de sentido estabelecida por conjunções em lendas e crônicas); Nível 8 (o estudante provavelmente é capaz de localizar ideia principal em manuais, reportagens, artigos e teses. Identificar os elementos da narrativa em contos e crônicas. Diferenciar fatos de opiniões e opiniões diferentes em artigos e notícias. Inferir o sentido de palavras em poemas.

padrões linguísticos que o uso flexível e relacional de conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e de protagonizar relações [...]". Esse pensar encontra-se também norteado por princípios legais presentes na "nova" LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e nos PCN.

Resultados como esses configuram um quadro de ineficácia das práticas didáticas realizadas e nos leva a considerar que é mais que imprescindível que a escola comece a trabalhar, também no Ensino Fundamental, a leitura e a escrita para o mundo contemporâneo, traçando políticas de letramento que realmente sustentem e desenvolvam os recursos, processos e metas que existem e são requeridos na vida cidadã, ou seja, na atualidade, é preciso que a educação linguística leve em conta, de maneira ética e democrática,

> os multiletramentos ou letramentos múltiplos, deixando de ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) e colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais; os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. [...]; os letramentos críticos e protagonistas requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada [...]. (ROJO, 2009, p. 107-108).

Portanto, um caminho para seguirmos, a fim de se reverter os resultados citados anteriormente seria a ampliação e democratização das práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola ou nos dizeres de Carvalho,

> [...] deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo: escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social. (CARVALHO, 2013, p. 69).

Desse modo, o trabalho em sala de aula assumirá como princípio uma visão de linguagem que fornece artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer escolhas éticas entre os discursos em que circulam, problematizando-os, significando-os e/ou (re)significando-os.

3.3 Atividades e alternativas para o letramento na escola básica

A escola pública mudou bastante nas últimas décadas, chegando a atingir a universalização do acesso à educação pública no ensino Fundamental. Todavia, podemos considerar que esse acesso, na prática, não representa qualidade de ensino, porém implica

impactos visíveis nos letramentos escolares: dentro dos espaços da escola pública convivem alunos e professores das classes populares que trazem consigo letramentos locais e globais, conhecidos, influentes, de ampla circulação, bem valorizados na vida cotidiana das pessoas, mas que às vezes são desconhecidos, desvalorizados ou ignorados pela escola. Nessas circunstâncias e levando em consideração que todos nós, interlocutores (escritores e leitores), situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, crenças, histórias, desejos, frustrações, por meio da linguagem (mediante textos orais e escritos), organizamos e expressamos nossas experiências e realizamos interações sociais, construindo significados contextualizados para agirmos na vida social desse mundo globalizado, do qual fazemos parte, há uma implicação prática para a escola, porque como afirmou Rojo,

> [...] possibilita trabalhar em sala de aula com uma visão de linguagem que fornece artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer **escolhas éticas** entre os discursos em que circulam. Isso possibilita aprender a problematizar o discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que desrespeitem a diferença. (ênfase adicionada). (ROJO, 2009, p. 108).

Se o mundo contemporâneo exige que a escola trabalhe com variadas práticas letradas e com textos de diversos gêneros, a 'velha' prática didática 'cristalizada', que tem se mostrado ineficaz, precisa ser repensada, visto que a escola deve "[...] possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**". (ROJO, 2009, p. 107), levando-se em conta os multiletramentos, os letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas. Para isso é preciso que consideremos que

> [...] o letramento escolar tal como o conhecemos, voltado principalmente para as práticas de leitura e escrita de textos em gêneros escolares (anotações, resumos, resenhas, ensaios, dissertações, descrições, narrações e relatos, exercícios, instruções, questionários, dentre outros) e para alguns poucos gêneros escolarizados advindos de outros contextos (literário, jornalístico, publicitário) não será suficiente [...]. Será necessário ampliar e democratizar tanto as práticas e eventos de letramentos que têm lugar na escola como o universo e a natureza dos textos que nela circulam. (ROJO, 2009. p. 108).

Nesse panorama, um caminho possível seria que nós, professores de língua portuguesa, concebêssemos o ensino dessa língua, pautado nos letramentos, visando provocar novos horizontes por meio do trabalho com a leitura e a escrita, numa perspectiva diferente da tradicional, ou seja, ir além da decodificação, para promover a construção de significados contextualizados.

Algumas sugestões de atividades específicas de comunicação podem ser trabalhadas em diferentes projetos de letramento e em diferentes momentos, para ajudar os alunos quanto aos letramentos na escola básica. Também é imprescindível a escola e toda comunidade escolar repensar a forma como tem significado os jovens estudantes da escola básica, pois é comum ouvir falar que os estudantes não se interessam por política, que não apreciam programas culturais, que não gostam de ler e que não sabem escrever ou que leem e escrevem pouco.

Na verdade esses discursos têm se tornado tão 'naturalizantes' que impedem os professores de perceberem que os critérios usados para tais afirmações não são 'legítimos', ou seja, não correspondem à realidade, visto que na sociedade atual, globalizada que tem a tecnologia como sua marca e, portanto, precisa da tecnologia para ser entendida e representada, os jovens estudantes, diariamente, participam, de práticas sociais diversificadas, mediadas pela leitura e pela escrita.

São muitas as práticas de letramentos (que demandam ler, escrever e falar) com as quais os jovens estão envolvidos diariamente: leitura e escrita de mensagens nos aplicativos de várias redes sociais (Facebook, WhatsApp, Messenger, Twitter), e-mails, portais de busca, canais de músicas e vídeos como YouTube e Instagran, leitura de textos religiosos, cursos extracurriculares, entre outros, mas que ainda são pouco ou nada reconhecidos pela escola, mas que são "[...]significativas na constituição de si como sujeitos, como cidadãos, como integrantes de grupos diversificados, nos quais atuam em diferentes papéis sociais". (SOUZA, 2012, p. 15).

Então um caminho possível seria mapearmos o que os nossos jovens estudantes leem e escrevem na escola e também fora dela para compreendermos melhor a realidade na qual estão inseridos e assim podermos lhes propor participar de debates, escrever para alguém, textos de uso corrente na vida social como as narrativas (histórias de vida, relatos pessoais, biografias, autobiografias), textos de opinião, reportagens, cartas, produção de um jornal escolar, poemas, relatórios, rodas de leitura, diários etc, pois assim a leitura e a escrita terão função social, ao passo que se propiciará espaços de questionamentos e reflexões. Com isso, possivelmente, contribuiremos para a formação de leitores e produtores críticos, ativos na sociedade, conscientes de que os significados são construídos. Por fim, tais atividades precisam ter em vista contribuir para se desenvolver, nos alunos, atitudes e valores essenciais ao exercício da cidadania, tornando-os cidadãos mais críticos que compreendem o lugar que ocupam na sociedade e que poderão tomar decisões, fazer julgamentos, atuar crítica e conscientemente frente às questões sociais às quais nos rodeiam.

3.4 Projetos de letramento

Se de um lado, trabalhar o ensino de Língua Portuguesa a partir de 'Projetos de letramento' representa a concepção de 'escola aberta', que segundo Oliveira (2014) baseia-se na relação vida/escola, pautada nos princípios de liberdade, democracia, autonomia e igualdade (requisitos indispensáveis ao exercício da cidadania), buscando, especialmente, processos de mudança e emancipação social e que difere da forma como alguns professores ainda concebem a escola neste atual século XXI, visto que eles têm a "[...] compreensão de escola vista como espaço fechado preocupado exclusivamente com a homogeneização do indivíduo e das práticas sociais e a cristalização de um conhecimento produzido e distribuído de forma desigual na sociedade, [...]". (OLIVEIRA, 2014, p. 12); do outro lado implica lidar com diferentes condutas de adesão e de resistência, devido a diversos fatores os quais Oliveira (2014) descreve como variáreis que podem interferir no seu desenvolvimento:

> estrutura física das escolas, instrumentos necessários ao seu desenvolvimento (recursos logísticos, instrucionais e financeiros), disponibilidade, vontade e competência de professores para se entregar à tarefa e interesse de outros sujeitos sociais envolvidos no processo de ensinar/aprender (alunos, coordenadores, administradores, pessoas da comunidade, por exemplo). (OLIVEIRA, 2014, p. 13).

Mas se para trabalhar com 'projetos de letramento' é preciso lidar com todas essas variáveis que podem interferir no seu desenvolvimento, por que então fazê-lo? Para responder a essa pergunta, faz-se necessário explicitarmos a definição de "projetos de Letramento", que para Oliveira (2014) é "uma ferramenta que favorece uma aprendizagem contextualizada e, por isso, significativa". Ainda de acordo com Oliveira, os 'projetos de letramento' podem ser entendidos também como "uma alternativa que promete priorizar a inclusão, a partir da participação social e o reposicionamento identitário do professor e do aluno", além de contribuir para ressignificar as práticas de leitura e escrita no contexto escolar e promover interações de confiança, afeto e satisfação pessoal.

Assim sendo, considero que qualquer professor (e eu me incluo aqui também) que continua a preparar suas aulas de língua portuguesa, focalizando os conteúdos gramaticais, isoladamente, caminha rumo a um trabalho estéril que não traz implicações na vida dos alunos para atuarem na sociedade e isso significa o contrário do que se pode chamar de educação cidadã. Portanto, o desenvolvimento de "projetos de letramento", na escola e fora dela pode ser uma alternativa de ressignificação do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, não se pode negar que nos lançar a um modo diferente de ensinar e aprender é um desafio enorme para todos que fazem a educação (professores, alunos, coordenadores, gestores, pais, demais

profissionais que constituem a comunidade escolar e da circunvizinhança), mas os possíveis ganhos farão valer a pena.

Como professora, refletir a respeito de iniciar um trabalho com "projetos de letramento", fez-me questionar e pensar com criticidade sobre: o que estou ensinando, para quem, por quê, para quê, que aluno quero formar, quais metas tenho para a escola e para a vida. Também me perguntei: do ponto de vista classificatório, os conteúdos que tenho abordado nas minhas aulas de língua portuguesa serão utilizados pelos alunos nas situações cotidianas das diferentes esferas da vida social das quais participam ou minha ação pedagógica apenas começa e termina na sala de aula sem implicações para a vida do meu aluno?

Levando-se em conta os resultados[11] do Ideb e da Prova Brasil, no ano de 2013, alcançados pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental, da minha escola, bem como pela minha experiência cotidiana das salas de aula e pelas impressões de desânimo, desinteresse dos alunos pelos conteúdos abordados durante as aulas, se perguntássemos aos alunos se consideram importantes esses conteúdos, provavelmente, diriam que não veem sentido no que estamos ensinando em sala de aula. E eles estão certos, pois como afirmou Oliveira, "[...] uma ação de linguagem só tem sentido se atender ao interesse do usuário (nesse caso o aluno) e estiver vinculada a um fato relativo ao mundo social do qual ele faz parte". (OLIVEIRA, 2014, p. 33).

Nessa perspectiva, trabalhar com "projetos de letramento" é educar para a vida, é compreender que "[...] educar é incluir a vida dos alunos, como seres de projetos, num projeto mais amplo _ o da escola; é articular o vivido ao conhecimento escolar". (OLIVEIRA, 2014, p. 34). Tudo isso, sem se esquecer da importância de se valorizar o saber e a cultura que os alunos trazem para a escola, ouvindo-os, envolvendo-os no processo educativo, dividindo com eles responsabilidades, tarefas e formas de sentir, para se construir uma cidadania de direitos e deveres, pensando, agindo e sentindo com o outro.

3.5 Formação cidadã dos alunos

Pensar em formação cidadã dos alunos implica partilhar com eles novas formas de buscar o conhecimento, além de lhes promover um caráter investigativo. Para isso, é imprescindível compreender que ensinar língua portuguesa vai além de transmitir

[11] Ver resultados apresentados no item 3.2 - Letramento no Ensino Fundamental.

conhecimento. É ensinar aos alunos novas maneiras de se buscar conhecimentos diferentes para seus interesses, para suas necessidades. É antes de tudo, entendermos que

> a missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária. (MORIN, 2003, p. 98).

No mundo atual, detentor de um grande poder científico e tecnológico e onde a ideia de desenvolvimento (tecnoeconômico) está fundamentada na concepção de progresso pela industrialização, ignora-se, "[...] os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura". (MORIN, 2003, p. 82). Tal atitude, considero que seja um problema para a construção da cidadania nos alunos, por isso cabe também à Educação colaborar para que os jovens passem a "[...] conceber o desenvolvimento de forma antropológica, porque o verdadeiro desenvolvimento é o desenvolvimento humano". (MORIN, 2003, p. 102) e a ausência desse desenvolvimento, possivelmente, aumentará o que segundo Morin (2003), já existe nas civilizações:

> uma penúria afetiva e psíquica, o subdesenvolvimento do espírito humano, a miséria mental das sociedades ricas, a carência de amor das sociedades ricas, a maldade e a agressividade miserável dos intelectuais e universitários, proliferação de ideias gerais vazias e de visões mutiladas, a falta de humanidade, a perda da globalidade, do fundamental e da responsabilidade. (MORIN, 2003, p. 103).

Dentro desse panorama, desenvolver "projetos de letramento" é contribuir para a formação cidadã dos alunos, proporcionando-lhes um desenvolvimento humano cuja finalidade deve ser "[...] viver com compreensão, solidariedade e compaixão. Viver melhor, sem ser explorado, insultado ou desprezado". (MORIN, 2003, p. 105). Tais considerações também são apontadas nos PCN (1998), em alguns dos objetivos do Ensino Fundamental para os alunos, que precisam

> compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; [...] desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de interrelação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; [...]. (PCNs, 1998, p. 07).

Tudo isso a partir de uma aprendizagem horizontal, cujo papel do professor, nos dizeres de Oliveira,

> não é o de planejar e executar, tampouco o de fazer para o aluno, e sim fazer com ele, atuando em parceria, apoiados no conhecimento, nas habilidades e experiências de cada um, o que significa dizer que ambos aprendem e ensinam, ou seja, são sujeitos ativos no processo de produzir conhecimentos que permitam compreender fatos da atualidade vivenciada por todos [...] e buscar alternativas para a transformação do cotidiano. Assim procedendo, estarão construindo, certamente, a sua consciência individual e coletiva, noutros termos, a sua cidadania. *Uma cidadania de direitos e de deveres.* (OLIVEIRA, 2014, p. 37-38). (Grifo da pesquisadora).

Por fim trabalhar a formação de cidadania nos alunos é "[...] ensinar e aprender para a (e na) vida, aprendendo para agir em diferentes contextos, a partir do que foi aprendido, conforme exija a situação comunicativa em que nos envolvemos". (OLIVEIRA, 2014, p. 69), investindo, segundo FREIRE, apud OLIVEIRA et al (2014, p. 76) "em um processo coletivo de conscientização do mundo não como ele é, mas como 'está sendo', o que implica chamar à responsabilidade cada cidadão na luta por um mundo mais próspero e justo para todos".

4 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

Agora apresento minha metodologia de pesquisa.

Segundo Minayo (1998, p. 9-10) o homem sempre se preocupou com o conhecimento da realidade, por isso busca conhecê-la por meio da ciência. De igual modo, as religiões, as filosofias, os mitos e as artes também procuram explicar os significados da existência individual e coletiva.

Para a autora (1998, p. 10-12) na sociedade ocidental, mesmo sendo a ciência a forma hegemônica de construção da realidade, ainda há controvérsias, questionamentos, sobre a cientificidade das ciências sociais e uma busca por soluções e respostas para problemas globais como a pobreza, a fome, a miséria, a violência.

Ainda de acordo com Minayo (1998, p. 10-13) "o campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições", e por isso devemos repensar a cientificidade como uma ideia reguladora de alta abstração, uma vez que a história da ciência revela o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento.

Desse modo, concordo com o pensamento da autora que diz que o objeto de estudo nas ciências sociais é histórico e, portanto, possui consciência histórica, havendo assim uma identidade entre sujeito e objeto, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos.

Neste trabalho científico no qual fiz uso de uma pesquisa narrativa de cunho qualitativo, percorri alguns caminhos: primeiramente, trilhei teorias, métodos, princípios e estabeleci meus resultados; depois, repensei, revi, retifiquei, ratifiquei o caminho, abandonei algumas vias até caminhar para certas direções que considerei coerentes com esta pesquisa qualitativa, porém tendo em mente o que afirma Minayo:

> e ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído. (MINAYO, 1998, p. 12-13).

Minayo (1998, 14-16) entende a pesquisa qualitativa nas ciências sociais como a união entre teoria, pensamento e ação, e trata da metodologia adequada para reconstruir de acordo com a teoria o seu significado. Já sobre a metodologia, entende como "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade", ou seja, a junção de conteúdos, pensamentos e existência, sem separar a teoria e o método e sem se endeusar as técnicas, todavia sempre se considerando a criatividade do pesquisador que é insubstituível.

A respeito do que é a pesquisa, a autora (1998, p. 17-20) afirma que é a junção entre teoria, pensamento e ação. A teoria, sendo o conhecimento de que o pesquisador se serve no processo de investigação, explica parcialmente a realidade através de um sistema organizado de proposições que orientam a obtenção de dados com construções lógicas. Já os pensamentos, que podem ser conceitos e proposições, têm papel fundamental na construção de sentido em relação ao estudo do objeto da pesquisa. Os conceitos servem para ordenar objetos e processos que devem ou não ser examinados, investigados e construídos, enquanto ação diz respeito à atuação dos participantes da pesquisa, visando mudar o contexto onde atuam.

Para esta pesquisa, importa a compreensão do que é a pesquisa qualitativa nos dizeres de Minayo (1998, p. 21) "a pesquisa qualitativa [...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado". Ou seja, ela se preocupa em investigar o universo de significados dos fenômenos sociais, carregados de subjetividade e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e dos processos que não podem ser quantificados, diferentemente da pesquisa quantitativa que se preocupa com dados estatísticos, traduzidos objetivamente com quantificação dos resultados. Porém esses dados quantitativos e qualitativos não se opõem, complementam-se, interagindo dinamicamente fim de se excluir possíveis as dicotomias.

Minayo (1998, 25-26) também apresenta as fases da pesquisa que se inicia com o ciclo da pesquisa, que é como tudo se inicia, formado por um problema, uma pergunta, conceitos, métodos e técnicas; depois se passa à fase exploratória, na qual se constrói o projeto de investigação; em seguida vem o trabalho de campo, etapa que combina entrevistas, observações, levantamento de material documental, bibliográfico, etc e, por fim, a fase do tratamento do material coletado, da ordenação, da classificação e da análise propriamente dita.

Acredito que o trabalho com narrativas, histórias de vida, biografias, autobiografias e jornal escolar é uma estrada produtiva, um caminho frutífero, ou seja, um meio de criar um espaço para que os alunos participantes desta pesquisa reflitam sobre seu posicionamento como cidadãos de direitos e de deveres, pois apesar dos grandes avanços científicos e tecnológicos que têm beneficiado as sociedades modernas da atualidade, eles não foram eficazes para solucionar ou minimizar a crise educacional que continuamos vivendo. Em pleno início do Século XXI, essa crise não diz respeito apenas à desvalorização dos profissionais da educação e à falta de recursos materiais que possibilitam um padrão mínimo de funcionamento das escolas das redes públicas de ensino.

Ainda é grande o quadro dos alunos que desistem ou abandonam a escola e a esse cenário, acrescentaram-se as violências, o desrespeito, as drogas, etc, além de uma desenfreada valorização do culto ao mercado, "[...] onde a capacidade de competir sobressai como virtude e competência, ocultando e deixando à margem necessidades humanas básicas, universais e essenciais à construção da dignidade [...]" (MORIN, 2003, p. 7-8).

A sociedade (e eu aqui me incluo) precisa ter consciência de seu subdesenvolvimento mental, psíquico, afetivo, humano que ainda não conseguimos superá-lo, visto que

> o desenvolvimento deveria ter como finalidades: viver com compreensão, solidariedade e compaixão. Viver melhor, sem ser explorado, insultado ou desprezado. Isso supõe que, no prosseguimento da hominização, exista necessariamente uma ética do desenvolvimento, sobretudo porque já não há uma promessa e uma certeza absoluta de uma lei do progresso. (MORIN, 2003, p. 105).

Nessa perspectiva, na qual se reconhece que é papel da educação reforçar as atitudes de aptidões que permitam superar os obstáculos que as estruturas burocráticas e as institucionalizações das políticas unidimensionais produzem, além de ampliar as autonomias individuais e efetivar o crescimento das participações comunitárias, desde as participações locais até as participações planetárias, visto que "[...] existe, sem dúvida, uma penúria afetiva e psíquica maior ou menor em todas as civilizações, e em toda parte há graves subdesenvolvimentos do espírito humano [...]" (MORIN, 2003, p. 103), esse projeto se desenvolve harmoniosamente a esses pressupostos, lidando com a educação e linguagem (que são aspectos essencialmente políticos da vida), de forma pedagógica e política, buscando refletir sobre e problematizar ao mesmo tempo em que se posiciona como intervencionista da realidade, sabendo que para superá-la, carecemos cada vez mais de espíritos aptos a apreender seus problemas fundamentais, que assumam a necessária condição de cidadãos.

De igual modo precisamos saber "quem somos", "o que nos determina", "o que nos esclarece", "o que nos afeta", "o que nos ameaça". Enfim, é imprescindível que as escolas públicas abandonem as práticas de ensino que formam mentes redutoras e unidimensionais, incapazes de perceberem as dimensões dos problemas e alheias às emoções, às paixões e alegrias, aos sofrimentos, às tristezas, às infelicidades, às dores, às esperanças e às crenças que fazem parte da vida e constituem a essência da existência do ser humano.

Faz-se necessário um ensino que busque focalizar a linguagem como prática social, observando-a em uso e reconhecendo fatores contextuais os quais não permitem uma delimitação de domínio, ou seja, que compreenda a linguagem como a Análise do Discurso que

> concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2001, p. 15).

Também esse trabalho se insere em um movimento contínuo e autorreflexivo dos (des)caminhos das práticas sociais e converge com o papel problematizador das mesmas.

Com base no que foi exposto, ao desenvolver essa pesquisa lidei com algumas dimensões que a tiraram do campo do senso comum, destacando, assim a *dimensão ideológica* na qual se admite que a investigação não é neutra, ou seja, o conhecimento científico "[...] é sempre histórico e socialmente condicionado[...]" (MINAYO, 2002, p. 35). Tal destaque se justifica pela forma com que tratei os dados coletados e por esta pesquisa se caracterizar por um estudo de sentido social de um dado aspecto em contextos particulares, cujos recortes espaciais, necessários para análise, são intrinsecamente ligados a um recorte sócio-histórico, uma vez que

> [...] o lugar primordial é o ocupado pelas pessoas e grupos convivendo numa *dinâmica de interação social*. Essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma *construção teórica* para transformá-los em *objetos de estudo* [...]. (MINAYO, 2002, p. 54, grifo do autor).

Nesse contexto de relações entre a linguagem, a Linguística Aplicada, a Análise do Discurso e os processos de pesquisa, voltados à dinâmica das relações entre as pessoas, utilizei a metodologia de coleta de dados que considerei condizente com a fluidez e dinamicidade dos fatos sociais. Assim, no que diz respeito ao objetivo geral do meu trabalho, que é levar os alunos a se interessarem pela produção de textos situada com base em projetos, pretendo reforçar neles o respeito pelos idosos, bem como a valorização da vida, da família, de si mesmo e do outro e para isso optei pelas produções textuais: narrativas das histórias de vida (familiar/rua/vila/bairro), relatos de experiência sobre a visita a um abrigo de idosos, discussão de grupo, textos de opinião, fotografias e jornal escolar.

Optei, para atingir os objetivos desta pesquisa, pelo desenvolvimento de uma proposta de pesquisa narrativa, que também se insere no campo da pesquisa qualitativa de cunho social, pois, segundo os conceitos apresentados por Minayo (1998), trata-se de um estudo de fenômenos sociais ocorridos na sala de aula com alunos do 9º ano do ensino fundamental, que como sujeitos participantes deste trabalho, vivenciaram os processos interativos que me ajudaram a compreender as várias maneiras como os alunos fizeram sentido através da linguagem, pois segundo CASEY, apud LIBERALI et al (2003, p. 109) "é por meio de

narrativas, [...], que se consegue ordenar a experiência, organizar o princípio da ação humana e reconstruir a identidade".

As narrativas das histórias de vida, os textos de opinião, os relatos de experiência, as discussões em grupo e o jornal escolar também serviram de estratégias de compreensão da realidade, cuja função foi retratar as experiências vivenciadas e as definições que os grupos e as pessoas me forneceram.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa não apresentei nenhum esquema estrutural, por considerar que era importante que os atores sociais, enquanto sujeitos-objetos, expressassem-se mais livremente, então, sem um esquema estrutural pronto, foi possibilitado ao informante abordar mais livremente o tema proposto (MINAYO, 2002, p. 58), o que pôde ser favorável à análise, visto que expressaram seu olhar cuidadoso a respeito da própria vivência ou sobre um fato específico, fornecendo assim narrativas repletas de riquezas de detalhes características das experiências pessoais, como afirma Minayo (2002), "[...] esse relato fornece um material extremamente rico para análise do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual". (MINAYO, 2002, p. 59).

Este trabalho, fazendo uso de narrativas biográficas (histórias de vida), autobiográficas (relatos pessoais), textos de opinião e de um jornal escolar, como instrumentos de coleta de dados, busquei desenvolvê-lo sem que houvesse distanciamento na relação pesquisador e atores sociais envolvidos no trabalho, porém num processo de interação entre ambos, visto que, de acordo com Minayo,

> nesse processo, mesmo partindo de planos desiguais, ambas as partes buscam uma compreensão mútua. O objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência. Esse interagir entre pesquisador e pesquisados, que não se limita às entrevistas e às conversas informais, apontam para a compreensão da fala dos sujeitos em sua ação. (MINAYO, 2002, p. 62).

Por conseguinte, ainda concernente aos objetivos específicos, desenvolvi planos de aula para três (3) meses e, ao mesmo tempo em que os aplicava, fazia uso do instrumento reflexivo "diário do pesquisador" e nele, mantive registros das aulas com minhas impressões, observações e reflexões. O diário igualmente me permitiu revisar os procedimentos e atentar para detalhes que, por ventura, puderam ser identificados nas minhas aulas. Somando-se a isso, as aulas conduziram meus alunos às produções escritas que consequentemente me oportunizaram uma reflexão sobre os resultados e reformulações, quando necessárias e possíveis, sobre o que fora planejado. Desse modo, o "diário do pesquisador" funcionou como

documentário e instrumento que estimularam elevados graus de pensamento e uma crescente conscientização sobre os valores pessoais e as teorias implícitas nas ações dos praticantes.

Assim também pude entendê-lo, juntamente com as biografias, as autobiografias e os demais textos de opinião, como produções textuais que atuaram como instrumentos para a autorreflexão crítica.

Ainda atentando para os objetivos específicos desta pesquisa, ressalto que as atividades e estratégias propostas se deram somente após o processo da autorreflexão onde os planos de aula foram revistos, repensados e as produções escritas vistas não apenas como um produto, mas primordialmente como um processo que observou o contexto gerador das ações dos alunos e a relação existente entre a realidade e o tema discutido nas referidas atividades.

A metodologia da coleta de dados foi desenvolvida em decorrência de cada objetivo específico estabelecido, quais foram:

1. Trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos;

2. Propor atividades que motivem os alunos a se colocarem no mundo;

3. Promover o conhecimento e a familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade, por meio da produção de um jornal situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento.

Descrição do Local

Esta pesquisa foi desenvolvida, no segundo semestre de 2015, na Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, entre os meses de agosto a novembro.

Trata-se de uma escola da Rede Pública Estadual de Ensino, de Alagoas. Está situada no bairro Ponta Grossa _ zona Sul de Maceió – AL. Ela possui um amplo espaço físico com: 12 (doze) salas de aula; 01 (um) miniauditório; pátio, contendo áreas cobertas e áreas descobertas; 01 (uma) pracinha de convivência); 01 (uma) quadra poliesportiva; 01 (uma) biblioteca; 01 (um) laboratório de informática e 01 (um) de ciências; 01 (uma) sala de coordenação; 01 (uma) sala de direção; 01 (uma) cozinha com despensa e refeitório; 01 (uma) cantina; 01 (uma) sala de recursos especiais; 02 (dois) banheiros e dois vestuários (para uso dos alunos); 02 (dois) banheiros (para uso dos professores); 01 (uma) secretaria; 01 (uma) sala de arquivo e 01 (uma) sala de professores. A seguir apresento imagens de alguns dos espaços da escola.

Figura 5 - Entrada das salas de aula e pátio.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 6 - Pátio coberto

Fonte: Autora, 2017.

Figura 7 - Praça de convivência

Fonte: Autora, 2017.

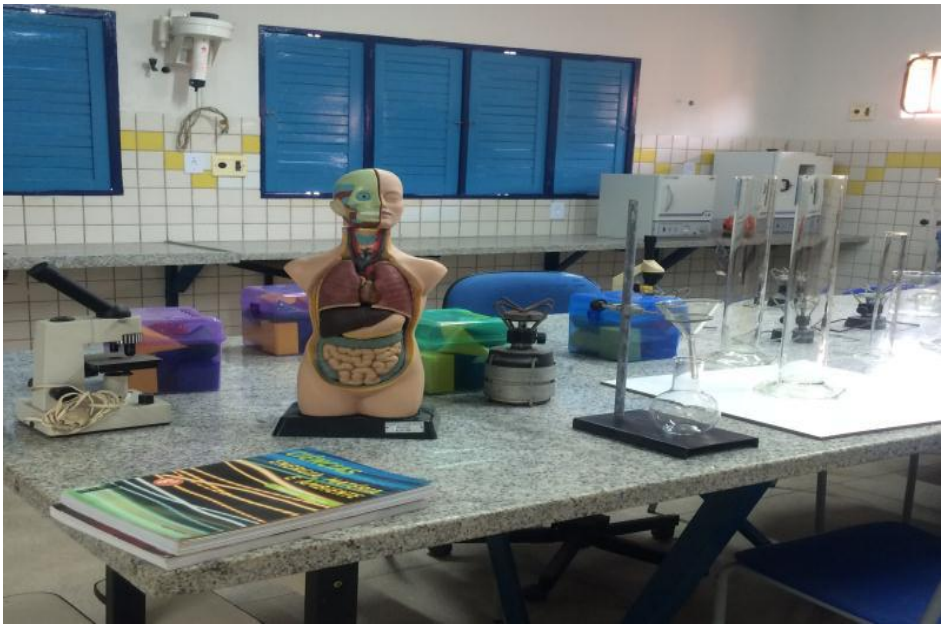
Figura 8 - Quadra poliesportiva

Fonte: Autora, 2017.

Figura 9 - Laboratório de Informática

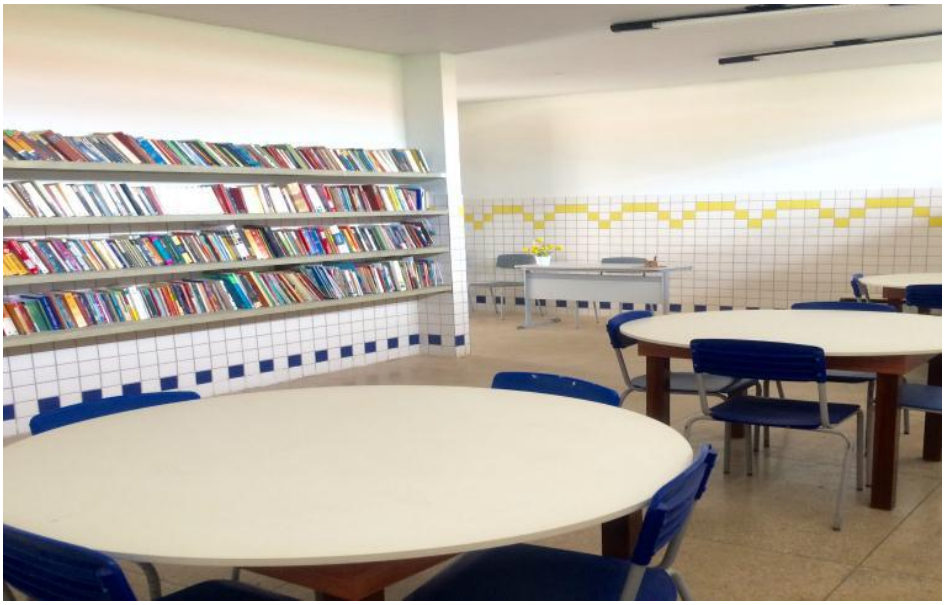
Fonte: Autora, 2017.

Figura 10 - Laboratório de Ciências



Fonte: Autora, 2017.

Figura 11 - Biblioteca

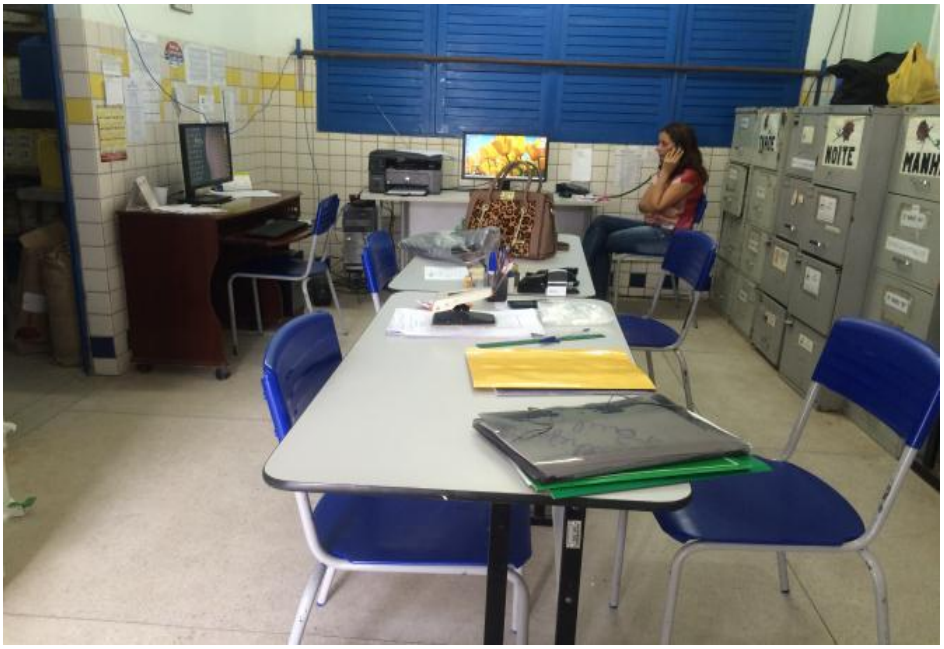


Fonte: Autora, 2017.

Figura 12 - Sala dos professores

Fonte: Autora, 2017.

Figura 13 - Secretaria Geral



Fonte: Autora, 2017.

Figura 14 - Refeitório

Fonte: Autora, 2017.

Os participantes da pesquisa

A escolha da turma na qual desenvolvi esta pesquisa se deu pela coordenação pedagógica que, em uma conversa informal, comunicou-me que escolhera a turma do 9º ano "A" para eu desenvolver este trabalho por se tratar de uma turma que, segundo os comentários de alguns professores e da própria coordenação, era problemática, já que os alunos não demonstravam se interessar pelos estudos nem pelas aulas. Era uma turma do período matutino, com 26 alunos matriculados, com faixa etária entre 13 e 16 anos, e moradores de bairros da periferia urbana de Maceió - AL, localizados na circunvizinhança da escola.

Agora, no capítulo a seguir, passo a apresentar algumas considerações e discussão sobre os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa.

5 NARRATIVAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA FAMILIAR / RUA / BAIRRO (BIOGRAFIAS), RELATOS DE EXPERIÊNCIA (AUTOBIOGRAFIAS), O TEXTO DE OPINIÃO E O JORNAL ESCOLAR

Ao se falar sobre a vida do outra e sobre si mesmo, constroem-se histórias a partir da interpretação que cada sujeito faz de informações recebidas. Se levarmos em conta que cada sujeito é diferente, as interpretações também são diferentes. Isso implica dizer que as realidades apresentadas por cada indivíduo são diferentes também. Logo, as narrativas e os relatos de experiência produzidos por cada aluno representam o reconhecimento da compreensão que cada um teve das pessoas idosas e dos eventos da vida delas. De igual modo as autobiografias, nos dizeres de Bruner e Weisser (1995, p. 145) forçam uma interpretação, uma vez que toda forma autobiográfica é interpretativa.

De acordo com Bruner e Weisser (1995, p. 145) "a função última da autobiografia é a autolocalização [...]. Por meio dela, identificamo-nos com uma família, uma comunidade e, indiretamente, com a cultura mais ampla".

Trabalhar com a autobiografia possibilitará aos meus alunos transformar a vida em textos. E como afirma Bruner e Weisser (1995, p. 149) "é só pela textualização que podemos 'conhecer' a vida de alguém. O processo da textualização é complexo, uma interminável interpretação e reinterpretação".

Também acredito que as biografias, autobiografias e as narrativas de vida são atividades importantes para se relatar o passado, libertar-se de modos que já foram estabelecidos e organizar respostas ao futuro, posto que toda forma de interpretação nos leva a um mergulho reflexivo em nossos próprios pensamentos e nos levará a autoconsciência.

Por fim as biografias, as autobiografias, os relatos de experiência, os textos de opinião e narrativas de vida também podem revelar aspectos desconhecidos dos próprios alunos participantes, ou até conhecidos, que explicitarão pontos de vistas e/ou crenças.

O jornal escolar

A ideia desse instrumento de coleta de dados surgiu a partir de uma leitura dos PCN _ Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (1998, p. 23-24), quando o mesmo afirma que nas atividades de ensino de Língua Portuguesa é necessário contemplar

> a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas [...] é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCN, 1998, p. 23-24)

Creio ainda que a atividade de produção de um jornal escolar corrobora com os objetivos gerais de Língua Portuguesa que estão pautados nos PCN (1998, p. 32) visto que ela possibilita ao aluno fazer uso da linguagem "na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso".

Os dados coletados por meio dos instrumentos citados acima estão atrelados às minhas perguntas de pesquisa:

- Qual a importância da produção de textos orais e escritos, com base em práticas sociais, na vida dos alunos do 9º ano do ensino fundamental?

- Como o trabalho com a produção de um jornal escolar pode ser um caminho para a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos e sua familiarização com os textos circulantes em várias esferas da sociedade?

- Que questões podem surgir para a reflexão sobre a formação de cidadania a partir dos textos dos alunos?

Nos tópicos que seguem, faço uma descrição das sequências didáticas e detalho os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados durante cada aula.

Antes de iniciar a aplicação das sequências didáticas, já com um novo olhar para minha prática pedagógica, escutei meus alunos, pois entendi que são sujeitos sociais que têm voz e não podem ser silenciados. Pretendia não simplesmente lançar a proposta de atividades para eles, mas levá-los a refletir sobre como cada um estava significando o "outro", a "vida", os "idosos". Era preciso fazê-los acreditar que para o trabalho que desenvolveríamos, seria necessário exercitarem a escuta atenta para compreenderem a importância dos idosos na sociedade e produzirem textos com bases em próprias práticas sociais, a partir de reflexões sobre sua formação de cidadania.

Considerando que as biografias, as autobiografias, os relatos de experiência, os textos de opinião e as narrativas de vida são pertencentes a um gênero textual como quaisquer outros, ponderei que, como professora, poderia fazer uso de uma sequência didática para ensinar aos meus alunos a produzir tais textos, gradualmente, passo a passo, por ser a sequência didática um conjunto de atividades planejadas e relacionadas entre si que visa explorar diversos modelos de gêneros textuais, para ensinar os alunos a conhecer suas características próprias e praticar aspectos relacionados a sua escrita, antes de construírem uma produção final.

Ao desenvolver esse trabalho, por meio de sequências didáticas, levei em consideração a afirmação dos pesquisadores Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os quais levam em conta que o trabalho a partir de uma sequência didática como um procedimento de ensino-aprendizagem organizado e importante é relevante, porque se trabalha com os alunos o funcionamento, a função, as condições de produção e a circulação dos textos nos diferentes gêneros e contextos aos quais estão inseridos. Além de que, quando organizamos atividades em sequências didáticas, há o envolvimento de vários objetivos: desenvolver a capacidade comunicativa dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem; criar contextos reais de produção com atividades diversificadas, e nos dizeres dos mesmos pesquisadores, possibilitar aos alunos conhecerem um "conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral e escrito". (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 96).

Assim sendo, para responder aos questionamentos das minhas questões de pesquisa, planejei as sequências didáticas, priorizando o trabalho com os textos orais e escritos, nas áreas de leitura e produção de textos, segundo as principais orientações nacionais (PCN _ Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa, 1998) e estadual (Referencial Curricular da Educação Básica para as Escolas Públicas de Alagoas, 2010) o qual expõe, como algumas das aprendizagens básicas esperadas, em Língua Portuguesa, para os alunos, ao final do 9º ano do Ensino Fundamental: i) utilizar a linguagem oral e escrita de acordo com o contexto de comunicação; ii) identificar diferentes gêneros textuais a partir da sua estrutura; iii) estabelecer relações entre partes de um texto por meio dos principais elementos de coesão (coerência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical); iv) produzir textos, utilizando regularidades linguísticas e característica específicas do gênero e v) utilizar com propriedade e desenvoltura os padrões de escrita em função das exigências do gênero e das regularidades linguísticas.

A seguir, apresento os quadros com as sequências didáticas, destacando o objetivo específico para cada instrumento de coleta, período, atividades propostas e resultados esperados. Depois, no capítulo 5, explico como foram os processos de desenvolvimento das atividades propostas nas referidas sequências:

Tabela *1*- Metodologia de Coleta de dados

Objetivo específico				
1. Trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos.				
Instrumentos de coleta de dados	**Período de coleta**	**Quantidade de documentos**	**Atividades propostas**	**Resultados esperados**
1. Planos de aula: 01, 02 e 03, no apêndice A; 2. Diário do pesquisador, no apêndice B (folhas: 1, 2, 3 e 4). 3. Entrevista informal. apêndice C; 4. Narrativas das histórias de vida da família (rua/bairro). Anexo: B[12].	agosto e setembro de 2015	22 textos produzidos (narrativas das histórias de vida)	1. Preparação para tomar notas dos relatos de vidas; 2. Roda de leitura e de conversa; 3. Roteiro de entrevista informal 4. Leitura da memória literária: "Parecida, mas diferente," da escritora Zélia Gattai.	Produção de narrativas orais e escritas da história de vida dos avós; Valorização e reconhecimento, por parte dos alunos, das histórias de vida dos avós.

Fonte: Autora, 2017

[12] No anexo B, apresento apenas fragmentos retirados de 06 narrativas das histórias de vida escritas por 06 alunos.

Tabela *2*- Metodologia de Coleta de dados

Objetivo específico[13]				
1. Trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos.				
Instrumentos de coleta de dados	**Período de coleta**	**Quantidade de documentos**	**Atividades propostas**	**Resultados esperados**
1. Plano de aula: 04, no apêndice A; 2. Diário do pesquisador, no apêndice B. (folhas: 5, 6 e 7). 3. Conversa informal com idosos de um abrigo; 4. Fotografias (figuras: 32, 33, 34 e 35); 5. Produção escrita de um relato pessoal sobre a experiência da visita ao abrigo para idosos. Anexo: C[14]	setembro e outubro de 2015	20 textos coletados (relato pessoal)	1. Preparação para tomar notas dos relatos de vidas; 2. Visita a um abrigo de idosos; 3. Roda de leitura e de conversa;	Produção de relatos pessoais orais e escritos sobre a experiência da visita ao abrigo para idosos; Valorização e reconhecimento, por parte dos alunos, das pessoas idosas da família e da sociedade geral, e das histórias de vida do idoso como parte importante da construção identitária da sociedade. Além de vivenciarem a realidade sobre o resultado do envelhecimento na sociedade.

Fonte: Autora, 2017

[13] Nesta segunda tabela com a sequência didática, os instrumentos de coleta de dados e as atividades propostas estão também relacionados ao primeiro objetivo específico já apresentado na tabela 1.
[14] No anexo C, apresento apenas fragmentos retirados de alguns dos relatos pessoais escritos pelos alunos.

Tabela *3*- Metodologia de Coleta de dados

Objetivo específico				
2. Propor atividades que motivem os alunos a se colocarem no mundo.				
Instrumentos de coleta de dados	**Período de coleta**	**Quantidade de documentos**	**Atividades propostas**	**Resultados esperados**
1. Plano de aula: 05, no apêndice A; 2. Diário do pesquisador; no apêndice B. (folhas: 8, 9, 10 e 11). 3. Produção de um texto de opinião sobre o tema: *Abrigo de idosos: o melhor lugar para alguém viver quando já estiver na velhice.* Anexo: E[15].	meses: setembro e outubro de 2015	22 textos coletados (texto de opinião)	1. Leitura de textos que abordem a questão do envelhecimento; 2. Exibição de matérias jornalísticas sobre questões relacionadas ao envelhecimento e as demências ocasionadas pela velhice; 3. Debate regrado, Anexo: D; 4. Roda de leitura e de conversa;	1. Produção oral e escrita de texto de opinião; 2. Respeitar e valorizar as pessoas idosas em geral; 3. Propor soluções simples, possíveis e viáveis que ajudem a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

Fonte: Autora, 2017

[15] No anexo E, apresento apenas fragmentos retirados de alguns dos Textos de opinião escritos pelos alunos.

Tabela *4*- Metodologia de Coleta de dados

Objetivo específico				
3. Promover o conhecimento e a familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade, por meio da produção de um jornal situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento.				
Instrumentos de coleta de dados	**Período de coleta**	**Quantidade de documentos**	**Atividades propostas**	**Resultados esperados**
1. Plano de aula 06, no apêndice A. 2. Diário do pesquisador, no apêndice B. (folhas: 12, 13 e 14); 3. Produção de um jornal escolar situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento. Anexo: F[16]	meses: outubro e novembro de 2015	01 jornal escolar (22 alunos participaram da produção)	1. Leitura de textos que abordem a questão do envelhecimento; 2. Pesquisas de textos e imagens sobre o envelhecimento; 3. Escolha (votação) para a escolha dos cadernos e do nome do jornal; 4. Características de uma notícia jornalística; 5. Produção de notícia jornalística;	1. Familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade; 2. Produção de notícias e textos jornalísticos;

Fonte: Autora, 2017

[16] O anexo F contém apenas algumas das páginas do jornal escolar, produzido pelos alunos.

6 AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS AVÓS - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O PRIMEIRO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

6.1 A Abertura do projeto: Respeito ao idoso

Para os meus alunos escreverem as narrativas das histórias de vida (familiar/rua/vila/bairro), não poderia simplesmente pedir que chegassem a suas casas e dissessem aos familiares que a professora de Língua Portuguesa deles lhe pediu que perguntassem aos avós qual a história de vida deles, pois eu tinha a consciência de que não funcionaria dessa forma, uma vez que não estava visando trabalhar um produto, mas processos. Eu não sabia ainda o que meus alunos achavam da ideia e como era o relacionamento deles com os idosos da família. Pensando nisso, planejei, com a toda a escola, para a abertura do projeto e início das atividades, a exibição do filme: *"O Curioso Caso de Benjamin Button*[17]. Na escolha desse filme, levei em conta sua temática por estar relacionada com o assunto do nosso projeto: "Respeito à pessoa idosa," visto que se trata de um drama que aborda a temática do desenvolvimento humano, mostrando as etapas da vida _ infância, adolescência, juventude, fase adulta e velhice.

Minha pretensão foi a de socializar a abertura oficial do projeto com todos, além de integrar os meus alunos, incentivando-os e sensibilizando-os para a realização das atividades.

Na abertura do projeto, dia 13 de agosto de 2015, combinei com os professores e funcionários, e fizemos pipoca para todos os alunos comerem, enquanto assistiam ao filme.

Nesse dia, organizamos o espaço do pátio da escola, colocamos um telão com um datashow e quando já estava tudo instalado, pedimos que os alunos trouxessem as cadeiras das salas de aula. Todos se acomodaram e demos início a nossa sessão de cinema cultural, conforme imagens ilustrativas a seguir:

[17] Esse filme foi baixado em 10/08/2015, do endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=v4IMQgdBML4

Figura 15- Coordenadora na abertura do projeto.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 16- Alunos assistindo ao filme na abertura do projeto.

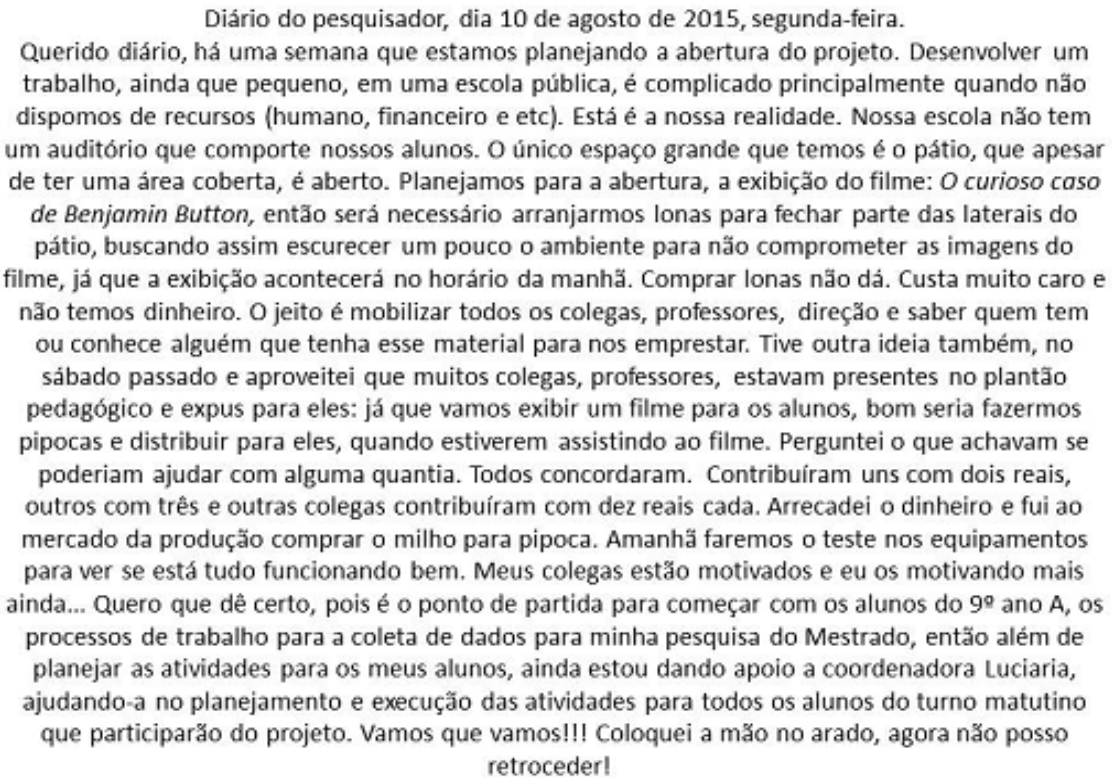
Fonte: Autora, 2017.

O resultado de tudo isso foi muito bom, pois meus alunos começaram a se interessar e a perguntar o que faríamos a partir daquele momento. Foi aí que considerei que era hora de lhes apresentar a primeira atividade - as narrativas das histórias de vida dos avós.

Já na sala de aula, eles se organizaram em um grande círculo para que pudéssemos fazer as discussões sobre o filme. Foi um momento de descontração e aprendizado, porque participaram atentamente, falando o que perceberam e compreenderam da história que haviam assistido. Finalizei esse primeiro momento, no final da manhã, do dia 13 de agosto de 2015. A exibição do filme e as discussões duraram quatro aulas de 50 minutos cada.

É claro que, quando comecei a planejar a abertura do projeto, tinha consciência de que iria me deparar com alguns problemas, percalços, porém não havia tempo para pensar em desânimo, pois sabia que se eu não demonstrasse motivação, meus colegas de trabalho e alunos poderiam se desanimar também. Sendo assim, sempre que possível recorria ao meu "Diário do pesquisador" para expressar como estava sendo planejar a abertura desse evento. Nele falei um pouco sobre minhas frustrações, desânimo e superação, conforme podemos ver, nas imagens a seguir, referentes a algumas páginas do meu diário.

Figura 17- Página do meu Diário do pesquisador.

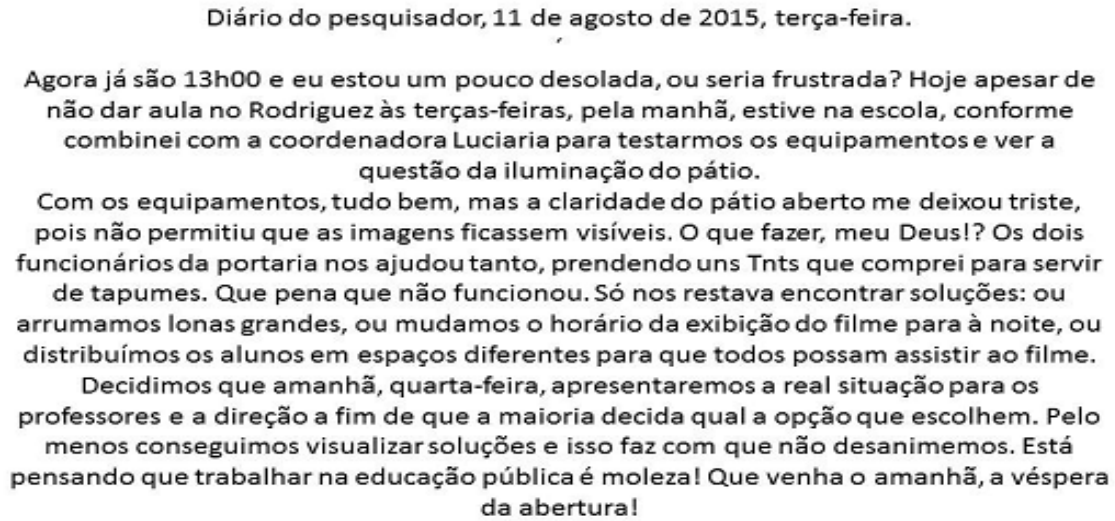


Diário do pesquisador, dia 10 de agosto de 2015, segunda-feira.

Querido diário, há uma semana que estamos planejando a abertura do projeto. Desenvolver um trabalho, ainda que pequeno, em uma escola pública, é complicado principalmente quando não dispomos de recursos (humano, financeiro e etc). Está é a nossa realidade. Nossa escola não tem um auditório que comporte nossos alunos. O único espaço grande que temos é o pátio, que apesar de ter uma área coberta, é aberto. Planejamos para a abertura, a exibição do filme: *O curioso caso de Benjamin Button,* então será necessário arranjarmos lonas para fechar parte das laterais do pátio, buscando assim escurecer um pouco o ambiente para não comprometer as imagens do filme, já que a exibição acontecerá no horário da manhã. Comprar lonas não dá. Custa muito caro e não temos dinheiro. O jeito é mobilizar todos os colegas, professores, direção e saber quem tem ou conhece alguém que tenha esse material para nos emprestar. Tive outra ideia também, no sábado passado e aproveitei que muitos colegas, professores, estavam presentes no plantão pedagógico e expus para eles: já que vamos exibir um filme para os alunos, bom seria fazermos pipocas e distribuir para eles, quando estiverem assistindo ao filme. Perguntei o que achavam se poderiam ajudar com alguma quantia. Todos concordaram. Contribuíram uns com dois reais, outros com três e outras colegas contribuíram com dez reais cada. Arrecadei o dinheiro e fui ao mercado da produção comprar o milho para pipoca. Amanhã faremos o teste nos equipamentos para ver se está tudo funcionando bem. Meus colegas estão motivados e eu os motivando mais ainda... Quero que dê certo, pois é o ponto de partida para começar com os alunos do 9º ano A, os processos de trabalho para a coleta de dados para minha pesquisa do Mestrado, então além de planejar as atividades para os meus alunos, ainda estou dando apoio a coordenadora Luciaria, ajudando-a no planejamento e execução das atividades para todos os alunos do turno matutino que participarão do projeto. Vamos que vamos!!! Coloquei a mão no arado, agora não posso retroceder!

Fonte: Autora, 2017.

Figura 18 - Página do meu Diário do pesquisador.



Diário do pesquisador, 11 de agosto de 2015, terça-feira.

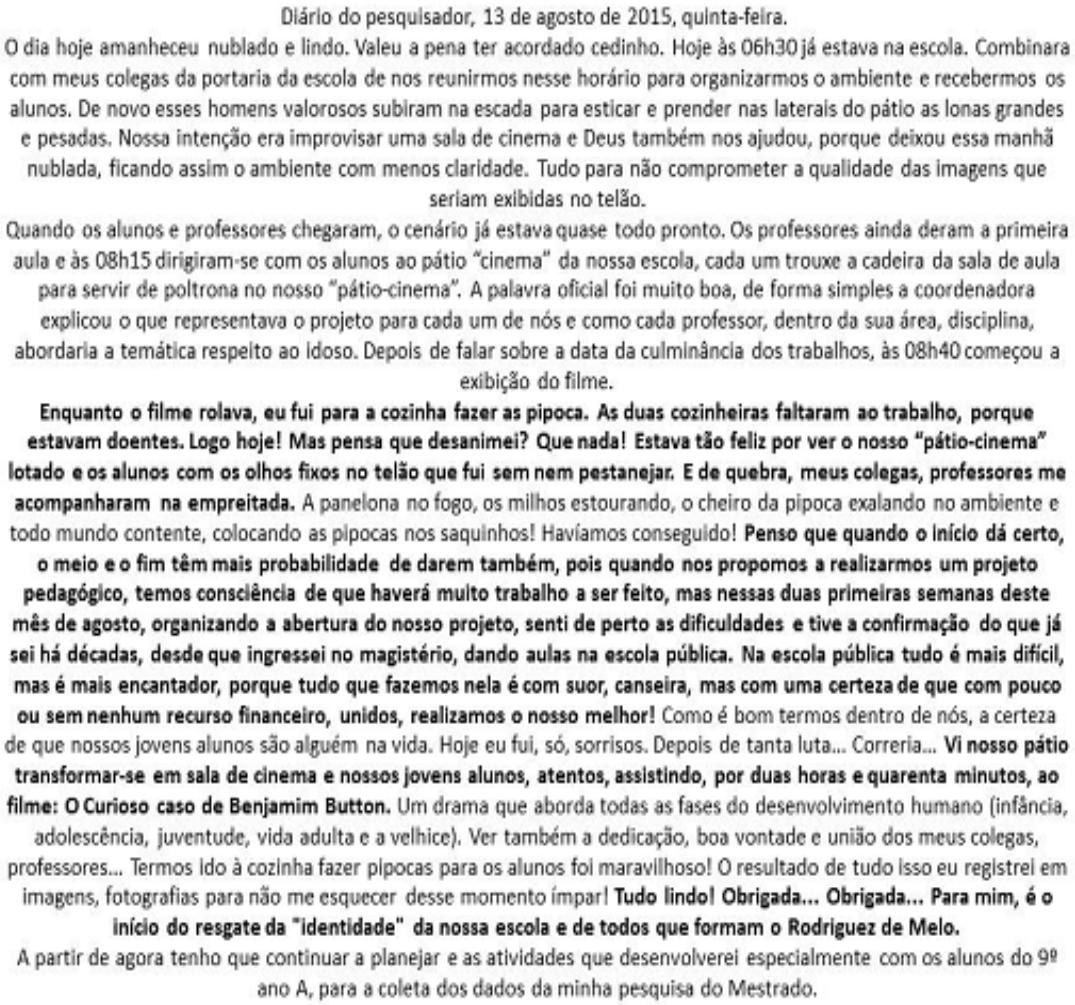
Agora já são 13h00 e eu estou um pouco desolada, ou seria frustrada? Hoje apesar de não dar aula no Rodriguez às terças-feiras, pela manhã, estive na escola, conforme combinei com a coordenadora Luciaria para testarmos os equipamentos e ver a questão da iluminação do pátio.

Com os equipamentos, tudo bem, mas a claridade do pátio aberto me deixou triste, pois não permitiu que as imagens ficassem visíveis. O que fazer, meu Deus!? Os dois funcionários da portaria nos ajudou tanto, prendendo uns Tnts que comprei para servir de tapumes. Que pena que não funcionou. Só nos restava encontrar soluções: ou arrumamos lonas grandes, ou mudamos o horário da exibição do filme para à noite, ou distribuímos os alunos em espaços diferentes para que todos possam assistir ao filme.

Decidimos que amanhã, quarta-feira, apresentaremos a real situação para os professores e a direção a fim de que a maioria decida qual a opção que escolhem. Pelo menos conseguimos visualizar soluções e isso faz com que não desanimemos. Está pensando que trabalhar na educação pública é moleza! Que venha o amanhã, a véspera da abertura!

Fonte: Autora, 2017.

Figura 19 - Página do meu Diário do pesquisador.



Diário do pesquisador, 13 de agosto de 2015, quinta-feira.

O dia hoje amanheceu nublado e lindo. Valeu a pena ter acordado cedinho. Hoje às 06h30 já estava na escola. Combinara com meus colegas da portaria da escola de nos reunirmos nesse horário para organizarmos o ambiente e recebermos os alunos. De novo esses homens valorosos subiram na escada para esticar e prender nas laterais do pátio as lonas grandes e pesadas. Nossa intenção era improvisar uma sala de cinema e Deus também nos ajudou, porque deixou essa manhã nublada, ficando assim o ambiente com menos claridade. Tudo para não comprometer a qualidade das imagens que seriam exibidas no telão.

Quando os alunos e professores chegaram, o cenário já estava quase todo pronto. Os professores ainda deram a primeira aula e às 08h15 dirigiram-se com os alunos ao pátio "cinema" da nossa escola, cada um trouxe a cadeira da sala de aula para servir de poltrona no nosso "pátio-cinema". A palavra oficial foi muito boa, de forma simples a coordenadora explicou o que representava o projeto para cada um de nós e como cada professor, dentro da sua área, disciplina, abordaria a temática respeito ao idoso. Depois de falar sobre a data da culminância dos trabalhos, às 08h40 começou a exibição do filme.

Enquanto o filme rolava, eu fui para a cozinha fazer as pipoca. As duas cozinheiras faltaram ao trabalho, porque estavam doentes. Logo hoje! Mas pensa que desanimei? Que nada! Estava tão feliz por ver o nosso "pátio-cinema" lotado e os alunos com os olhos fixos no telão que fui sem nem pestanejar. E de quebra, meus colegas, professores me acompanharam na empreitada. A panelona no fogo, os milhos estourando, o cheiro da pipoca exalando no ambiente e todo mundo contente, colocando as pipocas nos saquinhos! Havíamos conseguido! **Penso que quando o início dá certo, o meio e o fim têm mais probabilidade de darem também, pois quando nos propomos a realizarmos um projeto pedagógico, temos consciência de que haverá muito trabalho a ser feito, mas nessas duas primeiras semanas deste mês de agosto, organizando a abertura do nosso projeto, senti de perto as dificuldades e tive a confirmação do que já sei há décadas, desde que ingressei no magistério, dando aulas na escola pública. Na escola pública tudo é mais difícil, mas é mais encantador, porque tudo que fazemos nela é com suor, canseira, mas com uma certeza de que com pouco ou sem nenhum recurso financeiro, unidos, realizamos o nosso melhor!** Como é bom termos dentro de nós, a certeza de que nossos jovens alunos são alguém na vida. Hoje eu fui, só, sorrisos. Depois de tanta luta... Correria... **Vi nosso pátio transformar-se em sala de cinema e nossos jovens alunos, atentos, assistindo, por duas horas e quarenta minutos, ao filme: O Curioso caso de Benjamim Button.** Um drama que aborda todas as fases do desenvolvimento humano (infância, adolescência, juventude, vida adulta e a velhice). Ver também a dedicação, boa vontade e união dos meus colegas, professores... Termos ido à cozinha fazer pipocas para os alunos foi maravilhoso! O resultado de tudo isso eu registrei em imagens, fotografias para não me esquecer desse momento ímpar! **Tudo lindo! Obrigada... Obrigada... Para mim, é o início do resgate da "identidade" da nossa escola e de todos que formam o Rodriguez de Melo.**

A partir de agora tenho que continuar a planejar e as atividades que desenvolverei especialmente com os alunos do 9º ano A, para a coleta dos dados da minha pesquisa do Mestrado.

Fonte: Autora, 2017.

6.2 Segunda atividade - As memórias literárias, roteiro de entrevista informal e preparação para tomar notas

Nas aulas seguintes, antes de passar para os alunos que escreveriam as narrativas das histórias de vida dos avós, iniciei a aula com uma conversa, pois gostaria que me falassem como era o relacionamento dos meus alunos com os avós. Para minha surpresa, eles me revelaram que já sabiam a história dos avós e que não costumavam conversar com eles, porque "velhos[18]" falam muito. Confesso que desconfiei da revelação de já conhecerem as histórias dos avós e entendi que era hora de esclarecer o que faríamos nas duas aulas de hoje.

Anotei no quadro o conceito de memórias literárias, pois considerei que é um gênero textual que trabalha com as narrativas e que para produzir uma memória, é necessário o trabalho com a escuta atenta, com a entrevista informal e a tomada de notas.

Como a turma não me pareceu muito interessada em escrever as narrativas das histórias de vida dos avós, e ainda estava organizada em círculo, distribui o texto: *"Parecida, mas diferente",* da escritora Zélia Gattai, para fazermos uma leitura coletiva. Foi um momento proveitoso, pois os alunos quiseram ler e enquanto um fazia a leitura, os demais ouviam atentamente. No final, fizemos a discussão e eu lhes expliquei que se tratava de uma memória literária, um tipo de texto onde o autor, depois de ouvir atentamente a história de alguém e tomar notas, reconta-a com base em sua percepção e sensibilidade. Foi então que lhes expliquei que fariam um trabalho parecido, quando estivessem conversando e escutando as histórias dos avós. A partir daí demonstraram mais interesse. Era como se o fato de terem lido aquela memória, a atividade agora fizesse sentido para eles. Tive a impressão que eles sabiam o que fazer. Seguimos com as discussões. Depois, para ajudá-los com a conversa com os avós, anotei na lousa um pequeno roteiro de uma entrevista informal, contendo as seguintes informações: i) nome e idade do entrevistado; ii) fatos lembrados; iii) temas mencionados; iv) o que mais chamou a atenção.

Confesso que como não pretendia que meus alunos apenas fizessem perguntas fechadas e tomassem notas. Também não determinei que seria necessário seguir tal roteiro, mas deixei claro que era para auxiliá-los no trabalho que desenvolveriam e que poderiam fazer outras perguntas que jugassem necessárias.

Ainda dando continuidade, expliquei-lhes que todos nós temos episódios de vida para lembrar: fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentimos e vivemos esses

[18] Destaquei a palavra 'velhos' apenas em referência à forma como os alunos chamavam as pessoas idosas, segundo comentário da coordenação pedagógica.

sentimentos, porém o que interessa é que essas lembranças são fortes e significativas para quem as conta. Assim sendo, ainda dentro da discussão sugeri que eles, quando fossem conversar com o/a pessoa idosa/a da família, da rua, da vila ou do bairro, explicasse que a escola onde estuam estava desenvolvendo um projeto intitulado: "Respeito ao idoso" e então perguntassem se teria disponibilidade e se gostaria de conversar e contar-lhes as lembranças que têm de alguma passagem marcante da vida dele/a, que lembranças foram essas e por que foram marcantes.

Finalizei esse momento conversando a respeito da importância do registro, que ao tomar nota, registrassem as emoções e sensações que surgirem durante a conversa, que fizessem comparações entre passado e presente, que anotassem os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado/a: cores, cheiros, sabres e movimentos, que anotassem o maior número possível de informações, durante a conversa e que essa atividade os ajudaria com o exercício da audição e da escuta atenta a qual é imprescindível para a formação da cidadania, visto que a nossa sociedade atual ouve o outro cada vez menos. Também combinei com a turma que na semana seguinte, faríamos as discussões em sala para que cada um contasse a experiência de conversar e escutar a história de vida do avô, avó ou idoso/a.

Todo esse trabalho foi realizado, em agosto de 2015, e teve duração de duas aulas de cinquenta minutos. Minha intenção era auxiliar meus alunos com a produção das narrativas orais e escritas das histórias de vida dos avós (da rua/vila/bairro), bem como a valorização e reconhecimento, por parte deles, de tais histórias.

Depois, nas três últimas aulas daquela manhã, levamos todos os alunos ao pátio para prestigiarmos o grupo "Flor da idade," formado por pessoas idosas. Foi um momento para que idosos mostrassem aos jovens o quanto contribuíram e contribuem com a sociedade. Eles apresentaram música, dança, além de falarem o que é ser idoso na sociedade atual. Também eles puderam assistir a uma palestra com uma conselheira tutelar do bairro onde a escola está situada. Na ocasião, a mesma falou para os alunos a respeito da importância do projeto que estávamos desenvolvendo e também aproveitou a oportunidade para falar sobre o Estatuto do Idoso e esclareceu que se trata do dispositivo legal destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Na oportunidade, igualmente explicou a todos os presentes que os idosos gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata o Estatuto e que a lei lhes assegura todas as oportunidades e facilidades, para preservação da saúde física e mental da pessoa idosa, bem como seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Desse modo, é

obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, conforme consta nas disposições preliminares e nos três primeiros artigos do Estatuto do Idoso.

Foi um momento muito rico e esclarecedor para todos nós. Eu registrei as apresentações do grupo musical "Flor da idade", em fotografias, conforme podemos ver a seguir.

Figura 20 - Grupo Flor da Idade se apresentando para os alunos da escola.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 21 - Grupo Flor da Idade se apresentando para os alunos da escola.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 22 - Alunos assistindo à palestra e à apresentação do grupo Flor da Idade.

Fonte: Autora, 2017.

A respeito de como foi planejar essas atividades, minhas frustrações, ansiedade, percalços e alegrias, registrei tudo na página do meu diário do pesquisador. Ver a imagem a seguir.

Figura 23 - Página do meu Diário do pesquisador.

Diário do pesquisador, 19 de agosto de 2015, quarta-feira.

As aulas hoje foram proveitosas, como havia montado um pequeno roteiro para os meus alunos, tratei de distribui-lo com cada um. Eram orientações, ou um pequeno passo a passo para eles anotarem as informações quando fizessem a entrevista sobre as histórias de vida da família. O roteiro essa este: no início conversamos um pouco sobre o filme. Perguntei se entenderam como os fatos foram narrados. Aguardei os comentários e depois complementei, esclarecendo que todos os fatos e a história de vida dos personagens foram narrados a partir da leitura do diário pessoal que fora escrito pelo protagonista. Disse que foi um filme que também mostrou a importância dos registros e escritas das histórias de vida, para se resgatar a memória. Falei que a atividade que eles farão também será um trabalho de construção de identidades, visto que as histórias dos avós e familiares também constitui parte da história de cada um.

Depois conversei com a turma sobre o significado da palavra memórias. Anotei a definição na lousa. Comentei que todos nós temos episódios de vida para lembrar: fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentimos e vivemos esses acontecimentos, mas o que interessa é que essas lembranças foram fortes e significativas para quem as vivenciou. Também sugeri que cada aluno, quando falasse com o avó/vô, explicasse que a escola onde estuda está desenvolvendo o projeto: Respeito ao idoso e que ele gostaria de saber se seu avó ou avô, ou o idoso da rua, ou da vila teria disponibilidade para conversar, contar-lhe as lembranças que tem de alguma passagem marcante da vida dele, falando também porque tais lembranças foram marcantes. Lembrei que será importante anotar o maior número possível de informações durante a conversa com a pessoa idosa. Creio que essa atividade ajudará os alunos com o exercício da audição e da escuta atenta que é imprescindível para a formação da cidadania, visto que a nossa sociedade atual ouve o outro cada vez menos. Combinei de trazerem as anotações para discussão em sala no dia 24 desse mês. Espero que todos consigam fazer o trabalho.

Depois da minha aula, eu, com todos os alunos e os demais professores nos reunimos no pátio para assistirmos a uma palestra com o professor Brancildes, do Cesmac. Foi mais uma manhã especial na escola. Contamos com as presenças ilustres dos idosos do grupo **Flor da idade**. Eles nos cativaram e nos enriqueceram com suas lições de vida e de superação. Ouvimos também as sábias palavras do professor Brancildes (falando a todos os presentes da importância de se valorizar os idosos). Foi um privilégio!!! E ainda contamos com o som e a voz contagiante do grupo musical Flor da Idade. Foi um encontro de gerações!!! Um momento ímpar, que certamente guardaremos em nossa memória e em nossos corações.

E para não perdemos nada, antes do início das apresentações, combinei com os alunos do 9º ano A e alguns aceitaram tomar nota de todas as coisas importantes que seriam tratadas na palestra, para depois escreverem uma matéria sobre esse evento, para publicarmos no jornal escolar que eles produzirão. No final, como em um gesto de gratidão, meus alunos até quiseram tirar fotos com os idosos que abrilhantaram nosso dia. Momentos especiais têm que ser registrados, mesmo.

Valeu Rodriguez!!!

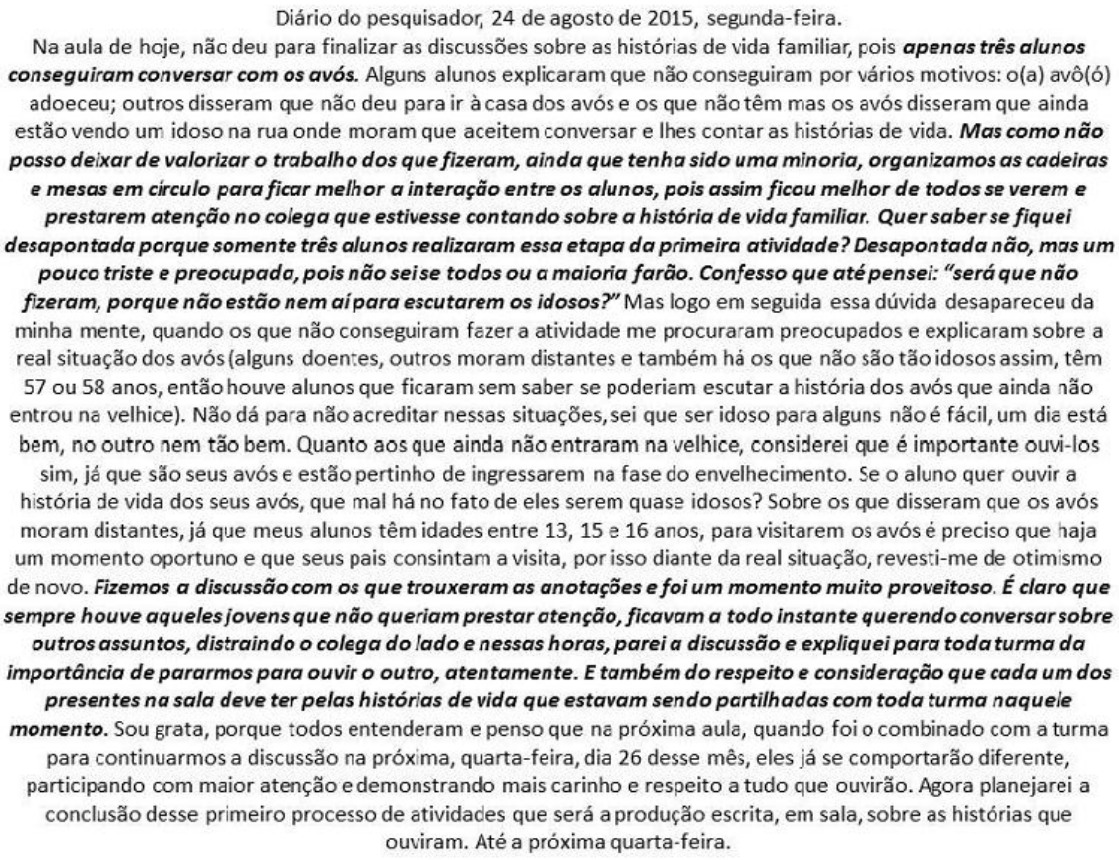
Fonte: Autora, 2017.

6.3 Terceiro momento - Discussão e roda de leitura e de conversa

Para essas duas aulas, para a segunda-feira, 24/08/15, planejara iniciar as discussões, pois acreditava que todos teriam feito a atividade de conversar com o/a idoso/a e tomado nota de suas histórias de vida, uma vez que tiveram um final de semana para tal atividade, mas, para o meu desânimo, apenas três alunos fizeram. Confesso que fiquei desanimada, desapontada e pensei que não conseguiríamos dar continuidade ao trabalho, porque aproximadamente 90% da turma não estavam com as anotações sobre as narrativas das histórias de vida. Cogitei vários motivos para que não tivessem realizado a atividade e foi então que me dei conta do que havia considerado para cada atividade: ouvir sempre os meus alunos, porque são sujeitos sociais que têm voz e não poderiam ser silenciados. Também precisava valorizar o trabalho dos três alunos que trouxeram as anotações sobre os avós. Pedi aos alunos que me ajudassem a colocar as mesas e cadeiras formando um círculo e iniciamos as discussões, mas antes, reforcei para a turma a importância de ouvirmos atentamente o que os colegas nos revelariam. Novamente frisei que deveríamos respeitar e valorizar a história dos avós, porque é também a história de cada um deles, já que a existência de cada aluno está relacionada à existência dos avós. Não foi fácil, porque, como comentara, meus alunos ainda tinham certa dificuldade em parar para ouvir o outro, mas consegui, mesmo com a distração de alguns, a discussão funcionou dentro do esperado. E sabe qual o resultado? Eu que esperava apenas que valorizassem e respeitassem os idosos, essa discussão serviu também para motivar o restante da turma. Então quando encerramos as discussões, alguns alunos vieram conversar comigo e explicaram as razões pelas quais ainda não haviam conseguido conversar com os avós. Eles se desculparam por não terem realizado a atividade e me pediram outro prazo para fazerem. A minha resposta foi sim. Eu tinha tempo suficiente para trabalhar com eles cada atividade, pois a coordenação e a direção me disseram que fizesse o melhor com os alunos e que trabalhasse quantas produções textuais orais e escritas que julgasse necessárias.

Essas considerações apresentadas, também as registrei na página do meu “Diário do pesquisador” e as apresento a seguir:

Figura 24 - Página do meu Diário do pesquisador.



Diário do pesquisador, 24 de agosto de 2015, segunda-feira.

Na aula de hoje, não deu para finalizar as discussões sobre as histórias de vida familiar, pois ***apenas três alunos conseguiram conversar com os avós.*** Alguns alunos explicaram que não conseguiram por vários motivos: o(a) avô(ó) adoeceu; outros disseram que não deu para ir à casa dos avós e os que não têm mas os avós disseram que ainda estão vendo um idoso na rua onde moram que aceitem conversar e lhes contar as histórias de vida. ***Mas como não posso deixar de valorizar o trabalho dos que fizeram, ainda que tenha sido uma minoria, organizamos as cadeiras e mesas em círculo para ficar melhor a interação entre os alunos, pois assim ficou melhor de todos se verem e prestarem atenção no colega que estivesse contando sobre a história de vida familiar. Quer saber se fiquei desapontada porque somente três alunos realizaram essa etapa da primeira atividade? Desapontada não, mas um pouco triste e preocupada, pois não sei se todos ou a maioria farão. Confesso que até pensei: "será que não fizeram, porque não estão nem aí para escutarem os idosos?"*** Mas logo em seguida essa dúvida desapareceu da minha mente, quando os que não conseguiram fazer a atividade me procuraram preocupados e explicaram sobre a real situação dos avós (alguns doentes, outros moram distantes e também há os que não são tão idosos assim, têm 57 ou 58 anos, então houve alunos que ficaram sem saber se poderiam escutar a história dos avós que ainda não entrou na velhice). Não dá para não acreditar nessas situações, sei que ser idoso para alguns não é fácil, um dia está bem, no outro nem tão bem. Quanto aos que ainda não entraram na velhice, considerei que é importante ouvi-los sim, já que são seus avós e estão pertinho de ingressarem na fase do envelhecimento. Se o aluno quer ouvir a história de vida dos seus avós, que mal há no fato de eles serem quase idosos? Sobre os que disseram que os avós moram distantes, já que meus alunos têm idades entre 13, 15 e 16 anos, para visitarem os avós é preciso que haja um momento oportuno e que seus pais consintam a visita, por isso diante da real situação, revesti-me de otimismo de novo. ***Fizemos a discussão com os que trouxeram as anotações e foi um momento muito proveitoso. É claro que sempre houve aqueles jovens que não queriam prestar atenção, ficavam a todo instante querendo conversar sobre outros assuntos, distraindo o colega do lado e nessas horas, parei a discussão e expliquei para toda turma da importância de pararmos para ouvir o outro, atentamente. E também do respeito e consideração que cada um dos presentes na sala deve ter pelas histórias de vida que estavam sendo partilhadas com toda turma naquele momento.*** Sou grata, porque todos entenderam e penso que na próxima aula, quando foi o combinado com a turma para continuarmos a discussão na próxima, quarta-feira, dia 26 desse mês, eles já se comportarão diferente, participando com maior atenção e demonstrando mais carinho e respeito a tudo que ouvirão. Agora planejarei a conclusão desse primeiro processo de atividades que será a produção escrita, em sala, sobre as histórias que ouviram. Até a próxima quarta-feira.

Fonte: Autora, 2017.

6.4 Quarto momento - Discussão e roda de leitura e de conversa

Ainda continuando as discussões, nas duas aulas de hoje, 26/08/15, mais seis alunos trouxeram as anotações obre as histórias de vida dos avós. Par minha surpresa, quando cheguei à sala de aula, os alunos já haviam organizado as mesas e cadeiras, formando um círculo. Demos início às discussões, oportunizando os alunos a contarem o que ouviram dos avós. Foi muito bom, porque além dos demais terem ouvido atentamente os colegas, falando sobre os acontecimentos que estavam sendo narrados, ainda expuseram comentários e opinaram a respeito dos assuntos abordados. Outro ponto positivo que considerei importante foi o fato de terem demonstrado respeito pelas histórias narradas. Quando alguém tentava rir de uma situação que considerou estranha ou engraçada, sempre tinha algum aluno que pedia respeito em consideração pela história de vida de alguém que aceitou partilhá-la com a turma. Achei isso maravilhoso.

Para finalizar esse momento, mais uma vez fizemos a leitura da memória literária de Zélia Gattai: “Parecida, mas diferente”. Foi uma leitura partilhada e coletiva. A maioria participou dentro do esperado. E para não esquecer esse momento, meus alunos me permitiram fazer o registro em fotografias, conforme se pode conferir nas imagens a seguir:

Figura 25 - Alunos participando das discussões sobre as histórias de vida dos avós.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 26 - Alunos fazendo a leitura partilhada da memória literária, de Zélia Gattai: “Parecida, mas diferente”.

Fonte: Autora, 2017.

Todas as considerações e comentários sobre como foi o processo de desenvolvimento desse momento foram registrados, por mim, no meu "Diário do pesquisador" e podem ser vistos na imagem a seguir.

Figura 27 - Página do meu Diário do pesquisador.

Diário do pesquisador, 26 de agosto de 2015, quarta-feira.

A aula de hoje começou muito bem. Quando cheguei à sala, meus alunos já estavam arrumando em círculo, as cadeiras e mesas. Perguntei se queriam sentar em círculo ou se preferiam sentar enfileirados, um atrás do outro. Disseram que era melhor em círculo. Eu os ajudei a organizar a sala. ***Dessa vez, mais seis alunos falaram sobre as histórias de vida familiar que seus avós lhes contaram. Foi muito bom, porque além de terem ouvido atentamente os colegas falando sobre os acontecimentos que estavam sendo narrados, ainda expunham comentários e davam opinião a respeito dos assuntos abordados. Outro ponto positivo que considerei importante foi o fato de demonstrarem respeito pelas histórias narradas. Quando alguém tentava rir de uma situação que considerou estranha ou engraçada, sempre tinha algum aluno que pedia respeito em consideração pela história de vida de alguém que aceitou partilhá-la com a turma. Achei isso maravilhoso.*** Então, no meio da discussão, demos uma pausa de cinco minutos e distribui os pirulitos que comprara para a turma. Eles amaram e eu só para descontrair brinquei com a situação, pois os pirulitos eram em forma de coração, então enquanto distribuía, ia dizendo: "pirulito do amor, chupou se apaixonou!". Até eu gostei desse momento de descontração! ***Depois da pausa voltamos as discussões e o legal foi que os alunos que ainda não haviam conseguido conversar com os avós para anotar as histórias de vida, ficaram animados para trazer as anotações na próxima segunda-feira, 31 de agosto. Acho que hoje a aula foi proveitosa e os alunos gostaram,*** pois como eles teriam a terceira aula vaga, devido a ausência de um professor, perguntei se gostariam que eu voltasse na aula vaga para lermos juntos um texto do gênero narrativo, memória literária, da escritora Zélia Gattai, a fim de se familiarizarem com uma narrativa de memórias. A turma toda concordou e na quarta aula, depois do intervalo, estávamos juntos de novo. A maioria da turma também escolheu ler o texto, então combinamos que cada aluno leria um parágrafo e que todos acompanhariam a leitura para que não perdêssemos o ritmo da história. E assim fizemos. Eu como sempre tratei de registrar em fotografias esses momentos especiais. Também hoje à tarde, já pensando na próxima atividade que desenvolverei com essa turma do 9º ano A, que será levá-los para uma visita a um abrigo de idosos, fui conhecer o abrigo "Casa do Pobre", com a coordenadora Luciaria, para saber quais os procedimentos necessários para que os alunos visitem o local.

Ainda tenho que redigir, junto com ela, o pedido de autorização para que os pais ou responsáveis dos alunos assinem, dando consentimento para que possamos levar seus filhos à visita aos idosos do abrigo. Preciso também planejar a aula para preparar a turma para a visita, para a discussão em sala que acontecerá após a visita e para a produção escrita. Pensar em quais colegas, professores da escola, poderão me ajudar acompanhando os alunos no dia da visita, pois não terei como dar conta de mais de 20 adolescentes fora do ambiente da escola. Ficar responsável, sozinha, por tantos alunos não dá. Creio que meus colegas me ajudarão nessa empreitada. Quanta coisa! Mas estou confiante e entusiasmada! Não sei se conseguirei a participação de todos, em todas as atividades. Farei o meu melhor para que tudo dê certo.

Fonte: Autora, 2017.

6.5 Quinto momento - As produções das Histórias de vida

Conforme havia combinado com a turma, na aula do dia 31/08/15, os alunos, já de posse das anotações, começaram a escrever os rascunhos, na sala de aula, das narrativas sobre as histórias de vida familiar / rua / vila / bairro. Expliquei-lhes que, depois das correções, passariam o texto definitivo a limpo em uma folha padronizada que lhes entregaria.

Para valorizar o trabalho deles, achei que seria importante terem uma folha padrão com cabeçalho e identificação do nome da escola, do aluno e sua série, pois dada a importância da atividade que eles realizavam com tanto empenho, era o mínimo que eu

poderia lhes oferecer, além das minhas orientações. Então depois que fiz a chamada, pedi que cada aluno pegasse as anotações sobre a conversa que tiveram com o avô, a avó e expliquei-lhes como escreveriam as narrativas de vida e da importância de cada um fazer primeiramente um rascunho para posterior leitura e correção. Nesse instante, como é de costume, eles reclamaram um pouco, porque queriam escrever diretamente na folha padronizada que lhes entreguei.

Penso que a maioria dos jovens age assim. Eles não gostam de escrever e depois ter que passar a limpo. Se pudessem, escreveriam apenas uma vez e pronto.

O problema para os alunos não são as correções, mas o que ela implica: uma reescrita. E é disso que os jovens não gostam: escrever o mesmo texto duas ou três vezes. Foi então que tive que lhes falar da necessidade de passarmos a limpo as nossas anotações, uma vez que os nossos pensamentos e as ideias não saem prontos e acabadas da nossa mente para o papel. Necessário se faz ler, reler, modificar, eliminar, substituir, retificar até se chegar ao produto final. Mesmo demonstrando preguiça, eles começaram a escrever as histórias. Alguns até conseguiram finalizar e fizemos as correções ortográficas, de pontuação, emprego de maiúsculas, coerência em alguns tempos verbais. Outros escreveram, mas não deu tempo fazermos as correções, por isso deixamos para fazer na próxima aula, do dia, 02 de setembro.

Outro fato que houve foi que alguns alunos ainda não haviam conseguido conversar com os avós para ouvirem suas histórias de vida, então como imaginara que isso aconteceria, conversei, antes com o meu orientador que me explicou a importância de ouvir esses alunos também para saber o porquê de não terem conversado com os avós. E assim o fiz. Como alguns ficaram envergonhados ao ter que me explicar a razão de não terem escutado a história de vida dos avós. Fiquei surpresa com as explicações. O interessante foi que depois dos relatos, alguns disseram que ainda tentariam conversar com os avós para ouvir suas histórias, o que achei ótimo.

Terminei a aula confiante, já deixando acertado com a turma que continuaríamos com as produções nas próximas aulas.

Ainda continuando a escrita das histórias de vida, nas aulas do dia 02/09/15, mais alguns alunos escreveram as escreveram e continuei com as correções. Para fazê-las, sempre me sentava com meu aluno, individualmente, para que lêssemos juntos e ia dando as orientações quanto às questões de ortografia, pontuação, coesão e coerência. Enquanto o aluno passava seu rascunho a limpo, os demais escreviam ou faziam alguma atividade dos conteúdos trabalhados no livro didático.

É certo que pensei que o cumprimento dessas atividades levaria um curto espaço de tempo, que todos conseguiriam cumprir com os prazos e datas que havia acordado com a turma, mas não aconteceu dessa forma. E eu, para não ser injusta, aprendi a ouvir os que ainda não haviam finalizado as tarefas dentro do prazo, a fim de que me contassem o porquê do atraso.

O curioso foi que esse exercício da escuta colaborou com o meu trabalho de professora e creio que também foi bom para os meus alunos, porque as explicações que me deram pareceu-me sinceras, porque chegaram a reconhecer que deixaram de fazê-las por preguiça, desinteresse, mas que ainda queriam realizá-las.

Considerei de grande importância essas revelações e mesmo seguindo com o que havia programado e acordado com todos da turma sobre as demais atividades, concordei que os alunos que ainda não haviam conversado com seus avós, poderiam ouvir suas histórias, de acordo com o que lhes fosse possível, desde que não os atrapalhasse na realização da próxima atividade que seria a visita a um abrigo de idosos. Eu tomei essa decisão, porque havia entendido que os alunos dependem de nós professores como mediadores na construção do conhecimento; assim também, eu, professora, dependo deles para realizarem as atividades. Trata-se de uma via de mão dupla que tem me propiciado um grande aprendizado.

Cada história de vida que recebi dos meus alunos fez-me perceber que o trabalho valeu a pena. Isso me motivou mais e mais. Encerrei as aulas do dia 02 de setembro, explicando à turma sobre a nossa visita ao abrigo de idosos que fora agendada para o dia 09 de setembro de 2015, às 14h00. A maioria da turma ficou animada para a visita, mas ainda houve alguns alunos que não demonstraram interesse nesse trabalho. Eu, particularmente, senti-me ansiosa para que aquele dia chegasse logo. Enquanto isso, segui, incentivando a turma para ver se conseguiria animar os que não demostravam interesse nessa atividade.

Já nas duas aulas do dia 09/09/15, pela manhã outros alunos trouxeram as anotações sobre as histórias de vida. Fizemos mais uma roda de conversa, que serviu para que eles socializassem com a turma o que ouviram dos avós. Depois fizeram as produções das histórias de vida e eu pude ajudá-los com as correções.

No final desse processo de realização do primeiro instrumento de coleta de dados, depois de muito trabalho, muita reflexão e paciência, dos 26 alunos da turma, 22 escreveram as narrativas das histórias de vida, depois de conversarem com os avós ou com um idoso da rua, da vila ou do bairro onde residem.

E a mim coube anotar nas páginas do meu “Diário do pesquisador”, (ver imagens nas próximas páginas), como me senti antes, durante e depois de realizarmos essas atividades.

Figura 28 - Página do meu Diário do pesquisador

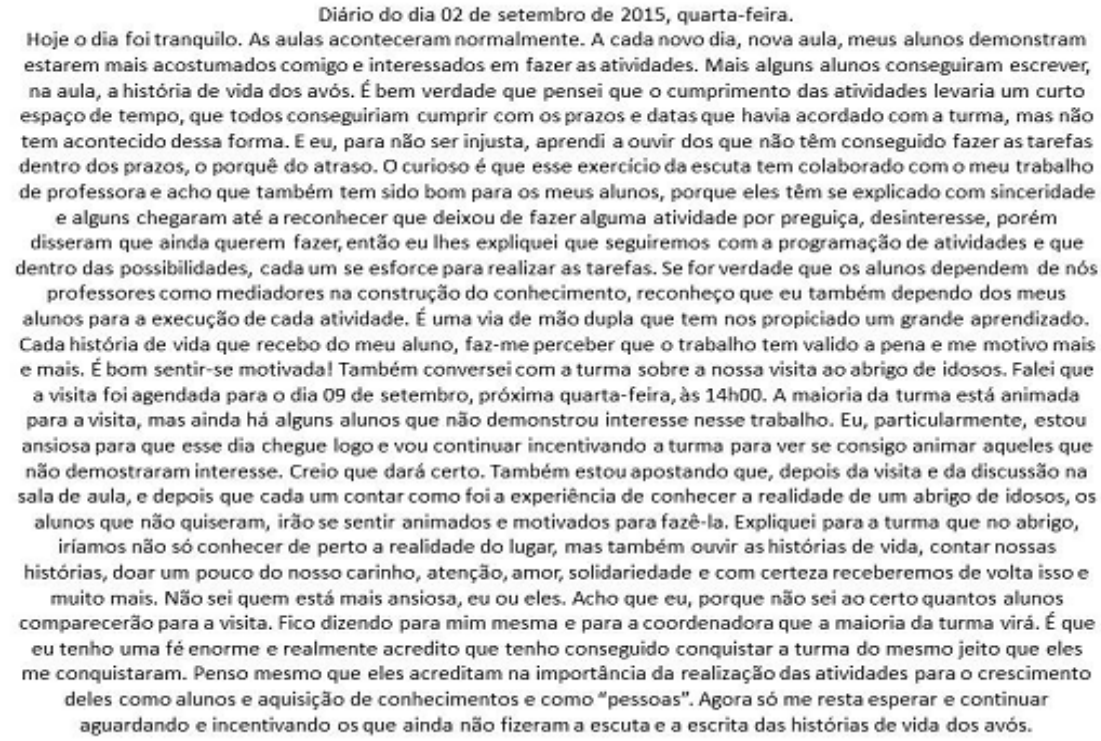
Diário do dia 31 de agosto de 2015, segunda-feira.

A aula de hoje transcorreu conforme o planejado, graças a Deus. Na quarta-feira passada, havia combinado com a turma que, na aula dessa segunda-feira, 31, escreveriam as narrativas sobre as histórias de vida familiar / rua / vila / bairro, por isso elaborei e imprimi e levei para cada um, uma folha padrão para o texto definitivo. Achei que seria importante fazermos um trabalho organizado, numa folha padrão com cabeçalho, identificando o nome da escola, do aluno e sua série, pois dada a importância da atividade que eles realizaram com tanto empenho, era o mínimo que eu poderia lhes oferecer, além das minhas orientações. Então depois que fiz a chamada, pedi que cada aluno pegasse as anotações sobre a conversa que tiveram com o avô, a avó e ***expliquei-lhes como escreveriam as narrativas de vida e da importância de cada um fazer primeiramente um rascunho para posterior leitura e correção. Nesse instante, como é de costume, eles reclamaram um pouco, porque queriam escrever diretamente na folha padronizada que lhes entreguei. Penso que a maioria dos jovens age assim. Eles não gostam de escrever e depois ter que passar a limpo.*** Se pudessem, escreveriam apenas uma vez e pronto! O problema para eles não são as correções, mas o que ela implica: uma reescrita. E é disso que os jovens não gostam: escrever o mesmo texto duas ou três vezes. Aí tive que lhes falar da necessidade de passarmos a limpo as nossas anotações, uma vez que os nossos pensamentos e as ideias não saem prontos e acabadas da nossa mente para o papel. Necessário se faz ler, reler, modificar, eliminar, substituir, retificar até se chegar ao produto final. Mesmo demonstrando preguiça, eles começaram a escrever as histórias. Alguns até conseguiram finalizar e fizemos as correções ortográficas, de pontuação, emprego de maiúsculas, coerência em alguns tempos verbais. Outros escreveram, mas não deu tempo fazermos as correções. Deixamos para fazer na próxima aula, quarta-feira, 02 de setembro. Todavia, houve alunos que ainda não conseguiram conversar com os avós para ouvirem suas histórias de vida, então como já havia imaginado que isso aconteceria, conversei antes com o meu orientador que me explicou a importância de ouvir esses alunos também para saber o porquê de não terem conversado com os avós. E assim o fiz. Depois de explicar a razão de não terem escutado as história de vida, fiquei surpresa com as explicações. O interessante é que depois dos relatos, alguns disseram que ainda tentariam conversar com os avós para ouvir suas histórias. Achei isso maravilhoso! Terminei a aula confiante. Agora é esperar as próximas aulas para a conclusão dessa atividade nesta semana. Espero que dê tempo, pois auxiliar as correções de tantas redações demanda um tempo considerável. Ao final de todas as aulas, hoje ainda fui com a coordenadora Luciaria conhecer o abrigo para idosos: Casa do Pobre, que fica próximo à nossa escola. É que como levarei a turma do 9º ano para conhecerem um abrigo para idosos, a fim de ouvirem as histórias deles e conhecerem a realidade dessa espécie de lar, a coordenadora se prontificou a me ajudar, então fomos lá para saber os procedimentos necessários para fazermos uma visita. Depois de conversarmos com o coordenador do local, ele já deixou agendado para o dia 09 de setembro, às 14h00, a visita ao local. Agora preciso pedir a secretária da escola que me ajude a preparar o termo de autorização para os pais assinarem, permitindo que seus filhos façam a visita e o ofício de solicitação que levarei ainda esta semana ao abrigo. Também preciso conversar com a turma a respeito dos produtos que levaremos como doação para os idosos que residem no abrigo. Creio que vai ser uma experiência nova e enriquecedora para mim e os alunos.

Fonte: Autora, 2017.

.

Figura 29 - Página do meu Diário do pesquisador.



Diário do dia 02 de setembro de 2015, quarta-feira.

Hoje o dia foi tranquilo. As aulas aconteceram normalmente. A cada novo dia, nova aula, meus alunos demonstram estarem mais acostumados comigo e interessados em fazer as atividades. Mais alguns alunos conseguiram escrever, na aula, a história de vida dos avós. É bem verdade que pensei que o cumprimento das atividades levaria um curto espaço de tempo, que todos conseguiriam cumprir com os prazos e datas que havia acordado com a turma, mas não tem acontecido dessa forma. E eu, para não ser injusta, aprendi a ouvir dos que não têm conseguido fazer as tarefas dentro dos prazos, o porquê do atraso. O curioso é que esse exercício da escuta tem colaborado com o meu trabalho de professora e acho que também tem sido bom para os meus alunos, porque eles têm se explicado com sinceridade e alguns chegaram até a reconhecer que deixou de fazer alguma atividade por preguiça, desinteresse, porém disseram que ainda querem fazer, então eu lhes expliquei que seguiremos com a programação de atividades e que dentro das possibilidades, cada um se esforce para realizar as tarefas. Se for verdade que os alunos dependem de nós professores como mediadores na construção do conhecimento, reconheço que eu também dependo dos meus alunos para a execução de cada atividade. É uma via de mão dupla que tem nos propiciado um grande aprendizado. Cada história de vida que recebo do meu aluno, faz-me perceber que o trabalho tem valido a pena e me motivo mais e mais. É bom sentir-se motivada! Também conversei com a turma sobre a nossa visita ao abrigo de idosos. Falei que a visita foi agendada para o dia 09 de setembro, próxima quarta-feira, às 14h00. A maioria da turma está animada para a visita, mas ainda há alguns alunos que não demonstrou interesse nesse trabalho. Eu, particularmente, estou ansiosa para que esse dia chegue logo e vou continuar incentivando a turma para ver se consigo animar aqueles que não demostraram interesse. Creio que dará certo. Também estou apostando que, depois da visita e da discussão na sala de aula, e depois que cada um contar como foi a experiência de conhecer a realidade de um abrigo de idosos, os alunos que não quiseram, irão se sentir animados e motivados para fazê-la. Expliquei para a turma que no abrigo, iríamos não só conhecer de perto a realidade do lugar, mas também ouvir as histórias de vida, contar nossas histórias, doar um pouco do nosso carinho, atenção, amor, solidariedade e com certeza receberemos de volta isso e muito mais. Não sei quem está mais ansiosa, eu ou eles. Acho que eu, porque não sei ao certo quantos alunos comparecerão para a visita. Fico dizendo para mim mesma e para a coordenadora que a maioria da turma virá. É que eu tenho uma fé enorme e realmente acredito que tenho conseguido conquistar a turma do mesmo jeito que eles me conquistaram. Penso mesmo que eles acreditam na importância da realização das atividades para o crescimento deles como alunos e aquisição de conhecimentos e como "pessoas". Agora só me resta esperar e continuar aguardando e incentivando os que ainda não fizeram a escuta e a escrita das histórias de vida dos avós.

Fonte: Autora, 2017.

6.6 Considerações parciais

No desenvolvimento das atividades para a coleta de dados desse primeiro instrumento histórias de vida dos avós / rua / vila / bairro – os alunos participaram de diversas tarefas. É bem verdade que a realização de cada atividade não foi tão fácil, uma vez que tive que contar, inicialmente, com certa resistência e/ou certo desinteresse por parte de alguns alunos para começarem a fazer as tarefas propostas. Positivamente, preciso reconhecer que os momentos das discussões em grupo (rodas de leitura e de conversa) foram bastante positivos. Também a cada discussão realizada, a turma era motivada, contribuindo com a realização das atividades.

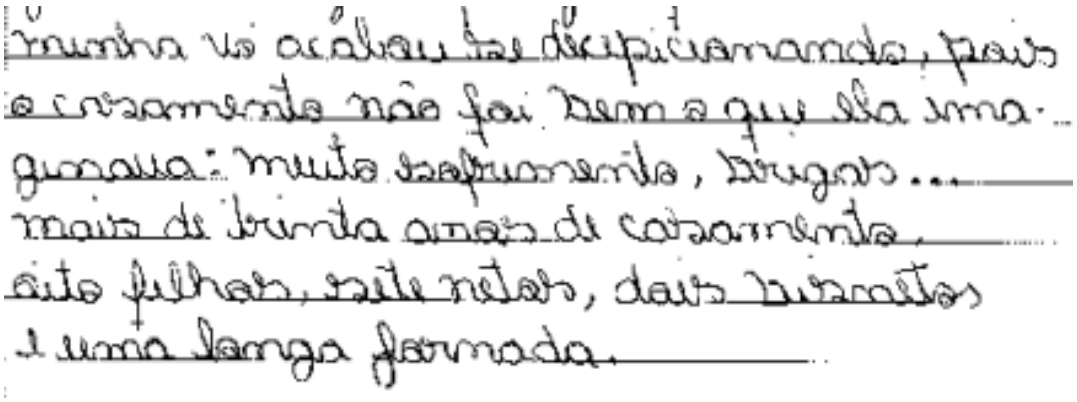
Ao planejar as discussões, confesso que considerei que seria um momento em que eu estaria apenas valorizando o trabalho que cada aluno realizou de pararem para ouvir as histórias de seus avós. Não considerei que as rodas de conversa contribuiriam também para incentivar aqueles que não estavam motivados para ouvirem seus avós. Isso foi mais um aprendizado para a minha prática pedagógica.

Abrir um espaço para discussão a fim de que os alunos pudessem se expressar a respeito do trabalho que realizaram, ajudou-me também a reavaliar se determinada atividade deu certo e/ou o que precisa ser e planejado novamente. Outro ponto que considerei positivo foi que, com as rodas de conversa em sala de aula, a motivação aconteceu porque os alunos se sentiram valorizados, no momento em que começaram a se posicionar oralmente sobre o que haviam ouvido de seus avós e tomado nota, enquanto os demais alunos paravam para ouvi-los atentamente. Desse modo, as produções escritas das histórias de vida fizeram sentido para eles, pois contemplaram uma perspectiva social da linguagem, onde foram considerados os variados usos da escrita e a participação em diversas práticas letradas.

Analisando as histórias de vida que escreveram, é possível percebermos que eles realmente colocaram em prática a escuta atenta, pois não só relataram o que seus avós lhes contaram, mas também se posicionaram a respeito dos fatos que relatados, como se estivessem fazendo uma reflexão a respeito do que lhes fora relatado, atribuindo-lhes um juízo de valor, conforme podemos verificar, nos trechos[19] a seguir, extraídos dos textos dos alunos[20].

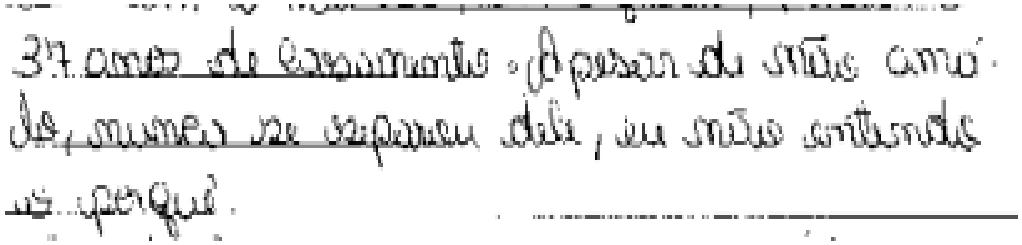
[19] Os trechos são fragmentos retirados das histórias de vida escritas pelos alunos da turma do 9º ano A com os quais desenvolvi esta pesquisa.
[20] Ao me referir aos alunos, utilizo as siglas A1, A2, A3, A4, e assim sucessivamente.

Trecho 1 [21]- Fragmento da história de vida escrita por A1.



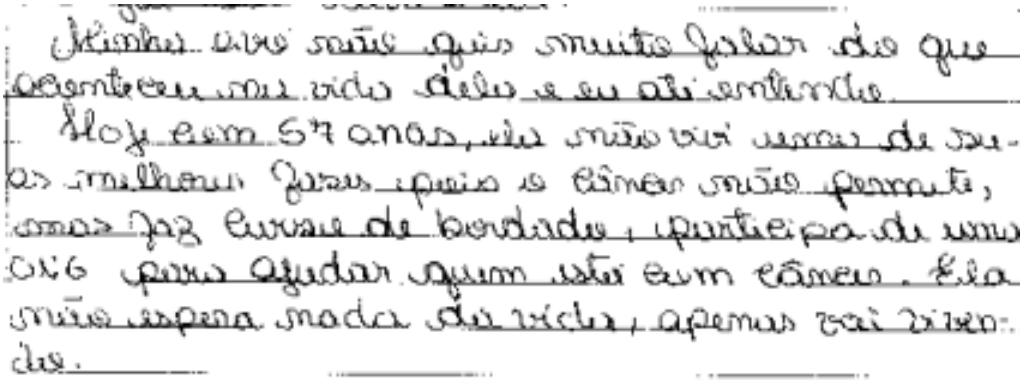
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 2 - Fragmento da história de vida escrita por A2.



Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

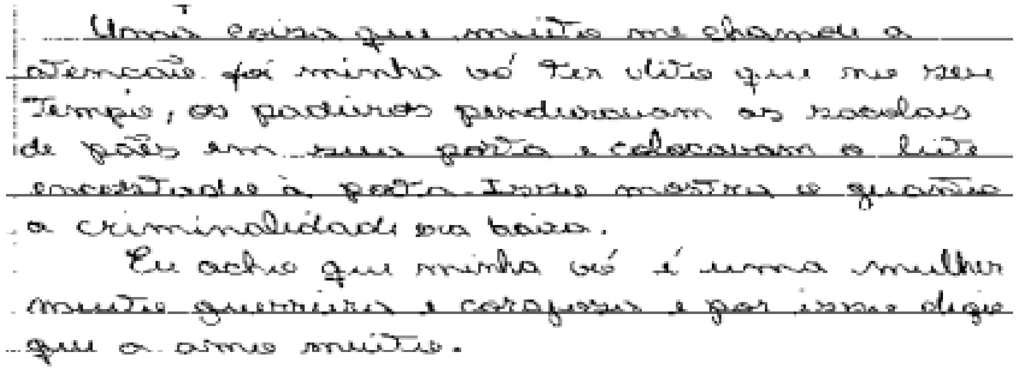
Trecho 3 - Fragmento da história de vida escrita por A2.



Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

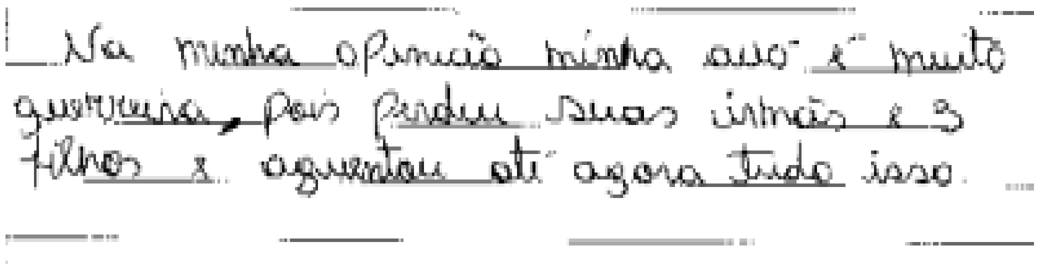
[21] Os trechos foram retirados das histórias de vida escritas por vários alunos aos quais me refiro nesta pesquisa como A1, A2, A3 e assim sucessivamente.

Trecho 4 - Fragmento da história de vida escrita por A3.


Uma coisa que muito me chamou a atenção foi minha vó ter dito que no seu tempo, os padeiros penduravam os sacolas de pães em sua porta e colocavam o leite encostado à porta. Isso mostra o quanto a criminalidade era baixa.
Eu acho que minha vó é uma mulher muito guerreira e corajosa e por isso digo que a amo muito.

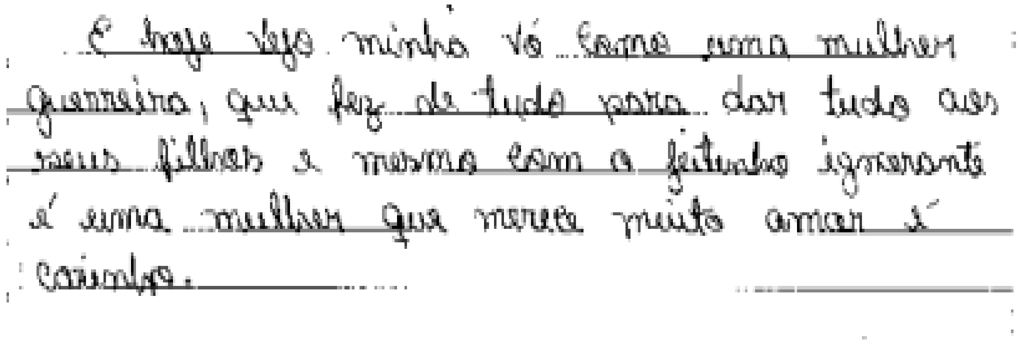
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 5 - Fragmento da história de vida escrita por A4.


Na minha opinião minha avó é muito guerreira, pois perdeu suas irmãs e 3 filhos e aguentou até agora tudo isso.

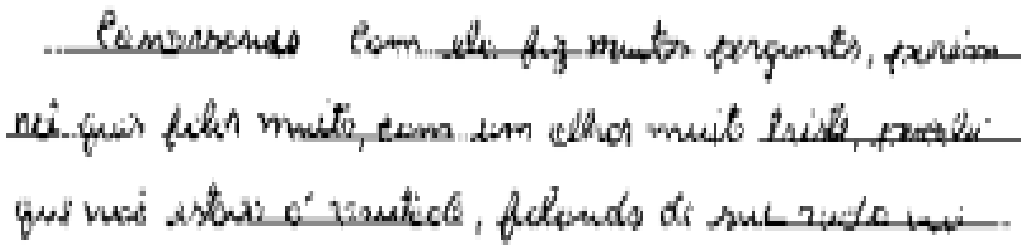
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 6 - Fragmento da história de vida escrita por A5.


E hoje vejo minha vó como uma mulher guerreira, que fez de tudo para dar tudo aos seus filhos e mesmo com o feitinho ignorante é uma mulher que merece muito amor e carinho.

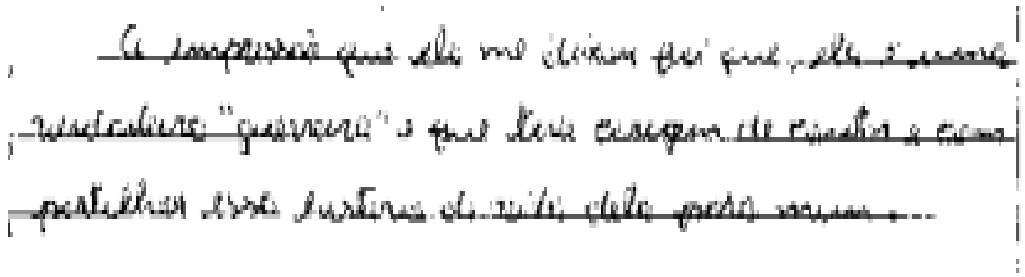
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 7 - Fragmento da história de vida escrita por A6.



Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 8 - Fragmento da história de vida escrita por A6.



Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Ao realizar essas atividades, nas minhas aulas de língua portuguesa, eu, como professora, possibilitei aos meus alunos, o que Rojo, (2009, p. 11), afirma que "os alunos participem das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**".

Fiquei muito feliz com o desenvolvimento e envolvimento dos alunos nas leituras, nas discussões e nas realizações de cada atividade que realizaram, principalmente, porque, mesmo não tendo conseguido, nos primeiros momentos, fazer com que todos fizessem, à medida que as aulas avançavam e as discussões aconteciam, eles iam se conscientizando da importância de participar dos processos e assim, faziam as tarefas.

Outro ponto positivo foi o engajamento deles nos trabalhos e a interação positiva que foram tendo com os demais alunos da escola, com a direção, com a coordenação e demais funcionários. Isso serviu para minha reflexão, visto que, na escola, não apenas questões conteudísticas e disciplinares são relevantes; as relações interpessoais dentro e fora dela também são muito relevantes. Com esse resultado, pude mais uma vez repensar minha prática pedagógica.

7 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A VISITA A UM ABRIGO PARA IDOSOS - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O SEGUNDO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

7.1 Primeira atividade - Preparação para a visita ao abrigo de idosos

Iniciei a primeira aula do dia 02 de setembro de 2015, sentando com alguns alunos para fazermos as correções de mais algumas histórias de vida, enquanto os demais que já haviam realizado as correções dos rascunhos das histórias, reescreviam, passando a limpo seus textos.

Na segunda aula, foi o momento de explicar-lhes sobre a nossa visita ao abrigo de idosos. Combinei com a turma para organizarmos as mesas e cadeiras em círculo para nossa discussão e esclarecimento de dúvidas.

Iniciei a discussão explicando que a visita fora agendada para o dia 09 de setembro de 2015, próxima quarta-feira, às 14h00 e que o abrigo escolhido foi a "Casa do Pobre", porque fica próximo à escola e aos bairros onde os alunos são residentes, sendo assim, daria para irmos a pé. Acordamos que o ponto de partida seria a escola e que todos deveriam trazer a autorização assinada pelos pais. A maioria da turma demonstrou animação para a visita, mas ainda havia alguns alunos que não pareciam interessados em conhecer a realidade dos idosos que vivem no abrigo. Eu, particularmente, estava ansiosa e aproveitei esse momento para incentivar a turma, na tentativa de animar aqueles que não demostravam interesse, pois acreditava que, depois da visita e da discussão na sala de aula, para que cada um contasse como foi a experiência de conhecer a realidade de um abrigo de idosos, os alunos que não quiseram fazer a visita, sentir-se-iam animados e motivados para fazê-la. Expliquei para a turma que no abrigo, conheceríamos de perto não só a realidade do lugar, mas também ouviríamos as histórias de vida, contaríamos nossas histórias se alguma pessoa idosa do abrigo nos pedisse. Falei que doaríamos alguns materiais de higiene pessoal, além do nosso carinho, atenção, amor, solidariedade e que, com certeza, receberíamos de volta isso e muito mais.

Depois da discussão, encerrei a aula e recebi o carinho dos meus alunos. Depois que foram para casa, fui à sala dos professores e fiquei pensativa. Na verdade, estava ansiosa, mas não sei exatamente quem estava mais ansiosa, eu ou meus alunos. Acho que eu, porque não sabia ao certo quantos compareceriam para a visita.

7.2 Segunda atividade - A visita ao abrigo de idosos

No dia 09 de setembro de 2015, à tarde, a espera pelos alunos não foi nada fácil, porque demoraram a chegar. A coordenadora Luciária ainda comentou comigo que ainda não tinha certeza se a maioria compareceria. Nesse momento, afirmei que viriam, porque realmente acreditava que havia conquistado a turma do mesmo jeito que eles me conquistaram. Além do mais, expliquei que acreditava na importância da realização das atividades para o crescimento deles como alunos e aquisição de conhecimentos e como "pessoas," e que eles acreditavam no que lhes ensinava. E para a nossa alegria, vinte minutos antes das 14h00, chegaram 15 (quinze) alunos com as autorizações dos pais e alguns itens de higiene pessoal. Isso representava mais da metade da turma. Eu realmente estava feliz por saber que eles honram compromissos. Porém a alegria não era somente minha e das coordenadoras; meus colegas de trabalho também expressaram alegria com os alunos. Antes de seguirmos a nossa caminhada rumo ao abrigo, encerramos esse primeiro momento, registrando-o em fotografia. Ver imagem abaixo:

Figura 30 - Em frente à escola, alunos da turma, eu, as coordenadoras: Luciária e Dorinha, antes da visita ao abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Chegamos ao abrigo às catorze horas e dez minutos. Lá, o porteiro nos recebeu muito bem e pediu que aguardássemos, na sala de visitas, o coordenador do local. Não demorou muito e um jovem senhor, por nome de Bruno veio nos receber. Ele nos conduziu, primeiro, à área externa do abrigo. Todos estavam encantados com a beleza e organização do local.

Olhando de fora, mais parecia um hotel fazenda ou uma bela e enorme casa de campo com grandes jardins, mas faltava conhecermos o interior do abrigo. Quando ele nos conduziu aos locais onde os idosos se acomodavam, pudemos ver as pessoas idosas com seus rostos tristes, com demência (falta de lucidez) e muitos deles não sabiam sua idade.

O coordenador, pacientemente, foi explicando a situação de cada idoso do abrigo. Percebi o choque que meus alunos e eu tivemos quando fomos conhecendo aquela nova realidade. Como foi difícil sabermos e vermos que todos aqueles idosos foram abandonados por seus familiares. É isso, estávamos vendo, pessoalmente, que a vida não é fácil para ninguém, mas que para alguns ela é bem mais difícil e dolorida.

Foi muito emocionante ver meus jovens alunos pararem para ouvir as histórias daqueles idosos. O interessante é que cada coisa que descobriam vinham me contar com um olhar de surpresa e de dó. E comentavam: “por mais que esse lugar seja bonito e organizado, acho que eles prefeririam estar em suas casinhas humildes e junto dos seus familiares”.

Parando para refletir, eu pensei também que ali era como se a história de cada idoso que vivia naquele abrigo tivesse sido apagada. Os quartos estavam arrumados, mas não tinha a bagunça que diz que alguém dormia ali todos os dias, não tinha o cheiro e os objetos pessoais que costumam ter nos quartos das nossas casas e que também são sinais de vida, de que são habitados por pessoas. Era tudo muito frio e triste. Mesmo com todo cuidado e carinho das pessoas que trabalham naquele abrigo, os idosos não têm o que realmente precisam que é o carinho, amor e atenção dos familiares. Nada como o aconchego do nosso lar, mesmo que seja uma humilde casinha.

Despedimo-nos de todos às 15h15. Foi uma troca riquíssima de experiência, amor, carinho e solidariedade. O respeito ao idoso precisa estar presente nas ações mais simples também. Creio que esta experiência operou mudanças positivas e boas dentro de cada um de nós. Eu realmente fiquei agradecida, porque os alunos demonstraram ter gostado da experiência.

Como foi realizar essa atividade, expressei o que me foi possível na página do meu “Diário do pesquisador” a qual partilho a seguir.

Figura 31 - Página do meu Diário do pesquisador.

Diário do dia 09 de setembro de 2015, quarta-feira.

As aulas hoje foram maravilhosas. Quero dizer, "maravilhosas", porque tudo ocorreu conforme o planejado e os alunos trouxeram a autorização dos pais para a nossa visita ao abrigo: Casa do Pobre. Ao término da aula, não fui para casa, combinei com meus colegas de trabalho, o Alex e o Marcos para almoçarmos na escola, pois os dois aceitaram nos acompanhar na visita. Foi um almoço proveitoso, além do bate-papo agradável na companhia da diretora e do meu colega Hilnison que também é professor de português. Às 13h30 já estávamos prontos, eu, a coordenadora Luciaria e os colegas de trabalho Dorinha, Alex e Marcos. Aguardamos os alunos que foram chegando aos poucos. Primeiro chegaram uns cinco. Enquanto as horas avançavam, eu tentava disfarçar a minha preocupação e cada vez que algum aluno comentava que não chegaria, mas ninguém, eu abria um sorriso e afirmava que viriam, pois haviam confirmado. Eu realmente estava confiante e, no meu pensamento, pedia a Deus que os trouxesse à escola. Pode parecer bobagem, mas eu realmente acredito que nossos jovens também assumem e honram compromissos. Então, faltando dez minutos para as catorze horas, não é que funcionou mesmo! Quinze alunos compareceram. E todos eles trouxeram algum donativo: creme dental, colônias, sabonetes etc. eu também havia comprado alguns itens para levar ao abrigo. Agora eu estava realmente feliz! A tão esperada visita aconteceria mesmo! Antes de irmos ao abrigo, posamos para fotos. Eu precisava registrar esse momento. Todos reunidos, o querido amigo Marcos se ofereceu para tirar as fotos que ficaram lindas e fomos nós, com as sacolinhas de donativos rumo à visita. Como o local fica a uns sete minutos da escola, fomos caminhando a pé mesmo. Chegamos ao destino às catorze horas e dez minutos. Lá, o porteiro nos recebeu muito bem e pediu que aguardássemos o coordenador do abrigo na sala de visitas. Não demorou muito e o senhor Bruno veio nos receber. Ele nos conduziu, primeiro, à área externa do abrigo. Ficamos encantados com a beleza e organização do local. Olhando de fora, mais parece um hotel fazenda ou uma bela e enorme casa de campo com grandes jardins, mas faltava conhecermos o interior do abrigo. Foi aí que a ficha caiu: fomos vendo os idosos com seus rostos tristes, com demência (falta de lucidez). Muitos não sabem sua idade. O coordenador, pacientemente, foi explicando a situação de cada idoso do abrigo. Percebi o choque que meus alunos e eu tivemos quando fomos conhecendo aquela nova realidade. Como foi difícil sabermos e vermos que todos aqueles idosos foram abandonados por seus familiares. É isso, estávamos vendo, pessoalmente, que a vida não é fácil para ninguém, mas que para alguns ela é bem mais difícil e dolorida. Tudo foi registrado em fotos. Foi muito emocionante ver meus jovens alunos pararem para ouvir as histórias daqueles idosos. O interessante é que cada coisa que descobriam vinham me contar com um olhar de surpresa e de dó. E comentavam: "por mais que esse lugar seja bonito e organizado, acho que eles prefeririam estar em suas casinhas humildes e junto dos seus familiares." Refletindo, pensei: "– no abrigo é como se a história deles tivesse sido apagada. Os quartos são arrumados, mas não tem a bagunça que diz que alguém dorme ali todos os dias, não tem o cheiro e os objetos pessoais que costuma ter no quarto da nossa casa e que é sinal de vida, de que é habitado. É tudo muito frio e triste." Mesmo com todo cuidado e carinho das pessoas que trabalham no abrigo, os idosos não têm o que realmente precisam que é o carinho, amor, atenção dos familiares. Despedimo-nos de todos às 15h15. Foi uma troca riquíssima de experiência, amor, carinho e solidariedade! O respeito ao idoso precisa estar presente nas ações mais simples também. Creio que esta experiência operou mudanças positivas e boas dentro de cada um de nós. Eu realmente estou agradecida, porque os alunos demonstraram ter gostado da experiência. Agora é aguardar para a aula de amanhã, para a discussão na sala. Quero que todos socializem a experiência que viveram e acredito que será importante, também, para os onze alunos, que não foram, ouvirem os relatos dessas experiências. Eu também quero ouvir os meus alunos, saber das impressões que ficaram em cada um deles e das contribuições advindas dessa visita.

Fonte: Autora, 2017.

Depois da visita, só me restou aguardar as próximas aulas para a discussão na sala, a fim de que todos socializem a experiência que viveram. Também considero que as discussões serão importantes, para os onze alunos que não foram a essa visita, pois penso que depois que ouvirem os relatos dessas experiências, eles se sentirão motivados para realizarem a visita. Eu também quero ouvir meus alunos, saber das impressões que ficaram em cada um deles e das contribuições advindas dessa visita. Ainda sobre esse momento no abrigo, registrei em fotografias, conforme imagens a seguir:

Figura 32 - Alunos na 1ª visita ao abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 33 - Alunos na 1ª visita ao abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 34 - Alunos e coordenadoras na 1ª visita ao abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 35 - Alunos na 1ª visita ao abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

7.3 Terceira atividade - Roda de leitura e de conversa, discussão em sala

Nas aulas do dia 10 de setembro, após a primeira visita ao abrigo de idosos, conforme havia combinado com a turma, depois da chamada em classe, demos início à discussão na aula para que cada aluno que participou da visita falasse sobre a experiência vivida no dia anterior. O interessante foi que antes de falarem, eles mesmos começaram organizando as mesas e cadeiras em forma de círculo para que todos pudessem ver e ouvir um ao outro. Eu gostei da iniciativa. Na hora de falarem, no começo, alguns ficaram com timidez, mas depois que a primeira aluna deu o pontapé inicial, os demais se sentiram encorajados e também quiseram falar. Eu os deixei à vontade para que contassem, partilhassem com a turma as impressões que o local lhes causou. Ouvi-los relatar o que viram, ouviram e o que mais lhes chamou atenção foi muito bom. Eu estava diante de jovens que revelaram seu jeito bem particular e especial de perceberem a outra realidade que antes não conheciam. O modo como expressaram que sentiram indignação, surpresa, emoção, tristeza, pesar, responsabilidade, etc, diante do que presenciaram na visita foi real, pois falaram sobre sentimentos cheios de sentido, significação. Foi o resultado do que vimos, sentimos e descobrimos in loco.

Eu me senti grata, porque além de ter percebido que essa visita operou mudanças em todos nós, também motivou os que não puderam nos acompanhar e, ao final das discussões, os que não foram ao abrigo, disseram que iriam reservar um tempo para visitar os idosos lá.

Novamente, na página do “Diário do pesquisador, na imagem seguir, estão as observações que escrevi logo após a visita.

Figura 36 - Página do Diário do pesquisador.

Diário do dia 09 de setembro de 2015, quarta-feira.

As aulas hoje foram maravilhosas. Quero dizer, "maravilhosas", porque tudo ocorreu conforme o planejado e os alunos trouxeram a autorização dos pais para a nossa visita ao abrigo: Casa do Pobre. Ao término da aula, não fui para casa, combinei com meus colegas de trabalho, o Alex e o Marcos para almoçarmos na escola, pois os dois aceitaram nos acompanhar na visita. Foi um almoço proveitoso, além do bate-papo agradável na companhia da diretora e do meu colega Hilnison que também é professor de português. Às 13h30 já estávamos prontos, eu, a coordenadora Luciaria e os colegas de trabalho Dorinha, Alex e Marcos. Aguardamos os alunos que foram chegando aos poucos. Primeiro chegaram uns cinco. Enquanto as horas avançavam, eu tentava disfarçar a minha preocupação e cada vez que algum aluno comentava que não chegaria, mas ninguém, eu abria um sorriso e afirmava que viriam, pois haviam confirmado. Eu realmente estava confiante e, no meu pensamento, pedia a Deus que os trouxesse à escola. Pode parecer bobagem, mas eu realmente acredito que nossos jovens também assumem e honram compromissos. Então, faltando dez minutos para as catorze horas, não é que funcionou mesmo! Quinze alunos compareceram. E todos eles trouxeram algum donativo: creme dental, colônias, sabonetes etc. eu também havia comprado alguns itens para levar ao abrigo. Agora eu estava realmente feliz! A tão esperada visita aconteceria mesmo! Antes de irmos ao abrigo, posamos para fotos. Eu precisava registrar esse momento. Todos reunidos, o querido amigo Marcos se ofereceu para tirar as fotos que ficaram lindas e fomos nós, com as sacolinhas de donativos rumo à visita. Como o local fica a uns sete minutos da escola, fomos caminhando a pé mesmo. Chegamos ao destino às catorze horas e dez minutos. Lá, o porteiro nos recebeu muito bem e pediu que aguardássemos o coordenador do abrigo na sala de visitas. Não demorou muito e o senhor Bruno veio nos receber. Ele nos conduziu, primeiro, à área externa do abrigo. Ficamos encantados com a beleza e organização do local. Olhando de fora, mais parece um hotel fazenda ou uma bela e enorme casa de campo com grandes jardins, mas faltava conhecermos o interior do abrigo. Foi aí que a ficha caiu: fomos vendo os idosos com seus rostos tristes, com demência (falta de lucidez). Muitos não sabem sua idade. O coordenador, pacientemente, foi explicando a situação de cada idoso do abrigo. Percebi o choque que meus alunos e eu tivemos quando fomos conhecendo aquela nova realidade. Como foi difícil sabermos e vermos que todos aqueles idosos foram abandonados por seus familiares. É isso, estávamos vendo, pessoalmente, que a vida não é fácil para ninguém, mas que para alguns ela é bem mais difícil e dolorida. Tudo foi registrado em fotos. Foi muito emocionante ver meus jovens alunos pararem para ouvir as histórias daqueles idosos. O interessante é que cada coisa que descobriam vinham me contar com um olhar de surpresa e de dó. E comentavam: "por mais que esse lugar seja bonito e organizado, acho que eles prefeririam estar em suas casinhas humildes e junto dos seus familiares." Refletindo, pensei: "– no abrigo é como se a história deles tivesse sido apagada. Os quartos são arrumados, mas não tem a bagunça que diz que alguém dorme ali todos os dias, não tem o cheiro e os objetos pessoais que costuma ter no quarto da nossa casa e que é sinal de vida, de que é habitado. É tudo muito frio e triste." Mesmo com todo cuidado e carinho das pessoas que trabalham no abrigo, os idosos não têm o que realmente precisam que é o carinho, amor, atenção dos familiares. Despedimo-nos de todos às 15h15. Foi uma troca riquíssima de experiência, amor, carinho e solidariedade! O respeito ao idoso precisa estar presente nas ações mais simples também. Creio que esta experiência operou mudanças positivas e boas dentro de cada um de nós. Eu realmente estou agradecida, porque os alunos demonstraram ter gostado da experiência. Agora é aguardar para a aula de amanhã, para a discussão na sala. Quero que todos socializem a experiência que viveram e acredito que será importante, também, para os onze alunos, que não foram, ouvirem os relatos dessas experiências. Eu também quero ouvir os meus alunos, saber das impressões que ficaram em cada um deles e das contribuições advindas dessa visita.

Fonte: Autora, 2017.

7.4 Quarta atividade - Produção dos Relatos de experiência

Como já havíamos realizado, nas aulas anteriores, as discussões a respeito da experiência de visitarem um abrigo, nas aulas do dia 14 de setembro de 2015, iniciei o trabalho com a produção escrita dos relatos de experiência. Os 15 alunos que fizeram a visita, escreverem o rascunho do seu texto, falando sobre a experiência de terem visitado os idosos do abrigo: Casa do Pobre. Mas nem tudo foi simples e fácil. Como é comum no meio dos jovens alunos, sempre reclamam do fato de terem que escrever rascunhos, antes de passar a limpo o texto final. De novo os aconselhei da necessidade de se fazer tal trabalho, uma vez que a atividade de escrita exige isso de nós: escreve-se, retifica-se, substitui-se, acrescenta-se e por fim, têm-se o produto final. Dos que participaram dessa primeira visita, nem todos compareceram a essa aula, porém os que vieram entenderam e aceitaram fazer o rascunho e passá-lo a limpo. E assim começaram o trabalho e, à medida que iam finalizando, pediam que eu lesse com eles e fizesse as correções de ortografia, pontuação, emprego de maiúsculas, paragrafação. Observei, nas correções, que estavam cometendo menos desvios gramaticais. É

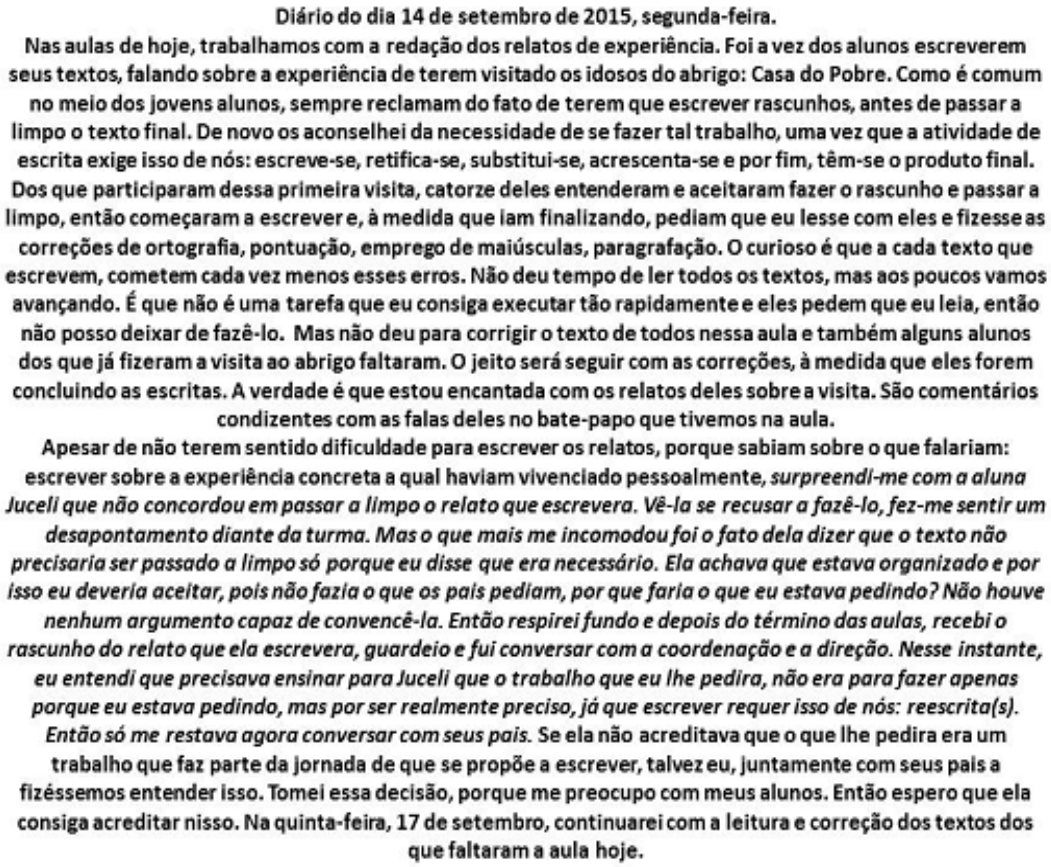
importante frisar que o foco na realização dessa atividade não eram as questões gramaticais, mas os processos até se chegar à produção final.

Não consegui ler todos os textos, mas aos poucos fui avançando com eles. Reconheço que não foi uma tarefa fácil e não consegui executá-la tão rapidamente, posto que meus alunos pediam-me que lesse com eles seus rascunhos, então não pude deixar de fazê-lo, por isso não foi possível corrigir o texto de todos nesse quarto momento. Também alguns alunos dos que já fizeram a visita ao abrigo faltaram. O jeito será seguir com as correções, à medida que eles forem concluindo as escritas. A verdade é que estou encantada com os relatos deles sobre a visita. São comentários condizentes com suas falas durante o bate-papo que tivemos na aula anterior.

Apesar de não terem sentido dificuldade para escreverem, porque sabiam sobre o que falariam: a experiência concreta a qual haviam vivenciado pessoalmente, surpreendi-me com uma aluna que, inicialmente, não concordou em passar a limpo o relato que escrevera. Vê-la se recusar a fazê-lo, fez-me sentir um desapontamento diante da turma. Mas o que mais me incomodou foi o fato dela dizer que o texto não precisaria ser passado a limpo só porque eu dissera que era necessário. Ela achava que estava organizado e por isso eu deveria aceitar, pois não fazia nem o que seus pais lhes pediam, por que faria o que eu lhe pedira? Não houve nenhum argumento capaz de convencê-la, naquela aula, então respirei fundo e depois do término daquele momento, recebi o rascunho do seu relato, guardeio e fui conversar com a coordenação e a direção. Nesse instante, entendi que precisava ensinar a essa aluna que o trabalho que lhe pedira, não era para fazer apenas porque eu estava pedindo, mas por ser realmente preciso, já que escrever requer isso de nós: reescrita(s). Então só me restava agora conversar com seus pais. Se ela não acreditava que o que lhe pedira era um trabalho que fazia parte da jornada de quem se propõe a escrever, talvez eu, juntamente com seus pais a fizéssemos entender isso. Tomei essa decisão, pois como professora, mediadora do conhecimento, preocupo-me com o desenvolvimento dos alunos.

Finalizei essas aulas da manhã, já deixando os alunos cientes de que continuaríamos com as construções dos relatos de experiência nos próximos encontros. Também combinei de levar outro grupo de alunos hoje, à tarde, para visitarmos o abrigo. Sobre os processos dessa atividade, minhas reflexões estão na página do “Diário do pesquisador”, cuja imagem trago a seguir.

Figura 37 - Página do Diário do pesquisador.



Diário do dia 14 de setembro de 2015, segunda-feira.

Nas aulas de hoje, trabalhamos com a redação dos relatos de experiência. Foi a vez dos alunos escreverem seus textos, falando sobre a experiência de terem visitado os idosos do abrigo: Casa do Pobre. Como é comum no meio dos jovens alunos, sempre reclamam do fato de terem que escrever rascunhos, antes de passar a limpo o texto final. De novo os aconselhei da necessidade de se fazer tal trabalho, uma vez que a atividade de escrita exige isso de nós: escreve-se, retifica-se, substitui-se, acrescenta-se e por fim, têm-se o produto final. Dos que participaram dessa primeira visita, catorze deles entenderam e aceitaram fazer o rascunho e passar a limpo, então começaram a escrever e, à medida que iam finalizando, pediam que eu lesse com eles e fizesse as correções de ortografia, pontuação, emprego de maiúsculas, paragrafação. O curioso é que a cada texto que escrevem, cometem cada vez menos esses erros. Não deu tempo de ler todos os textos, mas aos poucos vamos avançando. É que não é uma tarefa que eu consiga executar tão rapidamente e eles pedem que eu leia, então não posso deixar de fazê-lo. Mas não deu para corrigir o texto de todos nessa aula e também alguns alunos dos que já fizeram a visita ao abrigo faltaram. O jeito será seguir com as correções, à medida que eles forem concluindo as escritas. A verdade é que estou encantada com os relatos deles sobre a visita. São comentários condizentes com as falas deles no bate-papo que tivemos na aula.

Apesar de não terem sentido dificuldade para escrever os relatos, porque sabiam sobre o que falariam: escrever sobre a experiência concreta a qual haviam vivenciado pessoalmente, *surpreendi-me com a aluna Juceli que não concordou em passar a limpo o relato que escrevera. Vê-la se recusar a fazê-lo, fez-me sentir um desapontamento diante da turma. Mas o que mais me incomodou foi o fato dela dizer que o texto não precisaria ser passado a limpo só porque eu disse que era necessário. Ela achava que estava organizado e por isso eu deveria aceitar, pois não fazia o que os pais pediam, por que faria o que eu estava pedindo? Não houve nenhum argumento capaz de convencê-la. Então respirei fundo e depois do término das aulas, recebi o rascunho do relato que ela escrevera, guardeio e fui conversar com a coordenação e a direção. Nesse instante, eu entendi que precisava ensinar para Juceli que o trabalho que eu lhe pedira, não era para fazer apenas porque eu estava pedindo, mas por ser realmente preciso, já que escrever requer isso de nós: reescrita(s). Então só me restava agora conversar com seus pais.* Se ela não acreditava que o que lhe pedira era um trabalho que faz parte da jornada de que se propõe a escrever, talvez eu, juntamente com seus pais a fizéssemos entender isso. Tomei essa decisão, porque me preocupo com meus alunos. Então espero que ela consiga acreditar nisso. Na quinta-feira, 17 de setembro, continuarei com a leitura e correção dos textos dos que faltaram a aula hoje.

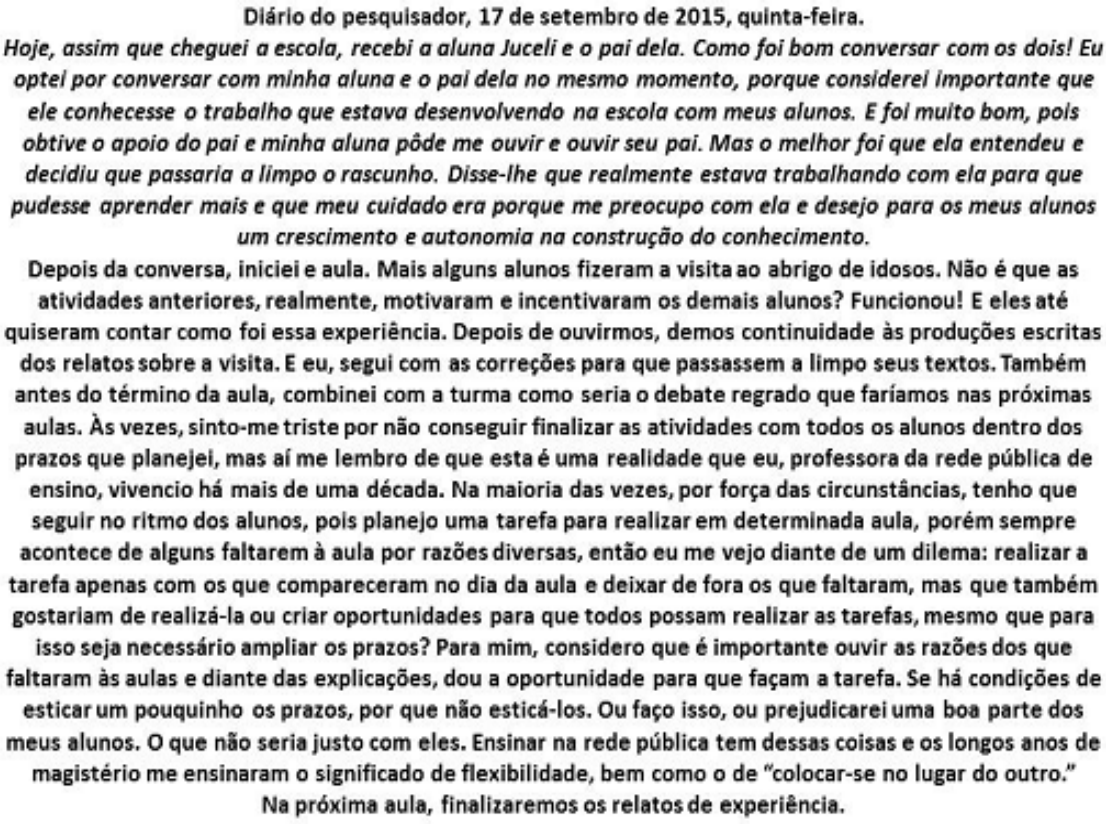
Fonte: Autora, 2017.

7.5 Continuando as produções dos Relatos de experiência - Percalços no processo

Antes de iniciar as aulas de hoje, recebi na escola, o pai da aluna que se recusou a passar seu texto a limpo. Eu tive a oportunidade de conversar, em particular, com os dois: a aluna e seu pai, o que foi muito bom. Minha opção por conversar com ambos no mesmo momento, ocorreu porque considerei importante que ele conhecesse o trabalho que estávamos desenvolvendo na escola com os alunos. Foi uma ação positiva, pois obtive o apoio do pai dela que pôde me ouvir e ouvi-lo. Mas o melhor foi que entendeu e decidiu e disse que passaria a limpo seu texto. Eu aproveitei para lhe explicar que realmente estava trabalhando com ela para que pudesse aprender mais e que meu cuidado era por me preocupar com ela, assim como também desejava para todos meus alunos crescimento e autonomia na construção do conhecimento.

A respeito de como foi essa conversa com minha aluna e seu pai, trago a seguir um trecho da página do Diário do pesquisador, onde expus minhas considerações.

Figura 38 - Página do Diário do pesquisador.



Diário do pesquisador, 17 de setembro de 2015, quinta-feira.

Hoje, assim que cheguei a escola, recebi a aluna Juceli e o pai dela. Como foi bom conversar com os dois! Eu optei por conversar com minha aluna e o pai dela no mesmo momento, porque considerei importante que ele conhecesse o trabalho que estava desenvolvendo na escola com meus alunos. E foi muito bom, pois obtive o apoio do pai e minha aluna pôde me ouvir e ouvir seu pai. Mas o melhor foi que ela entendeu e decidiu que passaria a limpo o rascunho. Disse-lhe que realmente estava trabalhando com ela para que pudesse aprender mais e que meu cuidado era porque me preocupo com ela e desejo para os meus alunos um crescimento e autonomia na construção do conhecimento.

Depois da conversa, iniciei e aula. Mais alguns alunos fizeram a visita ao abrigo de idosos. Não é que as atividades anteriores, realmente, motivaram e incentivaram os demais alunos? Funcionou! E eles até quiseram contar como foi essa experiência. Depois de ouvirmos, demos continuidade às produções escritas dos relatos sobre a visita. E eu, segui com as correções para que passassem a limpo seus textos. Também antes do término da aula, combinei com a turma como seria o debate regrado que faríamos nas próximas aulas. Às vezes, sinto-me triste por não conseguir finalizar as atividades com todos os alunos dentro dos prazos que planejei, mas aí me lembro de que esta é uma realidade que eu, professora da rede pública de ensino, vivencio há mais de uma década. Na maioria das vezes, por força das circunstâncias, tenho que seguir no ritmo dos alunos, pois planejo uma tarefa para realizar em determinada aula, porém sempre acontece de alguns faltarem à aula por razões diversas, então eu me vejo diante de um dilema: realizar a tarefa apenas com os que compareceram no dia da aula e deixar de fora os que faltaram, mas que também gostariam de realizá-la ou criar oportunidades para que todos possam realizar as tarefas, mesmo que para isso seja necessário ampliar os prazos? Para mim, considero que é importante ouvir as razões dos que faltaram às aulas e diante das explicações, dou a oportunidade para que façam a tarefa. Se há condições de esticar um pouquinho os prazos, por que não esticá-los. Ou faço isso, ou prejudicarei uma boa parte dos meus alunos. O que não seria justo com eles. Ensinar na rede pública tem dessas coisas e os longos anos de magistério me ensinaram o significado de flexibilidade, bem como o de "colocar-se no lugar do outro."

Na próxima aula, finalizaremos os relatos de experiência.

Fonte: Autora, 2017.

Após essa conversar, começamos a aula com uma nova roda de discussão, porque outros alunos da turma haviam realizado uma nova visita ao abrigo e considerei que era importante socializarem com a turma suas experiências. Foi mais uma discussão produtiva. Era o resultado das atividades que já havíamos realizado e confirmava que os momentos das discussões realmente motivavam e incentivavam os demais alunos. Fiquei feliz por vê-los contar como fora a experiência.

Depois de ouvi-los, demos continuidade às produções escritas dos relatos sobre a visita. E eu, segui com as correções para que passassem a limpo seus textos.

Sobre essa segunda visita ao abrigo, novamente registrei esse momento em fotografias que podem ser vistas na próxima página.

Figura 39 - Alunos na 2ª visita ao abrigo de idosos.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 40 - Eu e alguns alunos na 2ª visita ao abrigo de idosos.

Fonte: Autora, 2017.

Antes de encerrar a aula desse dia, ainda deu tempo de comentar com a turma que o nossa próxima atividade seria conhecermos a estrutura de um debate regrado a fim de organizarmos um para realizarmos nas próximas aulas.

Confesso que, às vezes, ainda me sinto triste por não conseguir finalizar as atividades com todos os alunos dentro dos prazos que planejei, mas aí, novamente me lembro de que esta é uma realidade que eu, professora da rede pública de ensino, vivencio há mais de uma década.

Na maioria das vezes, por força das circunstâncias, tenho que seguir no ritmo dos alunos, pois planejo uma tarefa para realizar em determinada aula, porém sempre acontece de

alguns faltarem à aula por razões diversas, então eu me vejo diante de um dilema: realizar a tarefa apenas com os que compareceram no dia da aula e deixar de fora os que faltaram, mas, que também gostariam de realizá-la ou criar oportunidades para que todos possam realizá-las, mesmo que para isso seja necessário ampliar os prazos? Para mim, considero que é importante ouvir as razões dos que faltam às aulas e diante de suas justificativas, dou a oportunidade para que façam a tarefa. Se há condições de esticar um pouquinho os prazos, por que não esticá-los. Ou faço isso, ou prejudicarei uma boa parte dos meus alunos. O que não seria justo com eles.

Ensinar na rede pública tem dessas coisas e os longos anos de magistério me ensinaram o significado de flexibilidade, bem como o de "colocar-se no lugar do outro," sendo assim, só conseguirei concluir as produções dos relatos na próxima aula.

7.6 Finalizando os Relatos de experiência e organizando o debate regrado

Nas aulas do dia 21 de setembro de 2015, os alunos concluíram a escrita dos Relatos de Experiência. Tudo transcorreu dentro do que era possível.

Finalizado esse momento, expliquei para os alunos qual seria nossa próxima produção textual e quais as atividades que desenvolveríamos durante esse processo.

Apresentei-lhes a primeira atividade que seria o Debate regrado.

Como sugestão, já que mais de oitenta e cinco por cento da turma havia conhecido, pessoalmente a realidade de como é ser idoso e viver em um abrigo, acordamos que a turma se prepararia para argumentar contra ou a favor do tema: Abrigo para idosos _ melhor lugar para colocarmos nossos familiares (pais, avós) quando estiverem na velhice?

Também concordaram que fariam pesquisas sobre a temática: idosos na sociedade (qualidade de vida dos idosos, respeito ao idoso, problemas vividos pelos idosos como o abandono, depressão, desrespeito, etc) para que possam fundamentar melhor suas argumentações.

Antes de encerrar esse momento, combinei de exibir para a turma algumas reportagens televisivas que abordassem a questão dos idosos no Brasil. Finalizei a aula, explicando que após o debate, escreveriam um texto de opinião que será meu próximo instrumento de coleta de dados.

7.7 Considerações parciais

Durante a realização das atividades para a coleta de dados desse segundo instrumento que foi os relatos de experiência de uma visita a um abrigo de idosos, considerei que a participação dos alunos foi boa, pois a maioria da turma realizou as atividades.

A maneira como agiram durante a visita, fez-me perceber que os comentários deles no momento das discussões confirmavam o que eu já suspeitava _ que os processos pelos quais estavam passando na efetivação das atividades propostas estavam sendo frutíferos, porque em suas falas, considerei que estava havendo, por parte deles, valorização e reconhecimento das pessoas idosas da família e da sociedade geral, e das histórias de vida deles como parte importante da construção identitária de cada um bem como da sociedade.

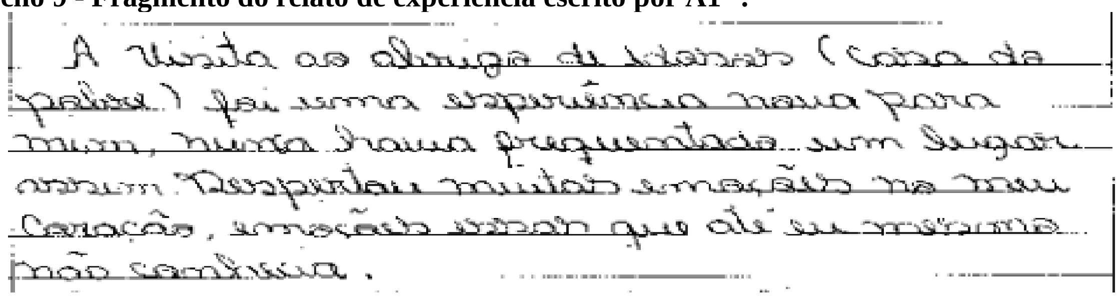
No momento em que meus alunos, por meio da visita ao abrigo, vivenciaram a realidade sobre o resultado do envelhecimento na sociedade, e quando se solidarizaram com os idosos do abrigo, penso que compreenderam, na prática, o real sentido da palavra cidadania, "cidadania de direitos e deveres" que implica respeito ao outro, à vida, etc.

A realização dessas atividades despertou, tanto em mim e quanto nos alunos, o sentimento de humanidade para com as pessoas idosas.

Nos relatos, conforme se pode conferir nos fragmentos a seguir, meus alunos expuseram sentimentos que provam o contrário do que ouvi dos meus colegas, quando nas conversas informais, durante os intervalos das aulas, comentaram que "eles eram jovens que não queriam nada, não sabiam de nada e não gostavam de nada e que era uma turma difícil".

Nos fragmentos retirados dos relatos que escreveram, meus alunos deixaram claro que se preocupam com os idosos, sim, e também têm sentimentos de solidariedade, compaixão, amor, carinho, respeito, etc.

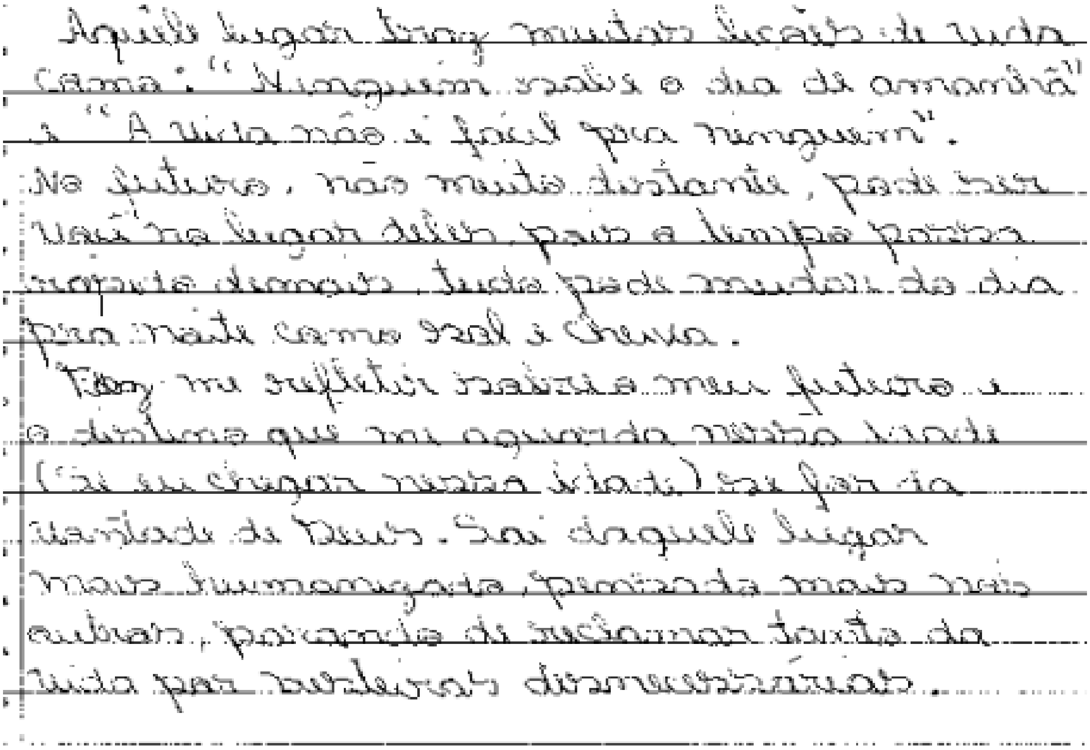
Trecho 9 - Fragmento do relato de experiência escrito por A1[22].


A visita ao abrigo de idosos (Casa da paz) foi uma experiência nova para mim, nunca havia frequentado um lugar assim. Despertou muitas emoções no meu coração, emoções essas que até eu mesma não conhecia.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

[22] Os fragmentos utilizados neste trabalho foram escritos pelos alunos os quais os identifiquei como A1, A2, A3, e assim sucessivamente.

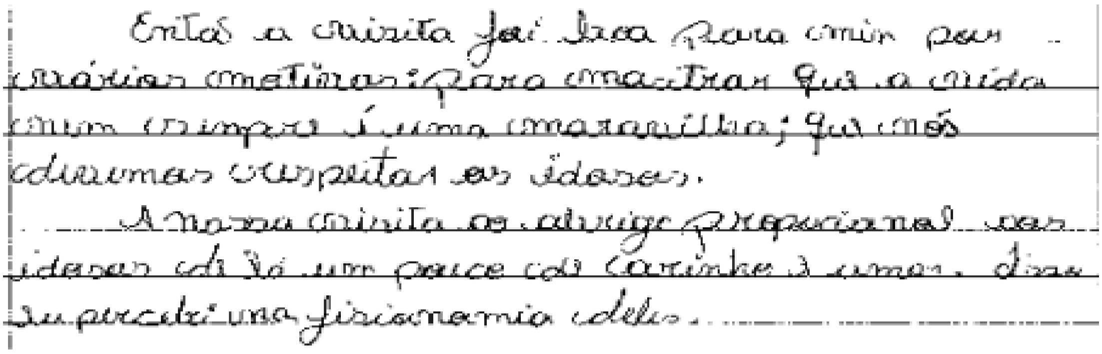
Trecho 10 - Fragmento do relato de experiência escrito por A1.



Aquele lugar traz muitas lições de vida como: "Ninguém sabe o dia de amanhã" e "A vida não é fácil para ninguém". No futuro, não muito distante, pode ser você no lugar deles, pois o tempo passa rápido demais, tudo pode mudar do dia pra noite como sol e chuva.
Fez me refletir sobre o meu futuro e o destino que me aguarda nessa idade (se eu chegar nessa idade) se for da vontade de Deus. Sai daquele lugar mais humanizada, pensando mais nos outros, parando de reclamar tanto da vida por coisas desnecessárias.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

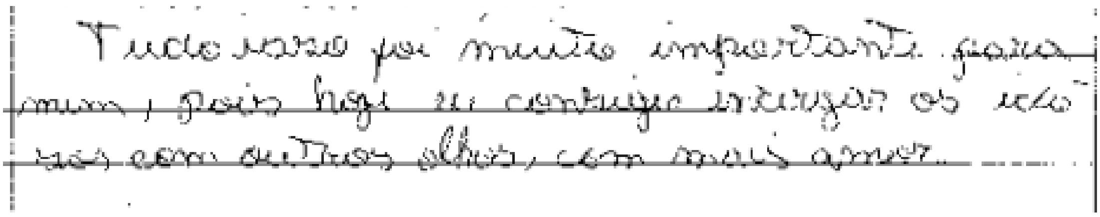
Trecho 11 - Fragmento do relato de experiência escrito por A2.



Então a visita foi boa para mim por várias maneiras: para mostrar que a vida [illegible] é uma maravilha; que nós devemos respeitar os idosos.
A nossa visita ao abrigo proporcionou aos idosos de lá um pouco de carinho e amor. Isso eu percebi na fisionomia deles.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

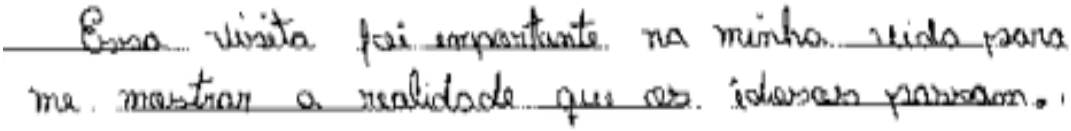
Trecho 12 - Fragmento do relato de experiência escrito por A3.



Tudo isso foi muito importante para mim, pois hoje eu consigo enxergar os idosos com outros olhos, com mais amor.

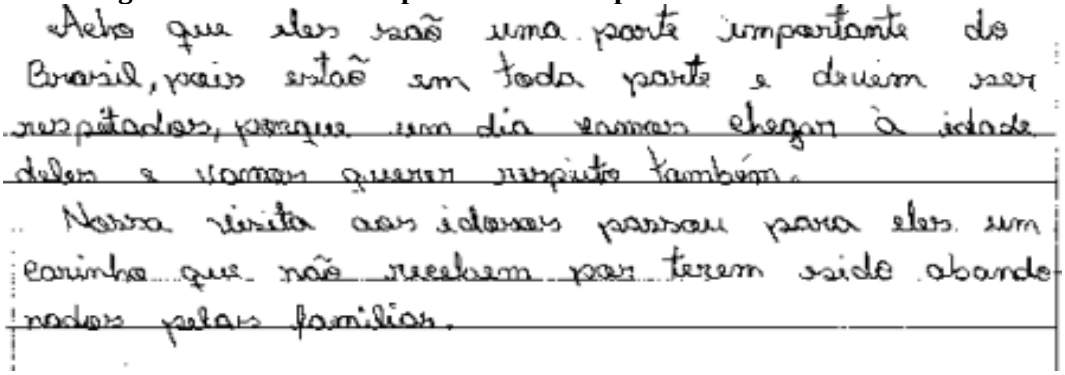
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 13 - Fragmento do relato de experiência escrito por A4.


Essa visita foi importante na minha vida para me mostrar a realidade que os idosos passam.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

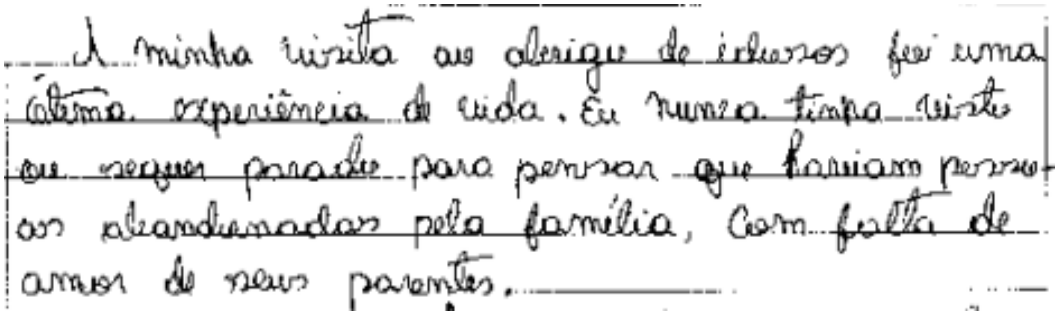
Trecho 14- Fragmento do relato de experiência escrito por A4.


Acho que eles são uma parte importante do Brasil, pois estão em toda parte e deviam ser respeitados, porque um dia vamos chegar à idade deles e vamos querer respeito também.

Nessa visita aos idosos passou para eles um carinho que não recebem por terem sido abandonados pelas famílias.

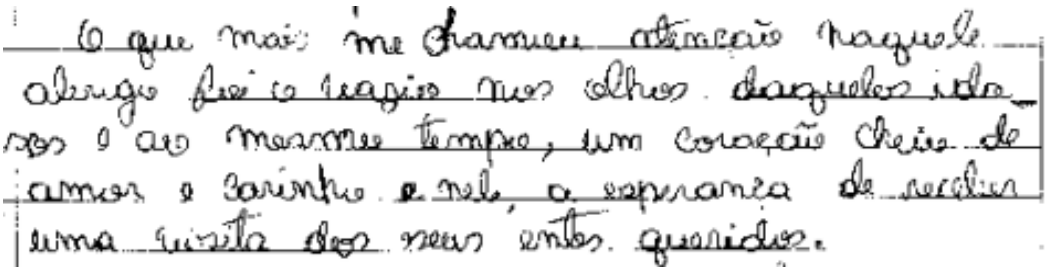
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 15 - Fragmento do relato de experiência escrito por A5.


A minha visita ao abrigo de idosos foi uma ótima experiência de vida. Eu nunca tinha visto ou nem quis parar para pensar que haviam pessoas abandonadas pela família, com falta de amor de seus parentes.

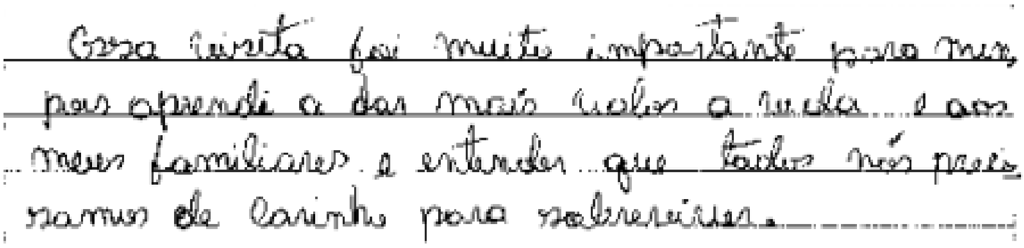
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 16 - Fragmento do relato de experiência escrito por A5.


O que mais me chamou atenção naquele abrigo foi o brilho nos olhos daqueles idosos e ao mesmo tempo, um coração cheio de amor e carinho e ao mesmo tempo a esperança de receber uma visita dos seus entes queridos.

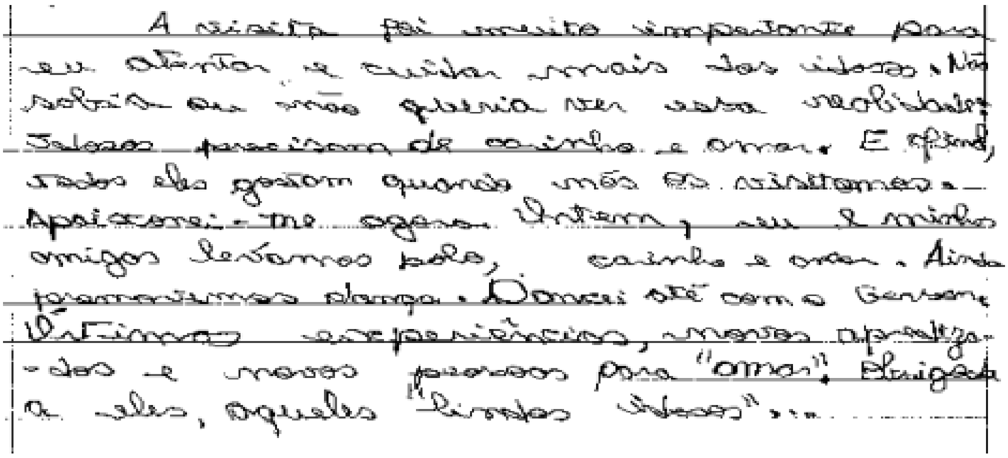
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 17 - Fragmento do relato de experiência escrito por A5.


Essa visita foi muito importante para mim, pois aprendi a dar mais valor a vida e aos meus familiares e entender que todos nós precisamos de carinho para sobrevivermos.

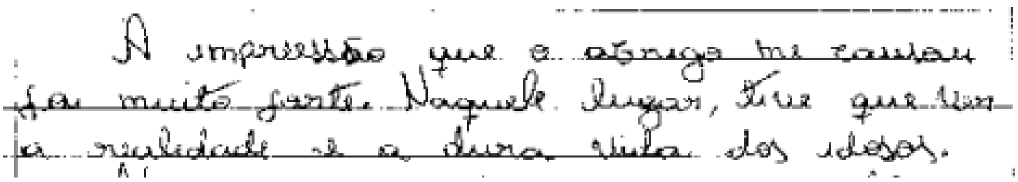
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 18 - Fragmento do relato de experiência escrito por A6.


A visita foi muito importante para eu atentar e cuidar mais dos idosos. Não sabia eu não queria ver essa realidade. Idosos precisam de carinho e amor. E aprendi, todos eles gostam quando nós os visitamos. Apaixonei-me agora. Ontem, eu e minhas amigas levamos bolo, carinho e amor. Ainda promovemos dança. Dancei até com o Gerson. Vivemos experiências, nossos aprendizados e nossos passos para "amar". Obrigada a eles, aqueles "lindos idosos"...

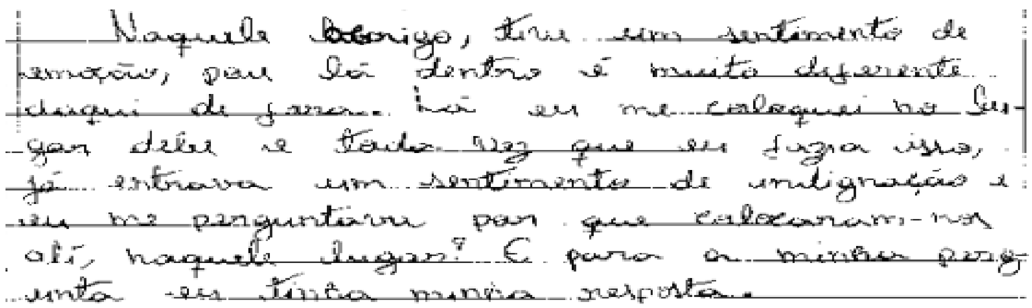
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 19 - Fragmento do relato de experiência escrito por A7.


A impressão que o abrigo me causou foi muito forte. Naquele lugar, tive que ver a realidade e a dura vida dos idosos.

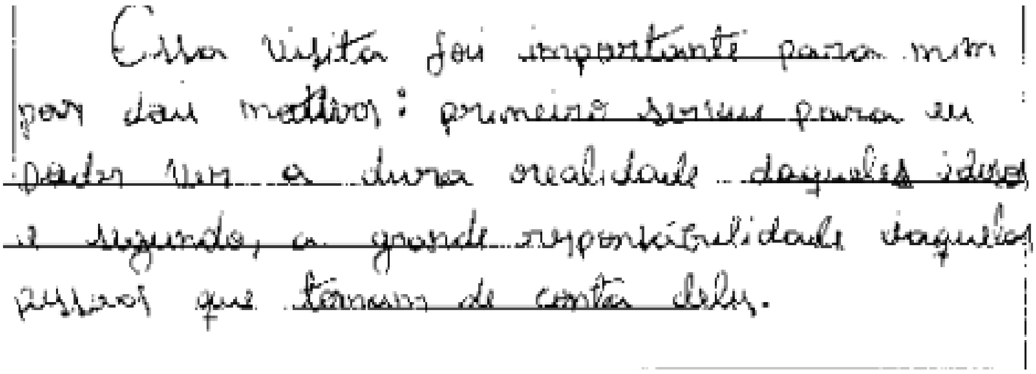
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 20 - Fragmento do relato de experiência escrito por A7.


Naquele abrigo, tive um sentimento de emoção, pois lá dentro é muito diferente daqui de fora. Lá eu me coloquei no lugar deles e toda vez que eu fazia isso, já entrava um sentimento de indignação e eu me perguntava por que colocaram-nos ali, naquele lugar? E para a minha pergunta eu tinha minha resposta.

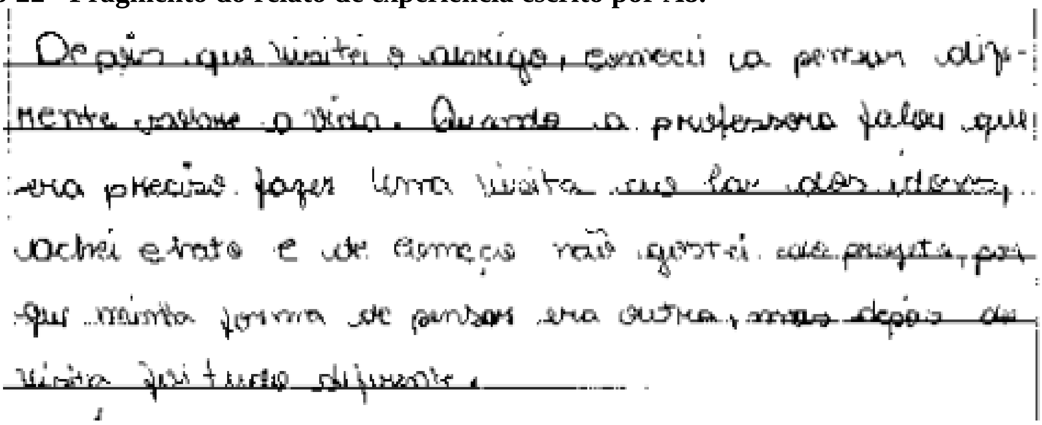
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 21 - Fragmento do relato de experiência escrito por A7.


Essa visita foi importante para mim por dois motivos: primeiro serviu para eu poder ver a dura realidade daqueles idosos e segundo, a grande responsabilidade daquelas pessoas que tomam de conta deles.

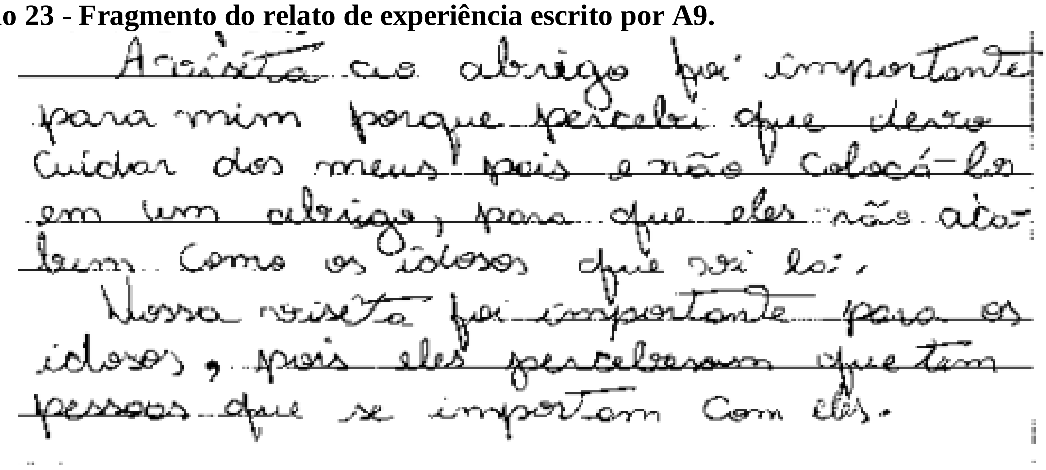
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 22 - Fragmento do relato de experiência escrito por A8.


Depois que visitei o abrigo, comecei a pensar diferente sobre a vida. Quando a professora falou que era preciso fazer uma visita ao lar dos idosos, achei chato e de começo não gostei do projeto, porque minha forma de pensar era outra, mas depois da visita foi tudo diferente.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 23 - Fragmento do relato de experiência escrito por A9.


A visita ao abrigo foi importante para mim porque percebi que devo cuidar dos meus pais e não colocá-los em um abrigo, para que eles não acabem como os idosos que vi lá.
Nossa visita foi importante para os idosos, pois eles perceberam que têm pessoas que se importam com eles.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Concluo que todas as atividades realizadas nesse instrumento contribuíram para desenvolver, nos alunos e em mim, atitudes e valores essenciais ao exercício da cidadania, tornando-nos cidadãos mais críticos.

Nas falas expressas nesses trechos dos relatos, é possível perceber que compreenderam o lugar que ocupam na sociedade e que depois de tudo que vivenciaram, estarão mais preparados para tomar decisões, fazer julgamentos, atuar crítica e conscientemente frente às questões sociais às quais lhes rodeiam.

8 O TEXTO DE OPINIÃO - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O TERCEIRO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

8.1 Primeira atividade - Preparação para o Debate regrado

Nas aulas do dia 23 de setembro de 2015, planejei atividades que auxiliassem meus alunos na realização do debate regrado. Acordamos quais seriam as regras. Todos concordaram que eu seria a mediadora das discussões e que cada aluno, para expor seu ponto de vista, deveria está inscrito. Depois combinamos que cada inscrito teria o tempo de três minutos para apresentarem suas opiniões, bem como o direito a réplica, se quisessem. Outra regra definida foi a de que ninguém todos deveriam ouvir atentamente o colega que estivesse inscrito, quando este estivesse expondo sua opinião.

O objetivo dessa atividade foi fazer com que os alunos compreendessem que todos têm opiniões diferentes e mesmo que não concordemos com o ponto de vista do outro, devemos respeitá-lo. Outro objetivo foi trabalhar a "escuta atenta" dos alunos para que pudessem fundamentar seu ponto de vista, com base em argumentos coerentes.

Após essa conversa, levei todos os alunos da turma à sala de vídeo e iniciei a exibição dos vídeos de reportagens, abordando a temática dos idosos. A primeira matéria que exibi foi: *Novos idosos, velhos desafios.*[23] Ela fora exibida pela TV Brasil, em 2013, no programa Caminhos da Reportagem, em comemoração aos dez anos do Estatuto do idoso no Brasil. Já a segunda reportagem foi apresentada, pela TV Globo, no dia 15 de setembro de 2015, no programa Profissão Repórter[24].

Minha intenção de lhes apresentar essas reportagens era para que conhecesse mais a realidade das pessoas idosas no nosso país, para então poderem se posicionar melhor durante o debate regrado.

Terminado esse momento, conversei com os alunos sobre o tema do nosso debate e, como estavam pesquisando e estudando sobre a realidade dos idosos da nossa sociedade, acordamos que cada grupo se posicionaria com argumentos, contra ou a favor, da seguinte opinião: um abrigo para idosos é o melhor lugar para se viver quando se chega à velhice.

Ao final dessas aulas, alguns alunos ainda se sentiram à vontade para falar a respeito do que é ser idoso em nossa sociedade.

[23] O vídeo com essa reportagem foi por mim acessado no dia 20/09/2015, no endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=4acwBF1JA8s

[24] O vídeo com essa reportagem foi por mim acessado no dia 20/09/2015, no endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=0UjGi_3Q25k

8.2 Segunda atividade - O Debate regrado

Para a realização do debate, na aula do dia 24 de setembro de 2015, meus alunos organizaram as mesas e cadeiras em círculo. Eu, antes de dar início, reforcei com eles, as regras do nosso debate, para que todos tivessem bastante clareza da importância da atividade que iríamos desenvolver. Eu tinha consciência de que não seria tão simples assim, pois meus alunos ainda tinha certa dificuldade em parar para ouvir a opinião do outro sem fazer interrupções e aguardar sua vez de se posicionar e opinar.

Esclarecidas essas questões, iniciamos, mas como só tinha uma aula nesse dia, não foi possível todos falarem, por isso para não ser injusta, combinamos que o debate continuaria na próxima aula, porque um dos objetivos era criar oportunidade para que todos pudessem expressar suas ideias.

Nesse primeiro dia de debate, alguns alunos opinaram, outros ficaram calados, sem querer se pronunciar. Não sei se sentiram timidez ou se foi porque preferiram ficar calados por ser mais cômodo.

Nas aulas seguintes, retomamos o debate e tudo transcorreu dentro do que havia planejado, pois houve espaço para que todos pudessem se posicionar.

Ao final a turma ainda discutiu a respeito de soluções e propostas simples, viáveis, concretas que ajudassem a melhorar a qualidade de vida dos idosos. Mais uma vez, houve alunos que não quiseram falar nada, porque estavam ansiosos para ensaiar a apresentação para a gincana escolar marcada para a culminância do projeto.

8.3 Terceira atividade - O Texto de opinião

Para iniciar as produções dos textos de opinião, planejei as aulas do dia 28 de setembro de 2015, levando em conta a importância da habilidade oral e escrita, principalmente, a do texto dissertativo-argumentativo, como meio de transformação da condição dos idosos inseridos na sociedade brasileira.

Conforme explicitei na introdução deste trabalho, a escolha da temática relacionada à questão do envelhecimento se deu por causa da postura dos alunos frente às pessoas “idosas.” Como não quis fugir dessa realidade pontual que meus alunos vivenciavam, optei por trabalhar no texto de opinião o tema “Abrigo de idosos: o melhor lugar para alguém viver quando já estiver na velhice”. Como já havia exibido para a turma as matérias abordando a situação dos idosos na sociedade e os alunos já haviam pesquisado sobre as questões referentes à velhice além de terem participado do debate regrado e presenciado pessoalmente

como é ser idoso/a e morar em um abrigo, longe dos familiares, eles tinham assunto suficiente para produzirem seu texto de opinião e fundamentar seu ponto de vista. Mas antes de começarem a redigir seus textos, conversei com todos e lhes expliquei as características de um texto de opinião. Para isso, anotei na lousa as instruções e orientei-os a escreverem as ideias (ponto de vista, argumentos e contra-argumentos, bem como sugestões de propostas de intervenção que ajudem a melhorar a qualidade de vida dos idosos e a conclusão). Também lembrei a cada um sobre organizar o texto em parágrafos, sendo que no primeiro deveriam colocar a ideia principal, tese ou ponto de vista; nos demais, os argumentos e contra-argumentos para fundamentar o ponto de vista e no último, a conclusão. Outra instrução que lhes dei foi a respeito de criarem um título para o texto e que escrevessem o texto com a linguagem objetiva e de acordo com a norma-padrão.

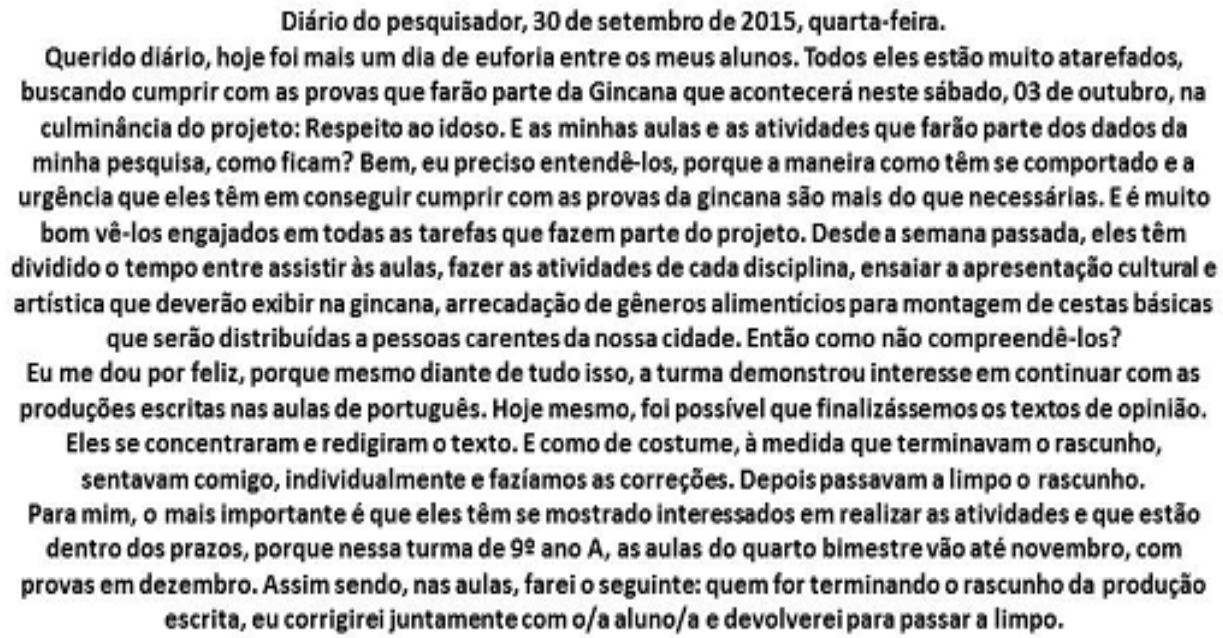
Mas confesso que esse início da construção dos textos de opinião não foi nada fácil, pois meus alunos estavam agitados e impacientes, porque precisavam organizar e ensaiar a apresentação musical para a gincana.

Finalizado esse primeiro momento, alguns conseguiram redigir o rascunho do texto de opinião, porém outros não redigiram, então combinei que terminariam nas próximas aulas e assim, fizemos.

No dia 30 de setembro, mesmo com toda euforia dos alunos por causa da proximidade da gincana de encerramento do projeto, conseguiram finalizar os textos de opinião e, à medida que terminavam, iam sentando comigo para fazer as correções, antes de passarem a limpo.

Foi mais um processo importante e proveitoso, visto que pude perceber o interesse da turma em realizar as atividades. Também minha prática docente e a relação professor-aluno já haviam sofrido importantes mudanças. Algumas reflexões eu registrei no Diário do pesquisador que apresento na imagem a seguir.

Figura 41 - Página do Diário do pesquisador.



Diário do pesquisador, 30 de setembro de 2015, quarta-feira.
Querido diário, hoje foi mais um dia de euforia entre os meus alunos. Todos eles estão muito atarefados, buscando cumprir com as provas que farão parte da Gincana que acontecerá neste sábado, 03 de outubro, na culminância do projeto: Respeito ao idoso. E as minhas aulas e as atividades que farão parte dos dados da minha pesquisa, como ficam? Bem, eu preciso entendê-los, porque a maneira como têm se comportado e a urgência que eles têm em conseguir cumprir com as provas da gincana são mais do que necessárias. E é muito bom vê-los engajados em todas as tarefas que fazem parte do projeto. Desde a semana passada, eles têm dividido o tempo entre assistir às aulas, fazer as atividades de cada disciplina, ensaiar a apresentação cultural e artística que deverão exibir na gincana, arrecadação de gêneros alimentícios para montagem de cestas básicas que serão distribuídas a pessoas carentes da nossa cidade. Então como não compreendê-los?
Eu me dou por feliz, porque mesmo diante de tudo isso, a turma demonstrou interesse em continuar com as produções escritas nas aulas de português. Hoje mesmo, foi possível que finalizássemos os textos de opinião. Eles se concentraram e redigiram o texto. E como de costume, à medida que terminavam o rascunho, sentavam comigo, individualmente e fazíamos as correções. Depois passavam a limpo o rascunho.
Para mim, o mais importante é que eles têm se mostrado interessados em realizar as atividades e que estão dentro dos prazos, porque nessa turma de 9º ano A, as aulas do quarto bimestre vão até novembro, com provas em dezembro. Assim sendo, nas aulas, farei o seguinte: quem for terminando o rascunho da produção escrita, eu corrigirei juntamente com o/a aluno/a e devolverei para passar a limpo.

Fonte: Autora, 2017.

8.4 Considerações parciais

Como os alunos ainda tinham certa dificuldade em parar para ouvir o outro, no momento da realização do debate eu ainda estava um pouco ansiosa e tensa, pois não tinha certeza de que a atividade funcionaria com a turma. Então, antes de iniciar a atividade, mais uma vez relembrei para toda a turma os princípios e procedimentos de um debate regrado.

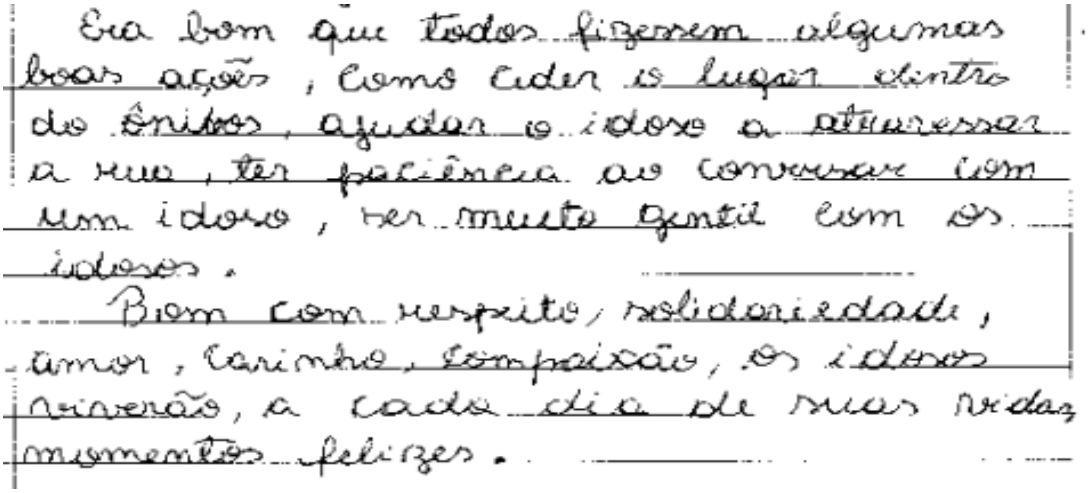
Na hora que iniciamos a atividade, os alunos que nas aulas costumavam expor sua opinião, foram os que primeiro se posicionaram, enquanto outros ainda tinham resistência ou timidez para falar.

Como a temática era de conhecimento de todos e a maioria dos alunos já haviam presenciado a realidade dos idosos que vivem em um abrigo e também assistido às reportagens que abordaram questões relacionadas ao envelhecimento, não me pareceu que demonstrassem sentir dificuldades em expor seu ponto de vista e argumentar contra ou a favor do tema: Abrigo para idosos _ melhor lugar para colocarmos nossos familiares (pais, avós) quando estiverem na velhice? Isso eu considerei como um resultado positivo para essas atividades desenvolvidas e as que eles ainda iriam realizar.

Analisando os textos de opinião que escreveram, pude perceber que ao expressar seu ponto de vista sobre a temática, cada aluno deixou claro que sua opinião estava relacionada ao que presenciaram quando visitaram o abrigo e também às reportagens a que assistiram. Nos

fragmentos, seguintes, retirados dos textos de opinião que escreveram, são comuns os sentimentos de compaixão, amor, solidariedade, respeito e humanidade para com os idosos.

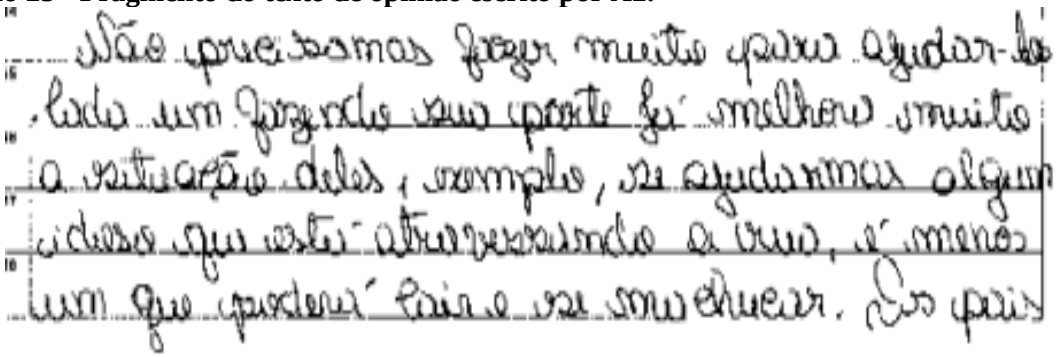
Trecho 24 - Fragmento do texto de opinião escrito por A1.


Era bom que todos fizessem algumas boas ações, como ceder o lugar dentro do ônibus, ajudar o idoso a atravessar a rua, ter paciência ao conversar com um idoso, ser muito gentil com os idosos.

Bom com respeito, solidariedade, amor, carinho, compaixão, os idosos receberão, a cada dia de suas vidas momentos felizes.

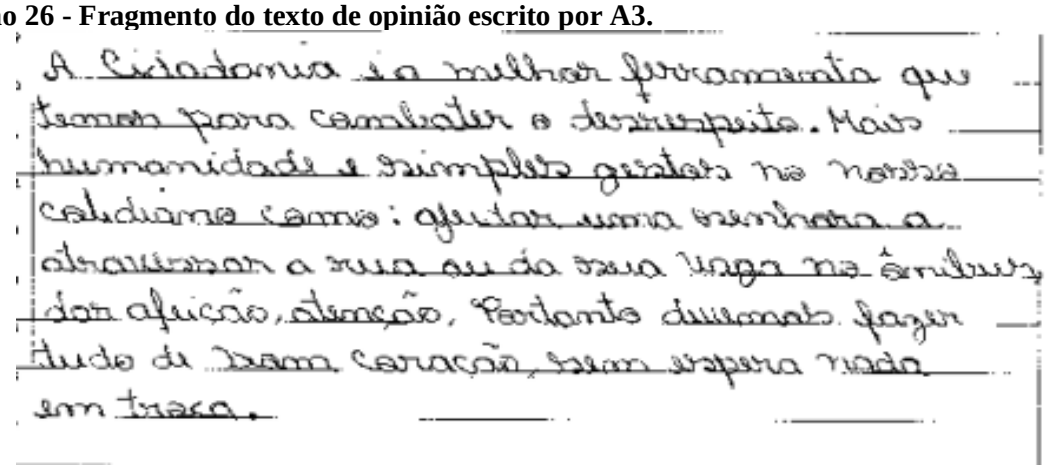
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 25 - Fragmento do texto de opinião escrito por A2.


Não precisamos fazer muito para ajudar-lo. Cada um fazendo sua parte fi melhor muito a situação deles, exemplo, se ajudarmos algum idoso que esta atravessando a rua, é menos um que pudera cair e se machucar. Os pais

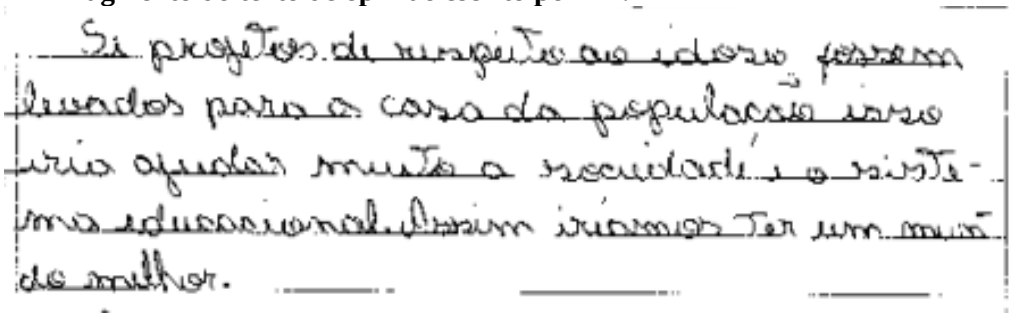
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 26 - Fragmento do texto de opinião escrito por A3.


A Cidadania é a melhor ferramenta que temos para combater o desrespeito. Mais humanidade e simples gestos no nosso cotidiano como: ajudar uma senhora a atravessar a rua ou da sua vaga no ônibus, dar atenção, portanto devemos fazer tudo de bom coração, sem espera nada em troca.

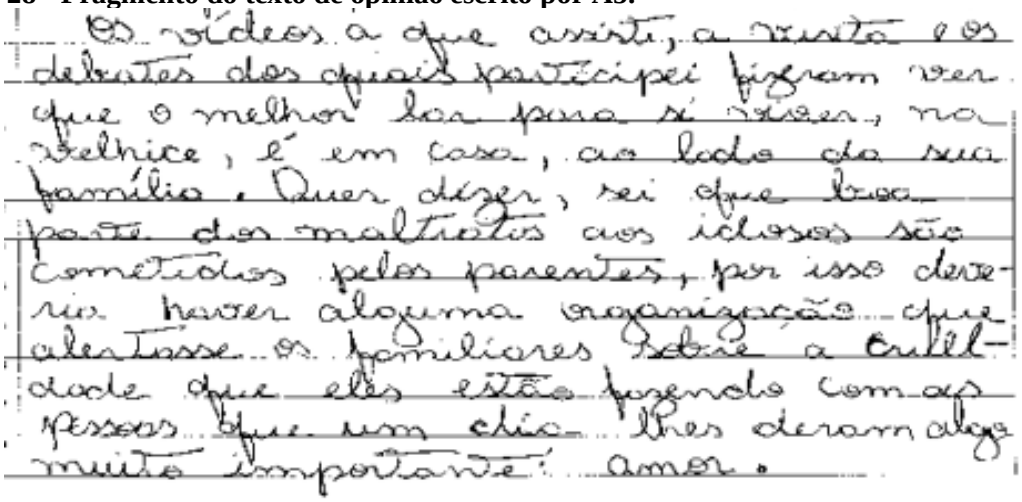
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 27 - Fragmento do texto de opinião escrito por A4.


Si projetos de respeito ao idoso fossem levados para a casa da população isso iria ajudar muito a sociedade e o sistema educacional. Assim iríamos ter um mundo melhor.

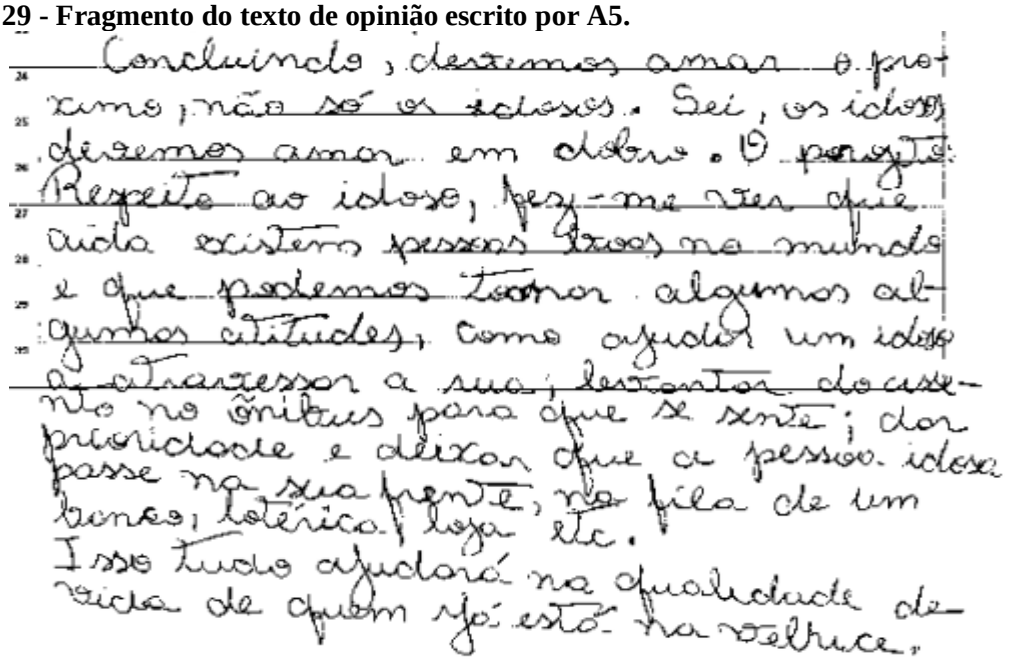
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 28 - Fragmento do texto de opinião escrito por A5.


Os vídeos a que assisti, a visita e os debates dos quais participei fizeram ver que o melhor lar para si viver, na velhice, é em casa, ao lado da sua família. Quer dizer, sei que boa parte dos maltratos aos idosos são cometidos pelos parentes, por isso deveria haver alguma organização que alertasse os familiares sobre a crueldade que eles estão fazendo com as pessoas que um dia lhes deram algo muito importante: amor.

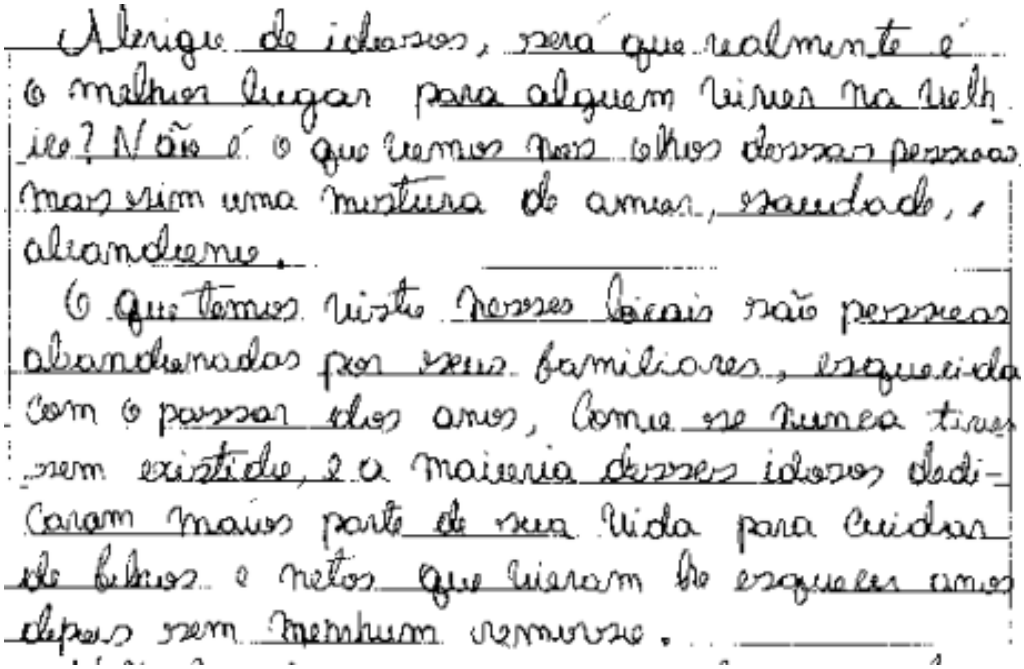
Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 29 - Fragmento do texto de opinião escrito por A5.


Concluindo, devemos amar o próximo, não só os idosos. Sei, os idosos devemos amar em dobro. O projeto Respeito ao idoso, fez-me ver que ainda existem pessoas boas no mundo e que podemos tomar algumas atitudes, como ajudar um idoso a atravessar a sua, destacar do assento no ônibus para que se sente; dar prioridade e deixar que a pessoa idosa passe na sua frente, na fila de um banco, lotérica, loja etc.
Isso tudo ajudará na qualidade de vida de quem já está na velhice.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 30 - Fragmento do texto de opinião escrito por A6.

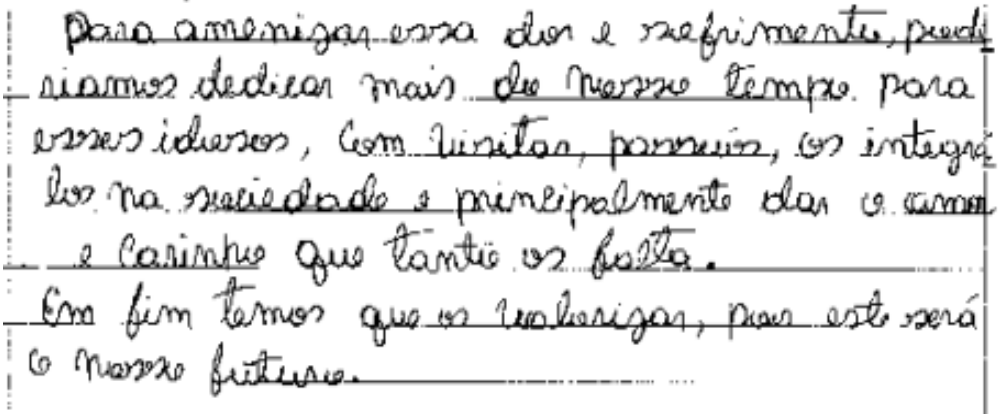


Abrigo de idosos, será que realmente é o melhor lugar para alguem viver na velhice? Não é. O que vemos nos olhos dessas pessoas mas sim uma mistura de amor, saudade, e abandono.

O que temos visto nesses lugares são pessoas abandonadas por seus familiares, esquecida com o passar dos anos, como se nunca tivesem existido, e a maioria desses idosos dedicaram maior parte de sua vida para cuidar de filhos e netos que hoje esqueceu anos depois sem nenhum remorso.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Trecho 31 - Fragmento do texto de opinião escrito por A6.



Para amenizar essa dor e sofrimento, poderiamos dedicar mais do nosso tempo para esses idosos, com visitas, passeios, os integrar na sociedade e principalmente dar o amor e carinho que tanto os falta.

Em fim temos que os valorizar, pois este será o nosso futuro.

Fonte: Autora, 2017 - Transcrição dos alunos envolvidos na pesquisa.

Por fim, outro ponto positivo que pude notar nos textos de opinião, conforme podemos verificar nos trechos que foram apresentados anteriormente, foi que os alunos escreveram exemplos e/ou sugestões de ações que cada cidadão, pode por em prática, visando melhorar a qualidade de vida dos idosos. Tudo isso corroborou com os resultados esperados com a realização das atividades, que era levar os alunos a realização da produção oral e escrita de um texto de opinião em que demonstrasse aprendizados como o respeito e a valorização das pessoas idosas em geral e que também propusessem exemplos de soluções simples, possíveis e viáveis para ajudar a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O ÚLTIMO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - O JORNAL ESCOLAR

9.1 Primeira atividade - A culminância do projeto e a gincana escolar.

Planejamos a culminância do projeto: Respeito ao idoso, para o dia 03 de outubro de 2015, porque nesse dia comemora-se o dia da pessoa idosa, então a coordenação pedagógica, juntamente com todos nós, professores, consideramos que seria uma boa oportunidade para realizarmos uma gincana pedagógica, a fim de que todos os alunos da escola pudessem participar, realizando apresentações artísticas e culturas, além de testes de conhecimentos situados a respeito da temática do envelhecimento.

Foi um momento singular, porque pudemos ver a efetiva interação entre os alunos, professores e funcionários. Outra ação positiva foi que os alunos trouxeram seus familiares para assistirem as apresentações. Isso, no meu entendimento, foi possibilitou a comunidade a fazer parte da escola, na prática. Na verdade, todo o projeto em si, com as atividades realizadas resultou no que posso chamar de "a escola desenvolvendo, na prática efetiva, seu papel social", quando levamos ao abrigo de idosos, nossos alunos para darem um pouco de amor, carinho, atenção e solidariedade a todos as pessoas idosas que foram abandonadas pelos familiares.

Antes de darmos início à realização da gincana, a escola já estava uma agitação só, com alunos, professores e funcionários envolvidos. Eu amei tudo que presenciei, a maneira como os alunos se articulavam e ajudavam uns aos outros, sem sentimento de competição entre eles. Particularmente senti-me bem e feliz, pois estava presenciando minha "escola viva"!

Senti a alegria e empolgação dos alunos por verem que alguns pais, familiares e amigos da comunidade escolar vieram prestigiar o evento.

Durante a realização da gincana, observei que os alunos, realmente, são parceiros. Novamente, essa atividade comprovou que os alunos são jovens que aprenderam, na prática, a ser solidários.

Na hora das apresentações artísticas, todos estavam lindos.

O sentimento que ficou em mim foi o de gratidão e amor. Eu realmente amo meus alunos, a escola e o que o PROFLETRAS fez comigo. Amo a professora a qual me tornei graças aos alunos, ao Mestrado e a todos que fazem a Escola Rodriguez de Melo.

Os alunos do 9º ano "A" participaram de todas as provas da gincana, inclusive fazendo arrecadação de gêneros alimentícios para doação a comunidades carentes.

Todos se engajaram e se doaram. Trabalharam muito e o resultado surpreendeu a todos, porque competiram com as turmas do Ensino Médio e conseguiram alcançar a segunda colocação.

Eles ficaram muito eufóricos e felizes com o resultado, pois quando o projeto foi lançado, a coordenação pedagógica havia comunicado para eles que apenas uns dez (10) alunos do 9º ano "A" poderiam participar da gincana, enquanto os demais ficariam de fora, por terem se comportando mal e por não estarem motivados para participar. Foi então que decidi conversar com a coordenadora e assumi a responsabilidade de conversar com a turma, a fim de motivá-los e ajudá-los a ter uma postura e comportamento diferentes.

Conversei abertamente com todos e para minha alegria, aceitaram fazer parte da gincana. Eles não só participaram, mas também se dedicaram bastante. Como resultado de tudo que fizeram, conquistaram a segunda colocação, ficando à frente dos segundos e dos terceiros anos do ensino médio. Posso dizer que encerramos o projeto com "chave de ouro", restando, agora a confecção do nosso jornal escolar.

Mais uma vez, fiz o registro das apresentações em fotografias. Já as minhas impressões e reflexões, anotei novamente no Diário do pesquisador e podem ser conferidas adiante.

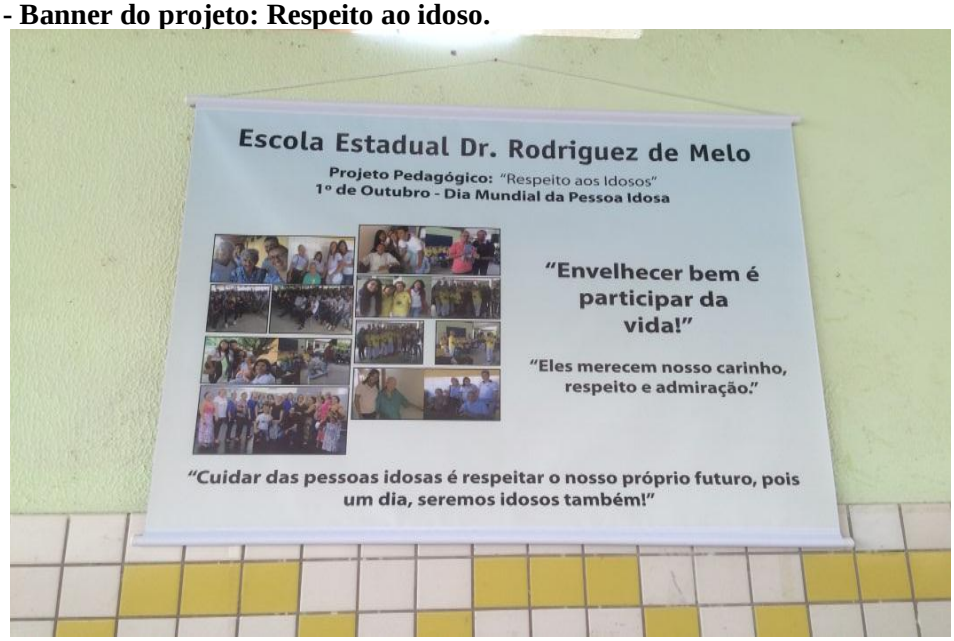
Figura 42 - Alunos do 9º ano A, fazendo uma apresentação artística na gincana.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 43 -Alunos do 9º ano A, fazendo uma apresentação artística na gincana.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 44 - Banner do projeto: Respeito ao idoso.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 45 - Parte dos alimentos arrecadados pelos alunos para doação.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 46 - Página do Diário do pesquisador.

Diário do pesquisador, 03 de outubro de 2015, sábado.

Chegou o grande dia!! Realização da gincana cultural. Essa escola está uma agitação só. Como os alunos, professores e funcionários estão evolvidos!! Ahh!! Eu amo tudo isso! Como faz bem ver a escola viva! E até alguns pais, familiares e amigos da comunidade escola vieram prestigiar o evento. E os alunos? Eles realmente são parceiros. É bom ver uns ajudando os outros. Eles sabem ser solidários, sim! São boa gente e estão lindos para as apresentações artísticas. Eu realmente amo esses jovens, amo essa escola, amo o que o Mestrado fez comigo. Amo a professora em que me tornei graças a esses alunos, ao Mestrado e a todos que fazem a Escola Rodriguez de Melo. Obrigada, Deus!

O dia hoje amanheceu bonito, querido diário. E eu, realmente estou gostando de conversar com você. Nunca havia parado para pensar o quanto é bom tomar nota das tarefas que desempenho durante as minhas aulas. Até mesmo sobre o momento que estou planejando as atividades, da importância de refletir sobre os acertos e os erros. Você tem me ajudado bastante e posso dizer que você e essa pesquisa me levaram a compreender minhas ações antes, durante e depois das aulas, bem como os significados: social, político e cultural delas. Tudo isso contribuiu para que eu tenha como objetivo enfocar não mais o micro-contexto da sala de aula, o conhecimento transmitido ou construído, as atividades didáticas, questões de ensino-aprendizagem desses conteúdos e papéis dos alunos e o meu de professora, mas o contexto específico da escola, dos alunos, sua cultura e suas necessidades; um contexto social que relaciona a escola, como agente cultural, à comunidade, à família e à sociedade mais ampla.

Hoje de manhã houve a culminância do projeto com a realização da gincana cultural. Foi um momento muito bom e produtivo, de interação. Os alunos participaram de todas as provas. Eles estavam felizes. Todos se engajaram e se doaram. Trabalharam muito e o resultado os surpreendeu e a mim também. Competindo com as turmas do Ensino Médio, eles conseguiram alcançar a segunda colocação. Foi maravilhoso, porque quando o projeto foi lançado, a turma aceitou participar, mas a coordenação pedagógica disse que apenas uns dez (10) do 9º ano "A" poderiam participar da gincana, enquanto os demais ficariam de fora, porque não estavam querendo participar, além de terem se comportando mal. Eu fiquei preocupada e então conversei com a coordenadora e ela concordou que a turma toda pudesse participar, desde que eu conseguisse fazer com que eles mudassem de atitude e comportamento. E assim eu fiz, conversei abertamente com todos e para minha alegria eles aceitaram fazer parte da gincana e hoje finalizaram as apresentações, ficando na segunda colocação. A euforia deles foi porque se saíram melhor que as turmas do 2º e 3º ano do ensino médio. Já eu fiquei feliz pelo belo trabalho que eles realizaram durante esses dois meses. Para não esquecer o dia de hoje, registrei tudo em fotografias.

Mas o trabalho com a pesquisa ainda não finalizou, então vou planejar as atividades para segunda-feira, pois como finalizei com os alunos as produções do texto de opinião, daremos início à construção do jornal escolar. Teremos algumas semanas, antes das provas semestrais para os alunos escolherem o nome do jornal, produzirem os textos e selecionarem as imagens para as notícias. É muito trabalho, mas estou empolgada e creio que conseguirei contagiar os alunos com minha empolgação e otimismo!

Fonte: Autora, 2017.

9.2 Segundo momento - O início do jornal escolar e a apresentação do coral: Rugas de Ouro

Nas aulas do dia 05 de outubro de 2015, os alunos ainda estavam contagiados e eufóricos por causa do resultado da gincana. Eu, particularmente considerei a empolgação um fator positivo, pois ainda tínhamos trabalho a realizar juntos.

Iniciei a aula, ouvindo os comentários da turma a respeito da gincana. Fazer isso era necessário, já que eles não parariam para me ouvir, enquanto não estivessem com os ânimos, mais calmos.

Depois desse primeiro momento, iniciei a explicação de como seria a nossa última atividade - confeccionar um jornal escolar.

Eles gostaram da ideia e decidiram que seria bom fazermos uma votação para a escolha do nome. Considerei essa atitude boa. Foi uma ótima ideia colocar os alunos para tomar decisões. Eles se sentiram responsáveis e importantes. Eles eram parte fundamental do processo. E foi assim que vi meus alunos como "o grande projeto", porque sem eles a escola não seria possível.

Na hora de escolherem o nome do jornal, anotei as sugestões na lousa para que votassem. Da lista de nomes sugeridos, o escolhido foi: "Profeta Diário". Confesso que não entendi muito bem o porquê dessa escolha, mas gostei, pois foi eles tiveram a ideia e estavam participando. Essa escolha marcava o início do nosso jornal escolar.

Depois de escolherem o nome, conversei com a turma para saber se conhecia como as notícias eram organizadas em um jornal. Na verdade, foi uma conversa para investigar se os alunos sabiam que um jornal é organizado em cadernos de temáticas distintas. Como a maioria sabia dessa informação, sugeri que escolhessem os nomes dos cadernos para constar no jornal da turma. Eles decidiram pelos seguintes cadernos: Esporte e Saúde, Moda, Histórias de Vida, Relatos Pessoais, Dicas, Cultura e Cidadania, e Opinião.

Como alguns alunos demonstraram que gostaria de colaborar em mais de um caderno, deixei-os livres para darem as sugestões escolher com qual ou com quais grupos gostariam de trabalhar, pois o mais importante era a integração de todos e a socialização.

Finalizei a aula, esclarecendo as dúvidas a respeito das pesquisas que fariam para produzirem as notícias e os demais textos para o jornal e também deixei acertado que combinaria com a coordenação e a direção para utilizarmos o laboratório de informática da escola para as pesquisa e a digitação dos textos do jornal.

Terminado esse momento, todos os alunos foram ao pátio da escola para prestigiar a apresentação do coral “Rugas de Ouro”, da Universidade Federal de Alagoas. Foi mais um saldo positivo do nosso projeto. Convidei esse coral para se apresentar na escola, por ele ser de mulheres da terceira idade, daí considerei que seria uma ótima oportunidade de os alunos entenderem que chegar à velhice não significava deixar de contribuir com a sociedade em geral, nem perder a utilidade e a importância para todos nós.

Como resultado de mais uma ação, foi possível perceber o olhar de admiração e respeito dos nossos jovens estudantes, diante do espetáculo a que estavam assistindo.

Novamente fiz o registro em fotografias da apresentação do coral.

Figura 47 - Coral Rugas de Ouro, apresentando-se para os alunos.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 48 - Alunos com o coral Rugas de Ouro.

Fonte: Autora, 2017.

9.3 Terceiro momento - A produção das notícias para o jornal escolar

Nas aulas do dia 26 de outubro de 2015, os alunos trouxeram as pesquisas e os textos que produziram. Alguns trabalharam, adaptando textos que pesquisaram na Internet.

Conversei com a turma e expus minha preocupação por não saber como eles digitariam os textos, porque o laboratório de informática da escola não dispunha de muitos computadores. Mais uma vez me surpreendi com a solução que eles me apresentaram. É isso, lancei para a turma uma problemática e para minha surpresa eles sugeriram formar grupos e se reversarem na digitação dos textos e na escolha das imagens. Alguns aproveitaram o laboratório para fazerem as pesquisas. Mais uma vez funcionou e eles interagiram bem.

Terminada a aula, como não conseguiram concluir os trabalhos, acordamos de aproveitarem as aulas vagas para usarem o laboratório para finalizar a digitação e revisão dos textos. Como eles se prontificaram a fazer esse trabalho, mesmo sendo o meu horário vago, também aceitei acompanhá-los com os trabalhos.

9.4 Quarto momento - Finalização do jornal escolar

Conforme combinaram, nas aulas vagas do dia 27 de outubro de 2015, os alunos compareceram ao laboratório para finalizarem o trabalho com o jornal.

Foi engraçado e curioso perceber a reação de alguns funcionários da escola, quando viram que os alunos permaneceram na escola, durante as aulas vagas. Mas surpresos ficaram quando lhes expliquei que iriam usar o laboratório de informática para finalizar o jornal escolar da turma.

Todos os presentes conseguiram finalizar seus textos e para as correções, sentei-me com as equipes e li os textos, juntamente com eles e verificamos o que precisava ser corrigido, reescrito ou reelaborado.

Terminada as correções, salvei o trabalho em um pen drive. Como nem eu nem os alunos sabíamos usar o programa Corel Draw, levei o trabalho salvo para um amigo que trabalha em uma mini-gráfica, para fazer toda diagramação, montagem e impressões do jornal.

Para não haver erros, acompanhei o trabalho da organização. Na verdade, sentei ao lado do meu colega e fui lhe mostrando como gostaria que o jornal fosse montado. Fui lhe mostrando, em quais páginas cada caderno era para constar com suas respectivas notícias, bem como a cor, o tamanho e a escolha das fontes. Como era um ótimo profissional e uma

pessoa amiga e paciente, o resultado foi muito bom, pois deu tudo certo e ele fez as impressões que paguei com o meu dinheiro.

Tive a intenção de trazer um exemplar impresso para cada aluno e lhes entregar na última aula do ano, dia 03 de novembro de 2015, antes do início da semana das provas do quarto bimestre, porque acreditei que era uma maneira de valorizar o trabalho deles. Na verdade, quis que eles se percebessem como leitores e produtores de textos e também que pudessem guardar como lembrança do resultado do grande trabalho que realizaram.

9.5 Quinto momento - A socialização e distribuição do jornal escolar

Na manhã do dia 03 de novembro de 2015, entreguei um exemplar do jornal para cada aluno do 9º ano A. Foi um momento de alegria. Realmente o resultado de todo o trabalho ficou maravilhoso, pois os alunos fizeram um excelente trabalho. Eu e os alunos ficamos emocionados e felizes. Creio que minha felicidade foi em dobro, por ver a reação de cada aluno, ao receber em suas mãos um exemplar do jornal que eles produziram.

Não esqueço os olhares curiosos e ávidos, procurando identificar os textos que produziram ou adaptaram. Pela reação deles e quando notei o sorriso em seus rostos, entendi que se sentiram valorizados e importantes com o grande trabalho realizado.

Também entreguei uma cópia para as coordenadoras, as diretoras, os colegas professores e o pessoal da secretaria. Eles parabenizaram a turma pelo lindo trabalho que fizeram, mas o mais importante de tudo mesmo foi perceber que meus alunos não são os mesmos e que a escola também já não os vê da mesma maneira. Eles já não são considerados como a pior turma da escola, pois superaram esse rótulo.

Eu só tenho a agradecer a cada um dos meus alunos, porque também não sou a mesma professora. Considero-me mais humana e mais apaixonada pela educação, pela sala de aula, pelos alunos.

A seguir podemos ver o resultado da primeira página do jornal escolar, porém, no anexo F, encontram-se mais algumas páginas do mesmo.

Figura 49 - Imagem da primeira página do jornal escolar dos alunos do 9º ano "A".

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo - Bairro Ponta Grossa – Maceió - AL - novembro- 2015 - Nº1

Esporte na Terceira Idade. Por que Não?

Envelheça com Saúde.

Estudos comprovam que o esporte proporciona melhorias drásticas na expectativa de vida dos idosos.

Caderno **Esporte**, p. 4

Benefícios do Esporte na Terceira Idade!

Esporte promove divertimento, descontração, melhoria na autoestima na vida dos idosos .

Caderno **Esporte**, p. 4

Dicas de convivência com pessoas idosas.

Caderno **Dicas**, p. 5

Sexo na terceira idade! Pode?

O sexo na terceira idade é um tabu, mas tem uma grande importância na saúde do idoso.

Caderno **Saúde**, p. 7

Terceira Idade Fashion

Vista-se mal e notarão o vestido; vista-se bem, e notarão a mulher!

"A moda está aí para ser usada, cabe a você saber usá-la da forma correta."

Caderno **Moda**, p. 8

Um olhar "adolescente" sobre o projeto: "Respeito ao Idoso"

Na foto da esquerda, alunos prestigiam o grupo "Flor da Idade." À direita, à frente da escola Rodriguez de Melo, alunos do 9º ano "A", com a professora Margarete e as coordenadoras, Luciana e Dorinha, reunidos para a visita ao abrigo Casa do Pobre.

A Escola Rodriguez de Melo promoveu momentos únicos e especiais de aprendizado, construção de conhecimento sobre cultura, humanidade, cidadania, etc.

Caderno **Cultura e Cidadania**, p. 2-3

Nossos idosos na "Sociedade"

"Para a maioria da sociedade os idosos são vistos como velhos, chatos, que só ocupam lugar no ônibus, atrasam filas, não escutam direito, dão trabalho, merecem ficar largado em um asilo ou hospital e ainda recebe aposentadoria do governo".

Caderno **Opinião**, p. 9

Histórias de vida

À esquerda na foto, Manoel Cirilo, 62 anos. À direita, Gerson Mateus Paula, de Maceió AL.

Conheça a história de vida desses dois idosos que há anos vivem no abrigo: Casa do Pobre, no bairro Vergel do Lago, zona Sul de Maceió-AL.

Caderno **Histórias de Vida**, p. 6

Experiência vivida é experiência que nos transforma!

Você já visitou algum abrigo, mais conhecido como "asilo"? Se sua resposta for não, então vai gostar de ler os relatos de três adolescentes que viveram a experiência de conhecer bem de perto como é ser abandonado pela família em um abrigo para idosos, depois que se chega à velhice, tendo que deixar para trás tudo que um dia sentiu, sonhou, viveu, planejou, construiu e escreveu nas páginas do caderno da vida.

Caderno **Relatos Pessoais**, p. 9-10

Fonte: Autora, 2017.

9.6 Considerações parciais

Quando iniciei o projeto e planejei as atividades, não consegui mensurar a grandeza do trabalho que realizaria com os alunos. À medida que íamos finalizando cada instrumento, percebia o quanto todos ganhavam em crescimento pessoal e riqueza de conhecimentos. É bem verdade que trabalhar a língua portuguesa com base em projetos requer muito de todas as pessoas envolvidas: professores, alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral. Mas por requerer um esforço de tanta gente, os resultados também são frutíferos, porque o ganho é para todos. Não há como finalizar um projeto sendo as mesmas pessoas que iniciaram, todos

sofrem mudanças positivas. É um ganho coletivo. É visível a mudança nas atitudes dos meus alunos. Eles estão mais conscientes, mais humanos, mais “cidadãos”, além de leitores e produtores de textos.

E eu posso dizer que o PROFLETRAS, meus alunos e essa pesquisa me levaram a compreender melhor minhas ações, antes, durante e depois das aulas. De igual modo, entendi, na prática, os significados: social, político e cultural delas.

Todo o trabalho desenvolvido com esse projeto contribuiu para que eu, nas minhas aulas de língua portuguesa, enfoque não mais o micro-contexto da sala de aula, o conhecimento transmitido ou construído, as atividades didáticas, questões de ensino-aprendizagem desses conteúdos e papéis dos alunos e o meu de professora, mas o contexto específico da escola, dos alunos, sua cultura e suas necessidades; um contexto social que relaciona a escola, como agente cultural, à comunidade, à família e à sociedade mais ampla.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever as considerações finais desta dissertação e fazer uma retomada do caminho trilhado para o desenvolvimento desta pesquisa levou-me ao reencontro com o objetivo geral que foi o de levar os alunos a se interessarem pela produção de textos situada com base em projetos; e com os específicos: trabalhar a produção de textos orais e escritos nos alunos por meio de histórias de vida com os idosos; propor atividades que motivem os alunos a se colocarem no mundo; e promover o conhecimento e a familiarização dos alunos em relação aos textos circulantes em várias esferas da sociedade, por meio da produção de um jornal situado a respeito da discussão sobre o envelhecimento.

Conforme explicitei na introdução deste trabalho, nas minhas aulas de língua portuguesa, por muitos anos, repeti para os meus alunos o que aprendi na minha formação como professora no curso de magistério e na graduação em Letras: um ensino de língua portuguesa encerrando-se em conteúdos gramaticais, deixando de apresentar, portanto, uma concreta e estreita relação com os usos efetivos da linguagem socialmente construídos a partir das múltiplas práticas discursivas. Como resultado dessas aulas conteudistas, meus alunos demonstravam desinteresse, impaciência e muita disposição para conversas paralelas durante as aulas, além de se referirem a mim e aos demais professores da escola de forma desrespeitosa, chamando-nos de "velhos", segundo comentário da coordenadora pedagógica.

Esse desinteresse, impaciência, desprezo e desrespeito desses alunos, possibilitaram-me ver que eu precisava refletir sobre minha prática educacional, conversar com a coordenação pedagógica e questionar o que estava acontecendo nas minhas aulas, porque com o meu ingresso no mestrado profissional de Letras-PROFLETRAS, fiz leituras de trabalhos sobre a Etnografia em contextos educacionais e a respeito dos Letramentos, além de ter tido orientações com o professor Dr. Paulo Rogério Stella, para a construção desta dissertação que me ajudaram a perceber que precisava ouvir meus alunos, olhar para eles, também me colocar no lugar deles para assim descobrir a verdade da situação descrita.

Na conversa com a coordenação, ela propôs que realizássemos com os alunos um projeto com a temática: Respeito ao idoso. Considerei a proposta muito rica e importante, porque compreendi que precisávamos ajudar os estudantes a ter uma postura diferente sobre a vida, as pessoas, a família, a escola e que mudassem seu próprio ponto de vista a respeito do mundo.

Embora tenha achado a proposta do projeto excelente, fiquei preocupada com o fato de ter que desenvolver também o meu projeto de pesquisa do mestrado nesse mesmo período.

Todavia depois que conversei com meu professor orientador, Dr. Paulo Rogério Stella, compreendemos que seria possível desenvolver o meu projeto de pesquisa e a coleta dos dados desta pesquisa com o projeto sugerido pela coordenação da escola. A partir daí, planejei quais seriam os instrumentos de coleta de dados e as atividades que seriam desenvolvidas durante esse processo.

Na busca de alcançar os objetivos desta pesquisa, realizei quatro ações com base nos fundamentos da pesquisa narrativa, a fim de encontrar respostas às perguntas que nortearam este trabalho. São elas:

- Qual a importância da produção de textos orais e escritos, com base em práticas sociais, na vida dos alunos do 9º ano do ensino fundamental?

- Como o trabalho com a produção de um jornal escolar pode ser um caminho para a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos e sua familiarização com os textos circulantes em várias esferas da sociedade?

- Que questões podem surgir para a reflexão sobre a formação de cidadania a partir dos textos dos alunos?

As ações desenvolvidas com os meus alunos, a partir de sequências didáticas, disseram respeito às produções textuais que eles fizeram. Primeiramente escreveram as narrativas de vida de uma pessoa idosa (da família, da rua, do bairro); depois produziram relatos de experiência da visita que fizemos a um abrigo de idosos; em terceiro, depois de terem escutado as histórias de vida dos avós, de visitarem os idosos em um abrigo e de assistirem a reportagens que abordaram questões relacionadas à velhice, além de participarem de discussões e de um debate regrado para argumentarem a respeito de um abrigo ser ou não o melhor lugar para os idosos viverem, foi a vez de escreverem textos de opinião sobre o tema: *"Abrigo de idosos: o melhor lugar para alguém viver quando já estiver na velhice"* ; e, por último, eles produziram, juntos, um jornal escolar. No desenvolvimento de todas as atividades levei em conta os fundamentos da pesquisa narrativa e organizei discussões com os alunos, visando à reflexão da problemática que fundamentou meus objetivos e as perguntas desta pesquisa.

No tocante à análise das produções textuais escritas (enunciados) dos alunos, que materializaram questões relacionadas ao conceito geral de letramento; ao letramento no

ensino fundamental; a atividades e alternativas para o letramento na escola básica; a projetos de letramento e à formação cidadã e crítica dos alunos, apresentei uma discussão com algumas noções dessas questões, buscando como respaldo teórico de base desta pesquisa, estudos, pesquisas e orientações metodológicas de pesquisadores como Rojo (2009), Kleiman (1995), Oliveira (2014), Carvalho (2013), Souza (2012) e Morin (2003) e Minayo (1998), Orlandi (2001), DOLZ (2004), Liberali (2003).

Esta pesquisa narrativa, qualitativa de cunho social, está em concordância com os conceitos apresentados por Minayo (1998). Ela diz respeito a um estudo de fenômenos sociais ocorridos na sala de aula com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sujeitos participantes deste trabalho, que vivenciaram processos interativos os quais me ajudaram a compreender as várias maneiras como eles fizeram sentido através da linguagem materializada em: histórias de vida, textos de opinião, relatos pessoais e jornal escolar. Nesse sentido, levei em consideração a afirmação de CASEY, apud LIBERALI et al (2003) que diz que "é por meio de narrativas, [...], que se consegue ordenar a experiência, organizar o princípio da ação humana e reconstruir a identidade". Os resultados mostram como um trabalho com produção de textos situadas com base em projetos possibilita que os alunos participem de várias práticas sociais que fazem uso da leitura e da escrita (letramentos), na vida da cidade, de uma forma ética, crítica e democrática, retratando experiências vivenciadas.

Primeiro, ao propor que os alunos produzissem o primeiro instrumento de coleta de dados que disse respeito às narrativas com as histórias de vida dos avós, ou de um idoso da rua, da vila, ou do bairro, esperei como resultado que não só valorizassem as histórias de vida dos avós, mas também reconhecessem que elas fazem parte de suas próprias vidas. Considero que os resultados obtidos foram além dos esperados, porque mesmo não tendo sido fácil realizar essas atividades, já que precisei lidar com certa resistência e desinteresse de alguns alunos, aprendi o quanto é importante abrir espaço para momentos de discussões em grupo (rodas de leitura e de conversa), uma vez que esses momentos motivam a turma, contribuindo, assim, para a realização de atividades.

Abrir um espaço de discussão para os alunos se expressarem a respeito do trabalho realizado foi uma ação positiva, pois se sentiram valorizados ao falar sobre o que ouviram de seus avós. Também entenderam que os avós são pessoas importantes e também responsáveis por eles existirem no mundo.

Com tudo que foi desenvolvido com os alunos, suas produções fizeram sentido para eles, porque contemplaram uma perspectiva social da linguagem e escreveram sobre experiências que conheceram e viveram.

Outro resultado alcançado que percebi com o desenvolvimento dessas primeiras atividades foi que os alunos praticaram a "escuta atenta", a qual contribuiu para que se posicionassem a respeito do que relataram das histórias de vida de seus avós; e refletindo sobre elas, atribuindo-lhes sentido.

No segundo instrumento de coleta que foi os relatos de experiência sobre a visita a um abrigo de idosos, os alunos tiveram uma boa participação e a maioria da turma esteve presente na visita, participou das discussões posteriores em sala e também escreveu os relatos.

Quando planejei levá-los para visitar as pessoas idosas de um abrigo, esperava como resultado que valorizassem e reconhecessem todos os idosos e as histórias de vida deles como parte importante da construção identitária da sociedade, inclusive dos próprios alunos, além de poderem vivenciar e refletir a respeito do resultado do envelhecimento na sociedade. Acredito que foi o que realmente aconteceu. Mas os resultados alcançados não só foram esses. Com esse processo, pude ver que os alunos se solidarizaram com os idosos do abrigo e compreenderam, na prática, o real sentido da palavra "cidadania de direitos e deveres" que implica respeito ao outro, à vida, aos animais, etc. Isso pode ser confirmado, nos fragmentos dos relatos, onde expuseram sentimentos de preocupação, de solidariedade, compaixão, amor, carinho, respeito para com as pessoas idosas, etc. Enfim as atividades do segundo instrumento de coleta contribuíram para desenvolver, nos alunos e em mim, atitudes e valores essenciais ao exercício da cidadania, tornando-nos cidadãos mais críticos.

Na continuação das atividades, planejei a realização da coleta de dados do terceiro instrumento que foi a produção do texto de opinião. Antes do meu ingresso no mestrado profissional, sempre que solicitava aos alunos que escrevessem um texto, expondo o ponto de vista deles sobre determinada temática e tecessem argumentos para fundamentar o ponto de vista, era comum ouvir comentários como: "não sei como começar", "é muito difícil escrever". Ouvia tais comentários e desconsiderava o fato de os alunos sentirem dificuldades também, pois, como professora, não lhes fornecera subsídios nem as condições mínimas necessárias para os alunos poderem escrever sobre um tema que lhes fora solicitado. Essas condições mínimas a qual me refiro são: pesquisas, debates e discussões e exposição de matérias, textos e/ou reportagens a respeito do assunto ao qual se pretende que os alunos opinem e fundamentem com argumentação coerente. Depois que comecei a cursar o mestrado, meu olhar mudou e passei a refletir sobre minha prática pedagógica. A partir de então, no desenvolvimento dessa atividade, percorri um caminho diferente - durante a realização do projeto: *Respeito ao idoso*, os alunos tiveram a oportunidade de fazer pesquisas situadas a respeito da temática do envelhecimento, também exibi para toda a turma do 9º ano

assistir duas reportagens que abordaram a situação dos idosos no Brasil e as consequências da chegada da terceira idade na vida das pessoas, tais como as demências e outras doenças, as dificuldades de locomoção, o abandono por parte de alguns familiares, o desrespeito por parte de muitos da sociedade em geral, etc, além de termos realizado um debate regrado para opinarem e argumentarem se consideravam ou não ser o abrigo o melhor lugar para os idosos viverem.

Por isso, quando solicitei que escrevessem o texto de opinião com o tema: *Abrigo para idosos - melhor lugar para colocarmos nossos familiares (pais, avós) quando estiverem na velhice*, não me pareceu que sentiram dificuldades para escrever, porque dispunham de informações bastantes sobre o assunto, e inclusive viveram a experiência da visita ao abrigo, ou seja, eles sabiam sobre o que poderiam escrever em seus textos.

Na análise que fiz dos textos de opinião que escreveram, percebi que as opiniões fundamentaram-se com base no que viram e viveram no abrigo e também baseadas no que pesquisaram e ouviram durante todo o processo de realização do projeto.

O mesmo ocorreu com a produção do jornal escolar _ último instrumento de coleta de dados - possibilitou aos alunos se familiarizarem com alguns textos circulantes em várias esferas da sociedade e, com isso, foram capazes de produzirem o jornal da turma do 9º ano "A", fazendo a seleção do nome do jornal, dos cadernos e escrevendo as notícias que deveriam formá-lo.

Ainda no tocante aos resultados esperados - da parte dos alunos - com a produção oral e escrita de um texto de opinião; eles foram alcançados, uma vez que, nos fragmentos dos textos que escreveram e que apresentei, anteriormente, pode-se notar que expuseram sentimentos de compaixão, amor, solidariedade, respeito e humanidade para com os idosos e da mesma forma, escreveram exemplos e/ou sugestões de ações que, se forem postas em prática por qualquer cidadão, melhorarão a qualidade de vida dos idosos em geral.

Outra questão que também considero como resultado dos trabalhos desenvolvidos a partir do projeto diz respeito ao cooperativismo observado entre os alunos durante as realizações das atividades. Os alunos se mostraram solícitos uns aos outros e com disponibilidade em querer ajudar o outro.

É bem verdade que quando planejei as atividades, no início do projeto não considerei quão grande e valioso trabalho realizaria com os alunos, nem pude mensurar qual seria o alcance dele. Apenas imaginei que os resultados seriam encerrados nos que descrevi para os quatro instrumentos, todavia eles foram bem mais além, pois um pouco mais de um mês após o encerramento das atividades do projeto, uma aluna mobilizou algumas colegas da turma e

entrou em contato comigo para que agendasse uma nova visita aos idosos no abrigo. Ela me revelou que gostaria de ler com as colegas, mensagens de Natal para os idosos. Isso mesmo, esses jovens alunos, que antes eram considerados difíceis, desinteressados, que para alguns professores e funcionários não queriam nada, mostraram que compreenderam que "o verdadeiro desenvolvimento é o desenvolvimento humano". (MORIN, 2003, p. 102).

Por isso acredito que voltar ao abrigo de idosos com essas alunas, vê-las lendo mensagens de esperança para as pessoas idosas que foram abandonadas por seus familiares, notar as lágrimas de gratidão no rosto de cada idoso, fez-me acreditar que ações como essa contribuem e muito para minimizar o que, nos dizeres de Morin (2003), já existe nas civilizações:

> uma penúria afetiva e psíquica, o subdesenvolvimento do espírito humano, a miséria mental das sociedades ricas, a carência de amor das sociedades ricas, a maldade e a agressividade miserável dos intelectuais e universitários, proliferação de ideias gerais vazias e de visões mutiladas, a falta de humanidade, a perda da globalidade, do fundamental e da responsabilidade. (MORIN, 2003, p. 103).

Não quero aqui dizer que é uma tarefa fácil desenvolver "projetos de letramento", pois requer muito de todos os envolvidos: professores, alunos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral, porém posso afirmar, com certeza, que trabalhar a língua portuguesa com base em projetos contribui para a formação cidadã dos alunos, proporcionando-lhes um desenvolvimento humano cuja finalidade deve ser "[...] viver com compreensão, solidariedade e compaixão. Viver melhor, sem ser explorado, insultado ou desprezado". (MORIN, 2003, p. 105). É um trabalho com o qual todos saem ganhando em crescimento pessoal e riqueza de conhecimentos. Enfim é um trabalho que ajuda na construção da cidadania nos alunos, uma vez que leva todos os envolvidos a conceberem a ideia de desenvolvimento humano sem que se ignore "[...] os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura". (MORIN, 2003, p. 82).

Fiquei muito feliz com o desenvolvimento e envolvimento dos alunos nas leituras, nas discussões e nas realizações de cada atividade que realizaram. Positivamente também foi o engajamento de todos nos trabalhos e a interação positiva que foram tendo com todos que formam a escola: alunos, direção, coordenação e funcionários. Isso me fez refletir e entender que, na escola, não apenas questões conteudísticas e disciplinares são importantes; as relações interpessoais dentro e fora dela também são muito relevantes. Tais resultados serviram-me para mais uma vez repensar minha prática pedagógica.

No tocante às perguntas que nortearam esta pesquisa: i) qual a importância da produção de textos orais e escritos, com base em práticas sociais, na vida dos alunos do 9º ano do ensino fundamental?; ii) como o trabalho com a produção de um jornal escolar pode ser um caminho para a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos e sua familiarização com os textos circulantes em várias esferas da sociedade?; e iii) que questões podem surgir para a reflexão sobre a formação de cidadania a partir dos textos dos alunos? Posso dizer que elas foram respondidas, à medida que os alunos realizavam cada atividade proposta, e, confirmadas, positivamente por meio dos resultados que foram além dos esperados e também, porque este trabalho possibilitou aos alunos participar "das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**", conforme afirma Rojo (2009, p. 11), sentindo-se mais preparados para tomar decisões, fazer julgamentos, atuar crítica e conscientemente frente às questões sociais às quais lhes rodeiam.

Finalizei este projeto, em novembro de 2015, não sendo, porém, a mesma pessoa que iniciei. Creio que o mesmo aconteceu com meus alunos. Todos os envolvidos sofreram mudanças positivas. Foi um ganho coletivo. Meus alunos mudaram de atitude, estão mais conscientes, mais humanos, mais "cidadãos", além de leitores e produtores de textos.

E quando pensei que outros resultados além dos esperados demorariam a aparecer, meus alunos me surpreenderam ainda no final desse mesmo ano. Minha escola alcançou um significativo resultado no IDEB[25] (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que foi de 3.2, ficando bem próximo da meta que projetara (3.8) e, superando, assim, o baixo resultado de 2013 que foi de 1.9.

Sobre a visita ao abrigo, eu não pude mensurar o tamanho da importância dessa atividade, de levar alunos para conhecerem a realidade de como é ser idoso e morar em um abrigo. Como mais um resultado alcançado, em dezembro de 2015, próximo ao Natal e quase um mês depois de ter encerrado o projeto, tive a imensa alegria de receber uma mensagem de uma das alunas da turma, pedindo que eu agendasse no abrigo uma nova visita para que ela, juntamente com mais outras alunas da turma pudessem visitar os idosos e ler mensagens de Natal para eles. E assim o fiz. Foi maravilhoso e especial, porque nos emocionamos juntamente com os idosos que agradeceram com lágrimas nos olhos.

[25] Essa informação obtida por meio do endereço eletrônico http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=8185841 (Acessado em 10/04/2017).

No final desse dia, já tarde da noite, uma das alunas que participara desse momento me enviou uma mensagem pelo WhatsApp, com a frase: *"Dia bom, professora"!* Outra apenas escreveu para mim a palavra: "*Obrigada*"!

Sabe como me senti com esse gesto? Apenas chorei de satisfação e a alegria do dever cumprido.

Sobre esse precioso momento, trago, na página a seguir, algumas imagens que me são bastante significativas.

Figura 50 - Eu e as alunas lendo mensagens de Natal, dez./2015, para os idosos do abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 51 - Alunas lendo mensagens de Natal, dez./2015, para os idosos do abrigo.

Fonte: Autora, 2017

Figura 52 - Aluna lendo mensagens de Natal, dez./2015, para os idosos do abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Figura 53 - Alunas lendo mensagens de Natal, dez./2015, para os idosos do abrigo.

Fonte: Autora, 2017.

Concluo dizendo que o PROFLETRAS, meus alunos e essa pesquisa me levaram a compreender melhor minhas ações, antes, durante e depois das aulas. De igual modo, entendi, na prática, os significados: social, político e cultural delas. Já os resultados obtidos muito significam para a minha prática pedagógica.

É bem verdade que ainda há em mim, marcas da "velha" professora, pois ainda não rompi totalmente com o ensino tradicional nem mudei a dinâmica da escola e dos meus colegas de profissão, porém mudei minha postura em sala, minha relação com os alunos, meu posicionamento, e considero que eles, igualmente, passaram a ver o estudo da língua

portuguesa não como algo tão complexo e perverso, mas como algo dinâmico, flexível e próximo à realidade de cada um.

Agora já consigo, nas minhas aulas de língua portuguesa, enfocar não mais o micro-contexto da sala de aula, o conhecimento transmitido ou construído, as atividades didáticas, questões de ensino-aprendizagem desses conteúdos e papéis dos alunos e o meu de professora. Busco trabalhar o contexto específico da escola, dos alunos, sua cultura e suas necessidades; um contexto social que relaciona a escola, como agente cultural, à comunidade, à família e à sociedade mais ampla ou, como afirma Oliveira, entendi que, para valorizar o saber e a cultura que os alunos trazem à escola, é preciso ouvi-los e envolvê-los no processo educativo e isso só é possível, se dividirmos com eles, "[...] responsabilidades, tarefas e formas de sentir (entusiasmo, desejo, cansaço, tristeza, alegras, sucesso, incertezas) [...]" (OLIVEIRA, 2014, p. 35), ou seja, mediando a atuação deles na construção da autonomia nos estudos, na aprendizagem, no ensino e no conhecimento; pensando, agindo, sentindo e atribuindo sentido ao mundo social e objetivo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Índice da educação básica - 2013**. Brasília (DF), 2013. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Índice da educação básica - 2015**. Brasília (DF), 2015. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de educação fundamental. Brasília (DF), 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2016.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Prova Brasil**. Brasília (DF), 2013. Disponível em: <http://sistemasprovabrasil.inep.gov.br/ provaBrasil Resultados/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagem**, 9º ano: língua portuguesa. 7. ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: _____; _____; _____. **Gêneros e escritos na escola**. Tradução. e organização de R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

KLEIMAN, A. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola, In:_____. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 15-22.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 14. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2012.

APÊNDICES

APÊNCIDE A - Cópias dos planos de aula

Plano de Aula 1

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Plano de aula 1 (04 aulas de 50 minutos)
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Margarete dos Santos
ABERTURA DO PROJETO PEDAGÓGICO: "Respeito ao Idoso"

Conteúdo:
Exibição do filme: "O Curioso caso de Benjamin Button".
Narrativas de vida (familiar, da rua, vila) / Histórias de vida dos avós / Memórias dos avós.

Objetivos:
Valorizar as histórias de vida e experiências das pessoas idosas;
Compreender o que é memória / narrativa pessoal;
Observar que as memórias/ histórias de vida podem ser registradas oralmente e por escrito;
Perceber como as pessoas idosas podem trazer lembranças de um tempo passado.
Fomentar a discussão para a produção textual das histórias de vida familiar/rua/vila/bairro e desenvolver a prática oral em sala de aula

Metodologia:
Proposição da exibição do filme para logo depois colocarem em prática uma escuta atenta;
Discussão em sala (roda de conversa);
Propor aos alunos tomarem nota dos relatos das histórias de vida do(a) idoso(a), e também suas impressões mais marcantes do(a) idoso(a), para posterior produção textual em sala.

Avaliação:
Conversa informal com os alunos;
Participação oral.

Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador

Início de conversa
-Exibir para os alunos o filme: O curioso caso de Benjamin Button.
-Fazer pipocas para distribuir para os alunos durante a exibição do filme.
IMPORTANTE! (Tirar fotos para registrar o momento da abertura oficial do projeto)
A escolha do filme se deu pela temática, pois aborda a questão das etapas da vida (infância, adolescência, juventude, fase adulta e velhice).

Plano de Aula 2

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Plano de aula 02 (02 aulas de 50 minutos) Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Disciplina: Língua Portuguesa Professora: Margarete dos Santos

Objetivos:
Valorizar as histórias de vida e experiências das pessoas idosas;
Compreender o que é memória / narrativa pessoal;
Observar que as memórias/ histórias de vida podem ser registradas oralmente e por escrito;
Perceber como as pessoas idosas podem trazer lembranças de um tempo passado.
Fomentar a discussão para a produção textual das histórias de vida familiar/rua/vila/bairro e desenvolver a prática oral em sala de aula

Metodologia:
Proposição da exibição do filme para logo depois colocarem em prática uma escuta atenta;
Discussão em sala (roda de conversa);
Propor aos alunos tomarem nota dos relatos das histórias de vida do(a) idoso(a), e também suas impressões mais marcantes do(a) idoso(a), para posterior produção textual em sala.

Avaliação:
Conversa informal com os alunos;
Participação oral.

Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador
IMPORTANTE:

1º Conversar um pouco sobre o filme. Perguntar se entenderam como os fatos foram narrados. Aguardar os comentários e depois complementar esclarecendo que todos os fatos e a história de vida dos personagens foram narrados a partir da leitura do diário pessoal que fora escrito pelo protagonista. É um filme que também mostra a importância dos registros e escritas das histórias de vida, para se resgatar a memória. É um trabalho de construção de identidade, visto que as histórias dos avós e familiares também constitui parte da história de cada um.

2º Conversar com os alunos sobre o significado da palavra **memórias.** Anotar a definição na lousa.

3º Explicar aos alunos que todos nós temos episódios de vida para lembrar: fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentiram e viveram esses acontecimentos. O que interessa é que essas lembranças sejam fortes e significativas para quem as conta.

4º Sugerir para os alunos que eles podem iniciar o contato explicando que a escola onde estudam está desenvolvendo o projeto: Respeito ao idoso. Então diga que gostaria de saber se seu avó ou avô, ou o idoso da rua, ou da vila teria disponibilidade para conversar, contar-lhe as lembranças que têm de alguma passagem marcante da vida deles. Que lembranças são essas e por que elas foram marcantes.

5º Conversar com a turma a respeito da importância do registro; dar sugestões e dicas para que eles anotem o maior número possível de informações durante a conversa com a pessoa idosa.

Importante: Essa atividade ajudará os alunos com o exercício da audição e da escuta atenta que é imprescindível para a formação da cidadania, visto que a nossa sociedade atual ouve o outro cada vez menos.

Plano de Aula 3

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Plano de aula 03 (02 aulas de 50 minutos)
Disciplina: Língua Portuguesa Professora: Margarete dos Santos

Objetivos:
Valorizar as histórias de vida e experiências das pessoas idosas;
Compreender o que é memória / narrativa pessoal;
Observar que as memórias/ histórias de vida podem ser registradas oralmente e por escrito;
Perceber como as pessoas idosas podem trazer lembranças de um tempo passado.
Fomentar a discussão para a produção textual das histórias de vida familiar/rua/vila/bairro e desenvolver a prática oral em sala de aula

Metodologia:
Proposição da exibição do filme para logo depois colocarem em prática uma escuta atenta;
Discussão em sala (roda de conversa);
Propor aos alunos tomarem nota dos relatos das histórias de vida do(a) idoso(a), e também suas impressões mais marcantes do(a) idoso(a), para posterior produção textual em sala.

Avaliação:
Conversa informal com os alunos;
Participação oral.
Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador
1º Em classe, as carteiras organizadas em forma de círculo, os alunos contam o que ouviram e organizam um quadro com os seguintes dados:
Nome e idade do entrevistado
Fatos lembrados
Temas mencionados
O que mais chamou a atenção
2º Pedir aos alunos que recontem brevemente o que ouviram. Perguntar também o que mais chamou a atenção de cada um nos relatos. Perguntar se compreenderam o que os avós ou o idoso disse; o que sentiram ao ouvi-lo: ficaram surpresos, emocionados; tiveram dúvida sobre alguma palavra ou expressão utilizada etc.
Cada aluno pode destacar o que considerou mais importante na forma como o depoimento foi dado.
3º Explicar aos alunos que o exercício de recontar a história de alguém é parte importante do trabalho; por isso, eles precisam conhecer a história da pessoa sobre quem irão escrever e ficar atentos ao modo dela se expressar, de contar as coisas.
4º Distribuir com cada aluno o texto de memórias literárias: ***Parecida, mas diferente,*** da escritora Zélia Gattai. Depois fazer a leitura com os alunos a fim de que percebam as várias características das narrativas. Só depois dessa atividade é que os alunos farão a produção das histórias de vida dos avós.

Plano de Aula 4

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Plano de aula 4 (02 aulas de 50 minutos)
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Margarete dos Santos

Conteúdo:
Relato Pessoal sobre a visita a um abrigo para idosos.

Objetivos:
Preparar os alunos para tomar notas dos relatos dos idosos;
Preparar os alunos para a escuta atenta;
Perceber como as pessoas idosas podem trazer lembranças de um tempo passado.
Fomentar a discussão para a produção dos relatos pessoais

Metodologia:
Discussão em sala (roda de conversa);
Propor aos alunos tomarem nota dos relatos das histórias de vida dos idosos do abrigo, para posterior discussão e produção textual em sala.

Avaliação:
Conversa informal com os alunos;
Participação oral.

Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador

Plano de Aula 5

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Plano de aula 5 (04 aulas de 50 minutos)
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Margarete dos Santos

Conteúdos:
Debate Regrado
Texto de Opinião.

Objetivos:
Preparar os alunos para a escuta atenta;
Despertar nos alunos o respeito à opinião do outro;
Desenvolver nos alunos a habilidade de tecer apresentar um ponto de vista sobre um determinado tema e tecer argumentos;
Apresentar aos alunos a estrutura de um debate regrado e do texto de opinião;
Levar os alunos a produzirem um texto de opinião.

Metodologia:
Exibição de reportagens sobre a temática do envelhecimento;
Pesquisas situadas sobre a temática do envelhecimento;
Discussão em sala (roda de conversa);

Avaliação:
Participação oral e escrita;

Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador
Textos de opinião

Plano de Aula 6

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo
Série: 9º ano do ensino Fundamental Turma: A
Plano de aula 6 (04 aulas de 50 minutos)
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Margarete dos Santos

Conteúdos:
Notícias jornalísticas;
Cadernos de um jornal;
Características de uma notícia jornalística.

Objetivos:
Preparar os alunos para escrever as notícias para o jornal;
Familiarizar os alunos sobre as características de um jornal;
Desenvolver nos alunos a habilidade de escrever textos jornalísticos;
Levar os alunos a elegerem um nome para o jornal escolar da turma;
Levar os alunos a escolherem os nomes dos cadernos do jornal escolar da turma.

Metodologia:
Exibição de notícias sobre a temática do envelhecimento;
Pesquisas de textos e imagens situadas sobre a temática do envelhecimento;
Discussão em sala (roda de conversa);
Uso do laboratório de informática.

Avaliação:
Participação oral e escrita;

Instrumento de coleta de dados:
Diário do pesquisador
Jornal escolar

APÊNDICE B - Cópias de páginas do Diário da pesquisadora.

Folha 1

Diário da professora Margarete

Hoje, terça-feira, 07 de julho de 2015, já é noite e estou em casa, planejando minhas aulas e pensando. Cheia de interrogações. Na verdade, depois da reunião pedagógica que tive com a coordenação, fiquei preocupada com as informações que ela passou a todos nós, professores da escola Rodriguez de Melo. Nem todos estavam presentes no encontro pedagógico, mas aos que estavam a coordenadora Luciaria explicou que a 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação), do estado de Alagoas comunicou que a escola deverá realizar projetos pedagógicos nesse segundo semestre letivo de 2015. Foi aí que comecei a ficar apreensiva: Como farei para desenvolver, na escola, o meu projeto de pesquisa do Mestrado juntamente com os demais projetos solicitados pela escola? Acho que não haverá tempo suficiente para tudo isso e ainda trabalhar o programa da grade curricular de cada série. Não adianta se desesperar, Margarete! (Não me tornei professora de escola pública para me desesperar!!! É lógico que essas ideias são minhas e ninguém precisa concordar com elas, mas, sinceramente, aprendi que ser professora da rede pública de ensino é matar um leão todo dia, por isso minha atitude diante de qualquer problema, dificuldade é sempre o seguinte: primeiro fico nervosa, pensativa, e logo em seguida respiro fundo e digo para mim mesma, é isso? Vou desistir? Deixarei o negativismo me dominar? Claro que não!!! A partir daí, sempre visualizo soluções para os problemas. Pode me apresentar os maiores problemas que busco encontrar soluções para eles. É assim mesmo. Pareço sonhadora? Sou apaixonada pela educação e acredito nos meus alunos e os vejo como vítimas desse sistema cruel e desumano, que grita seus discursos naturalizantes a fim de que todos acreditem que eles não estão estudando para ser alguém na vida. Meus alunos já são alguém nessa vida. São jovens cidadãos que têm sonhos, projetos, uma história de vida. Se são rebeldes, impacientes, que acreditam que tudo vai ficar bem e que, no seu futuro, tudo dará certo. Pensam assim, porque são jovens e quem já teve essa idade sabe exatamente como é. A única diferença está no meio social onde cada um está inserido.

É bem verdade que meus colegas professores e alguns funcionários não demonstram concordar com essa minha percepção a respeito dos meus alunos, pois nos intervalos entre as aulas ouço os comentários deles sobre os adolescentes da minha turma do 9º ano A como: "Eles são jovens que não querem nada, não sabem nada e não gostam de nada. É uma turma difícil".

Folha 2

Então voltemos aos fatos: Se visualizo soluções diante dos problemas, como resolverei esse impasse do tempo, nesse segundo semestre de 2015, para desenvolver o grande projeto da escola, cuja temática é: Respeito a idoso, quando terei que realizar o meu projeto do mestrado com o desenvolvimento de atividades para fazer a coleta de dados da minha pesquisa? A coordenadora Luciaria explicou por que escolhera a temática do respeito ao idoso para o projeto. Compartilho aqui a justificativa que ela escreveu no projeto, pois também me solidarizei com sua preocupação diante da situação que vivenciara: Diante de relatos insensíveis feitos pelos alunos em relação à fase do envelhecimento e ao 'ser velho', como também a falta de carinho com a qual se referem a seus próprios familiares (não só os idosos, mas também os adultos) sentimos a necessidade de se resgatar o respeito dos jovens aos idosos que estão sendo deixados de lado, principalmente depois do advento e facilidade de acesso às mídias e redes sociais atuais.

Precisamos mostrar o quanto os idosos já contribuíram e ainda contribuem, com as várias instâncias: a família, a sociedade, o estado e também o país. Essa contribuição está relacionada tanto às questões financeiras, à sociedade, à identidade e à nossa cultura, quanto à história familiar de cada indivíduo. Além disso, não podemos esquecer o quanto eles ainda têm a nos ensinar. Quantas vezes presenciamos, nos noticiários, as agressões que os idosos sofrem em casa, nos asilos e nas ruas. Essa situação mudará, quando as famílias educarem seus filhos (crianças, adolescentes e jovens), ensinando-os a respeitar as pessoas idosas em geral.

E foi essa justificativa que me serviu de ponto de partida para a solução do problema. A coordenação estava certa, nós e a nossa escola, há anos não desenvolvemos projetos que envolvessem todos os alunos, professores e comunidade escola. É como estivéssemos perdendo, aos poucos, a nossa identidade de parceiros na construção do conhecimento. E parafraseando OLIVEIRA, 2014, p. 34, esquecemos que educar é articular o vivido ao conhecimento escolar e isso implica a inclusão da vida dos alunos, como seres de projeto, em um projeto mais amplo – o da escola.

Assim sendo pensei: Por que não desenvolver o meu projeto de pesquisa do Mestrado a partir desse projeto que a escola desenvolverá com os alunos? Está decido. Levarei a ideia, sugestão ao meu orientador. Sei que vou ter muito trabalho pela frente. Se meu orientador concordar que minha ideia é válida e viável, terei muito que planejar e executar juntamente com meus alunos, mas o trabalho será bom para mim, para eles, para os pais, familiares, escola e para a comunidade em geral. Acho que todos sairão ganhando.

É isto: buscarei desenvolver um trabalho pautado no que os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem - o ensino da língua por meio dos textos orais e escritos e de um trabalho desenvolvido a partir dos temas transversais (Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo) buscando assim uma efetiva e responsável participação dos alunos como cidadãos, a fim de se ampliar, não só a competência comunicativa deles, e outras semelhantes, mas também sua capacidade de análise crítica e reflexão sobre valores e concepções veiculados, de participação e de transformação das questões envolvidas.

Chegou a hora dos meus alunos traçarem o destino das coisas e do mundo, por meio da linguagem, a partir de ações sociais eficazes.

Agora é só aguardar o dia amanhecer para apresentar as ideias ao meu orientador. Estou com sono, mas nem sei se conseguirei dormir com tantas ideias dançando na minha mente... Vou tentar.

Folha 3

Diário do pesquisador, 13 de agosto de 2015, quinta-feira.

O dia hoje amanheceu nublado e lindo. Valeu a pena ter acordado cedinho. Hoje às 06h30 já estava na escola. Combinara com meus colegas da portaria da escola de nos reunirmos nesse horário para organizarmos o ambiente e recebermos os alunos. De novo esses homens valorosos subiram na escada para esticar e prender nas laterais do pátio as lonas grandes e pesadas. Nossa intenção era improvisar uma sala de cinema e Deus também nos ajudou, porque deixou essa manhã nublada, ficando assim o ambiente com menos claridade. Tudo para não comprometer a qualidade das imagens que seriam exibidas no telão.

Quando os alunos e professores chegaram, o cenário já estava quase todo pronto. Os professores ainda deram a primeira aula e às 08h15 dirigiram-se com os alunos ao pátio "cinema" da nossa escola, cada um trouxe a cadeira da sala de aula para servir de poltrona no nosso "pátio-cinema". A palavra oficial foi muito boa, de forma simples a coordenadora explicou o que representava o projeto para cada um de nós e como cada professor, dentro da sua área, disciplina, abordaria a temática respeito ao idoso. Depois de falar sobre a data da culminância dos trabalhos, às 08h40 começou a exibição do filme.

Enquanto o filme rolava, eu fui para a cozinha fazer as pipoca. As duas cozinheiras faltaram ao trabalho, porque estavam doentes. Logo hoje! Mas pensa que desanimei? Que nada! Estava tão feliz por ver o nosso "pátio-cinema" lotado e os alunos com os olhos fixos no telão que fui sem nem pestanejar. E de quebra, meus colegas, professores me acompanharam na empreitada. A panelona no fogo, os milhos estourando, o cheiro da pipoca exalando no ambiente e todo mundo contente, colocando as pipocas nos saquinhos! Havíamos conseguido! **Penso que quando o início dá certo, o meio e o fim têm mais probabilidade de darem também, pois quando nos propomos a realizarmos um projeto pedagógico, temos consciência de que haverá muito trabalho a ser feito, mas nessas duas primeiras semanas deste mês de agosto, organizando a abertura do nosso projeto, senti de perto as dificuldades e tive a confirmação do que já sei há décadas, desde que ingressei no magistério, dando aulas na escola pública. Na escola pública tudo é mais difícil, mas é mais encantador, porque tudo que fazemos nela é com suor, canseira, mas com uma certeza de que com pouco ou sem nenhum recurso financeiro, unidos, realizamos o nosso melhor!** Como é bom termos dentro de nós, a certeza de que nossos jovens alunos são alguém na vida. Hoje eu fui, só, sorrisos. Depois de tanta luta... Correria... **Vi nosso pátio transformar-se em sala de cinema e nossos jovens alunos, atentos, assistindo, por duas horas e quarenta minutos, ao filme: O Curioso caso de Benjamim Button.** Um drama que aborda todas as fases do desenvolvimento humano (infância, adolescência, juventude, vida adulta e a velhice). Ver também a dedicação, boa vontade e união dos meus colegas, professores... Termos ido à cozinha fazer pipocas para os alunos foi maravilhoso! O resultado de tudo isso eu registrei em imagens, fotografias para não me esquecer desse momento ímpar! **Tudo lindo! Obrigada... Obrigada... Para mim, é o início do resgate da "identidade" da nossa escola e de todos que formam o Rodriguez de Melo.**

A partir de agora tenho que continuar a planejar e as atividades que desenvolverei especialmente com os alunos do 9º ano A, para a coleta dos dados da minha pesquisa do Mestrado.

Folha 4

Trecho do Diário do pesquisador, 19 de agosto de 2015, quarta-feira.

As aulas hoje foram proveitosas, como havia montado um pequeno roteiro para os meus alunos, tratei de distribui-lo com cada um. Eram orientações, ou um pequeno passo a passo para eles anotarem as informações quando fizessem a entrevista sobre as histórias de vida da família. O roteiro essa este: no início conversamos um pouco sobre o filme. Perguntei se entenderam como os fatos foram narrados. Aguardei os comentários e depois complementei, esclarecendo que todos os fatos e a história de vida dos personagens foram narrados a partir da leitura do diário pessoal que fora escrito pelo protagonista. Disse que foi um filme que também mostrou a importância dos registros e escritas das histórias de vida, para se resgatar a memória. Falei que a atividade que eles farão também será um trabalho de construção de identidades, visto que as histórias dos avós e familiares também constitui parte da história de cada um.

Depois conversei com a turma sobre o significado da palavra memórias. Anotei a definição na lousa. Comentei que todos nós temos episódios de vida para lembrar: fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentimos e vivemos esses acontecimentos, mas o que interessa é que essas lembranças foram fortes e significativas para quem as vivenciou.

Também sugeri que cada aluno, quando falasse com o avó/vô, explicasse que a escola onde estuda está desenvolvendo o projeto: Respeito ao idoso e que ele gostaria de saber se seu avó ou avô, ou o idoso da rua, ou da vila teria disponibilidade para conversar, contar-lhe as lembranças que tem de alguma passagem marcante da vida dele, falando também porque tais lembranças foram marcantes. Lembrei que será importante anotar o maior número possível de informações durante a conversa com a pessoa idosa. Creio que essa atividade ajudará os alunos com o exercício da audição e da escuta atenta que é imprescindível para a formação da cidadania, visto que a nossa sociedade atual ouve o outro cada vez menos.

Combinei de trazerem as anotações para discussão em sala no dia 24 desse mês. Espero que todos consigam fazer o trabalho.

Folha 5

Diário do pesquisador, 24 de agosto de 2015, segunda-feira.

Na aula de hoje, não deu para finalizar as discussões sobre as histórias de vida familiar, pois ***apenas três alunos conseguiram conversar com os avós.*** Alguns alunos explicaram que não conseguiram por vários motivos: o(a) avô(ó) adoeceu; outros disseram que não deu para ir à casa dos avós e os que não têm mas os avós disseram que ainda estão vendo um idoso na rua onde moram que aceitem conversar e lhes contar as histórias de vida. ***Mas como não posso deixar de valorizar o trabalho dos que fizeram, ainda que tenha sido uma minoria, organizamos as cadeiras e mesas em círculo para ficar melhor a interação entre os alunos, pois assim ficou melhor de todos se verem e prestarem atenção no colega que estivesse contando sobre a história de vida familiar. Quer saber se fiquei desapontada porque somente três alunos realizaram essa etapa da primeira atividade? Desapontada não, mas um pouco triste e preocupada, pois não sei se todos ou a maioria farão. Confesso que até pensei: "será que não fizeram, porque não estão nem aí para escutarem os idosos?"*** Mas logo em seguida essa dúvida desapareceu da minha mente, quando os que não conseguiram fazer a atividade me procuraram preocupados e explicaram sobre a real situação dos avós (alguns doentes, outros moram distantes e também há os que não são tão idosos assim, têm 57 ou 58 anos, então houve alunos que ficaram sem saber se poderiam escutar a história dos avós que ainda não entrou na velhice). Não dá para não acreditar nessas situações, sei que ser idoso para alguns não é fácil, um dia está bem, no outro nem tão bem. Quanto aos que ainda não entraram na velhice, considerei que é importante ouvi-los sim, já que são seus avós e estão pertinho de ingressarem na fase do envelhecimento. Se o aluno quer ouvir a história de vida dos seus avós, que mal há no fato de eles serem quase idosos? Sobre os que disseram que os avós moram distantes, já que meus alunos têm idades entre 13, 15 e 16 anos, para visitarem os avós é preciso que haja um momento oportuno e que seus pais consintam a visita, por isso diante da real situação, revesti-me de otimismo de novo. ***Fizemos a discussão com os que trouxeram as anotações e foi um momento muito proveitoso. É claro que sempre houve aqueles jovens que não queriam prestar atenção, ficavam a todo instante querendo conversar sobre outros assuntos, distraindo o colega do lado e nessas horas, parei a discussão e expliquei para toda turma da importância de pararmos para ouvir o outro, atentamente. E também do respeito e consideração que cada um dos presentes na sala deve ter pelas histórias de vida que estavam sendo partilhadas com toda turma naquele momento.*** Sou grata, porque todos entenderam e penso que na próxima aula, quando foi o combinado com a turma para continuarmos a discussão na próxima, quarta-feira, dia 26 desse mês, eles já se comportarão diferente, participando com maior atenção e demonstrando mais carinho e respeito a tudo que ouvirão. Agora planejarei a conclusão desse primeiro processo de atividades que será a produção escrita, em sala, sobre as histórias que ouviram. Até a próxima quarta-feira.

Folha 6

Diário do dia 31 de agosto de 2015, segunda-feira.

A aula de hoje transcorreu conforme o planejado, graças a Deus. Na quarta-feira passada, havia combinado com a turma que, na aula dessa segunda-feira, 31, escreveriam as narrativas sobre as histórias de vida familiar / rua / vila / bairro, por isso elaborei e imprimi e levei para cada um, uma folha padrão para o texto definitivo. Achei que seria importante fazermos um trabalho organizado, numa folha padrão com cabeçalho, identificando o nome da escola, do aluno e sua série, pois dada a importância da atividade que eles realizaram com tanto empenho, era o mínimo que eu poderia lhes oferecer, além das minhas orientações. Então depois que fiz a chamada, pedi que cada aluno pegasse as anotações sobre a conversa que tiveram com o avô, a avó e ***expliquei-lhes como escreveriam as narrativas de vida e da importância de cada um fazer primeiramente um rascunho para posterior leitura e correção. Nesse instante, como é de costume, eles reclamaram um pouco, porque queriam escrever diretamente na folha padronizada que lhes entreguei. Penso que a maioria dos jovens age assim. Eles não gostam de escrever e depois ter que passar a limpo.*** Se pudessem, escreveriam apenas uma vez e pronto! O problema para eles não são as correções, mas o que ela implica: uma reescrita. E é disso que os jovens não gostam: escrever o mesmo texto duas ou três vezes. Aí tive que lhes falar da necessidade de passarmos a limpo as nossas anotações, uma vez que os nossos pensamentos e as ideias não saem prontos e acabadas da nossa mente para o papel. Necessário se faz ler, reler, modificar, eliminar, substituir, retificar até se chegar ao produto final. Mesmo demonstrando preguiça, eles começaram a escrever as histórias. Alguns até conseguiram finalizar e fizemos as correções ortográficas, de pontuação, emprego de maiúsculas, coerência em alguns tempos verbais. Outros escreveram, mas não deu tempo fazermos as correções. Deixamos para fazer na próxima aula, quarta-feira, 02 de setembro. Todavia, houve alunos que ainda não conseguiram conversar com os avós para ouvirem suas histórias de vida, então como já havia imaginado que isso aconteceria, conversei antes com o meu orientador que me explicou a importância de ouvir esses alunos também para saber o porquê de não terem conversado com os avós. E assim o fiz. Depois de explicar a razão de não terem escutado as história de vida, fiquei surpresa com as explicações. O interessante é que depois dos relatos, alguns disseram que ainda tentariam conversar com os avós para ouvir suas histórias. Achei isso maravilhoso! Terminei a aula confiante. Agora é esperar as próximas aulas para a conclusão dessa atividade nesta semana. Espero que dê tempo, pois auxiliar as correções de tantas redações demanda um tempo considerável. Ao final de todas as aulas, hoje ainda fui com a coordenadora Luciaria conhecer o abrigo para idosos: Casa do Pobre, que fica próximo à nossa escola. É que como levarei a turma do 9º ano para conhecerem um abrigo para idosos, a fim de ouvirem as histórias deles e conhecerem a realidade dessa espécie de lar, a coordenadora se prontificou a me ajudar, então fomos lá para saber os procedimentos necessários para fazermos uma visita. Depois de conversarmos com o coordenador do local, ele já deixou agendado para o dia 09 de setembro, às 14h00, a visita ao local. Agora preciso pedir a secretária da escola que me ajude a preparar o termo de autorização para os pais assinarem, permitindo que seus filhos façam a visita e o ofício de solicitação que levarei ainda esta semana ao abrigo. Também preciso conversar com a turma a respeito dos produtos que levaremos como doação para os idosos que residem no abrigo. Creio que vai ser uma experiência nova e enriquecedora para mim e os alunos.

Folha 7

Diário do dia 09 de setembro de 2015, quarta-feira.

As aulas hoje foram maravilhosas. Quero dizer, "maravilhosas", porque tudo ocorreu conforme o planejado e os alunos trouxeram a autorização dos pais para a nossa visita ao abrigo: Casa do Pobre. Ao término da aula, não fui para casa, combinei com meus colegas de trabalho, o Alex e o Marcos para almoçarmos na escola, pois os dois aceitaram nos acompanhar na visita. Foi um almoço proveitoso, além do bate-papo agradável na companhia da diretora e do meu colega Hilnison que também é professor de português. Às 13h30 já estávamos prontos, eu, a coordenadora Luciaria e os colegas de trabalho Dorinha, Alex e Marcos. Aguardamos os alunos que foram chegando aos poucos. Primeiro chegaram uns cinco. Enquanto as horas avançavam, eu tentava disfarçar a minha preocupação e cada vez que algum aluno comentava que não chegaria, mas ninguém, eu abria um sorriso e afirmava que viriam, pois haviam confirmado. Eu realmente estava confiante e, no meu pensamento, pedia a Deus que os trouxesse à escola. Pode parecer bobagem, mas eu realmente acredito que nossos jovens também assumem e honram compromissos. Então, faltando dez minutos para as catorze horas, não é que funcionou mesmo! Quinze alunos compareceram. E todos eles trouxeram algum donativo: creme dental, colônias, sabonetes etc. eu também havia comprado alguns itens para levar ao abrigo. Agora eu estava realmente feliz! A tão esperada visita aconteceria mesmo! Antes de irmos ao abrigo, posamos para fotos. Eu precisava registrar esse momento. Todos reunidos, o querido amigo Marcos se ofereceu para tirar as fotos que ficaram lindas e fomos nós, com as sacolinhas de donativos rumo à visita. Como o local fica a uns sete minutos da escola, fomos caminhando a pé mesmo. Chegamos ao destino às catorze horas e dez minutos. Lá, o porteiro nos recebeu muito bem e pediu que aguardássemos o coordenador do abrigo na sala de visitas. Não demorou muito e o senhor Bruno veio nos receber. Ele nos conduziu, primeiro, à área externa do abrigo. Ficamos encantados com a beleza e organização do local. Olhando de fora, mais parece um hotel fazenda ou uma bela e enorme casa de campo com grandes jardins, mas faltava conhecermos o interior do abrigo. Foi aí que a ficha caiu: fomos vendo os idosos com seus rostos tristes, com demência (falta de lucidez). Muitos não sabem sua idade. O coordenador, pacientemente, foi explicando a situação de cada idoso do abrigo. Percebi o choque que meus alunos e eu tivemos quando fomos conhecendo aquela nova realidade. Como foi difícil sabermos e vermos que todos aqueles idosos foram abandonados por seus familiares. É isso, estávamos vendo, pessoalmente, que a vida não é fácil para ninguém, mas que para alguns ela é bem mais difícil e dolorida. Tudo foi registrado em fotos. Foi muito emocionante ver meus jovens alunos pararem para ouvir as histórias daqueles idosos. O interessante é que cada coisa que descobriam vinham me contar com um olhar de surpresa e de dó. E comentavam: "por mais que esse lugar seja bonito e organizado, acho que eles prefeririam estar em suas casinhas humildes e junto dos seus familiares." Refletindo, pensei: "– no abrigo é como se a história deles tivesse sido apagada. Os quartos são arrumados, mas não tem a bagunça que diz que alguém dorme ali todos os dias, não tem o cheiro e os objetos pessoais que costuma ter no quarto da nossa casa e que é sinal de vida, de que é habitado. É tudo muito frio e triste." Mesmo com todo cuidado e carinho das pessoas que trabalham no abrigo, os idosos não têm o que realmente precisam que é o carinho, amor, atenção dos familiares. Despedimo-nos de todos às 15h15. Foi uma troca riquíssima de experiência, amor, carinho e solidariedade! O respeito ao idoso precisa estar presente nas ações mais simples também. Creio que esta experiência operou mudanças positivas e boas dentro de cada um de nós. Eu realmente estou agradecida, porque os alunos demonstraram ter gostado da experiência. Agora é aguardar para a aula de amanhã, para a discussão na sala. Quero que todos socializem a experiência que viveram e acredito que será importante, também, para os onze alunos, que não foram, ouvirem os relatos dessas experiências. Eu também quero ouvir os meus alunos, saber das impressões que ficaram em cada um deles e das contribuições advindas dessa visita.

Folha 8

Diário do pesquisador, 10 de setembro de 2015, quinta-feira.

Como eu combinei com a turma, depois da chamada em classe, demos início à discussão na aula para que cada aluno que participou da visita ao abrigo falasse sobre a experiência vivida ontem. O interessante é que antes de falarem, eles mesmos começaram organizando as mesas e cadeiras em forma de círculo para que todos pudessem ver e ouvir um ao outro. Eu gostei da iniciativa. Na hora de falarem, no começo, alguns ficaram com timidez, mas depois que a primeira aluna deu o pontapé inicial, os demais se sentiram encorajados e também quiseram falar. Eu os deixei à vontade para que contasse, partilhassem coma turma as impressões que o local lhes causou. Ouvi-los relatar o que viram, ouviram e o que mais lhes chamou atenção foi muito bom. Eu estava diante de jovens que revelaram seu jeito bem particular e especial de perceberem a outra realidade que antes não conheciam. O modo como expressaram que sentiram indignação, surpresa, emoção, tristeza, pesar, responsabilidade etc, diante do que presenciaram na visita foi real, pois falaram sobre sentimentos cheios de sentido, significação. Foi o resultado do que vimos, sentimos e descobrimos in loco. Eu me senti grata, porque além de ter percebido que essa visita operou mudanças em todos nós, também motivou os que não puderam nos acompanhar e eles disseram que vão reservar um tempo para visitar um abrigo para idosos. Agora é esperar as próximas aulas para eles escreverem o relato dessas experiências.

Folha 9

Diário do dia 14 de setembro de 2015, segunda-feira.

Nas aulas de hoje, trabalhamos com a redação dos relatos de experiência. Foi a vez dos alunos escreverem seus textos, falando sobre a experiência de terem visitado os idosos do abrigo: Casa do Pobre. Como é comum no meio dos jovens alunos, sempre reclamam do fato de terem que escrever rascunhos, antes de passar a limpo o texto final. De novo os aconselhei da necessidade de se fazer tal trabalho, uma vez que a atividade de escrita exige isso de nós: escreve-se, retifica-se, substitui-se, acrescenta-se e por fim, têm-se o produto final. Dos que participaram dessa primeira visita, catorze deles entenderam e aceitaram fazer o rascunho e passar a limpo, então começaram a escrever e, à medida que iam finalizando, pediam que eu lesse com eles e fizesse as correções de ortografia, pontuação, emprego de maiúsculas, paragrafação. O curioso é que a cada texto que escrevem, cometem cada vez menos esses erros. Não deu tempo de ler todos os textos, mas aos poucos vamos avançando. É que não é uma tarefa que eu consiga executar tão rapidamente e eles pedem que eu leia, então não posso deixar de fazê-lo. Mas não deu para corrigir o texto de todos nessa aula e também alguns alunos dos que já fizeram a visita ao abrigo faltaram. O jeito será seguir com as correções, à medida que eles forem concluindo as escritas. A verdade é que estou encantada com os relatos deles sobre a visita. São comentários condizentes com as falas deles no bate-papo que tivemos na aula.

Apesar de não terem sentido dificuldade para escrever os relatos, porque sabiam sobre o que falariam: escrever sobre a experiência concreta a qual haviam vivenciado pessoalmente, *surpreendi-me com a aluna Juceli que não concordou em passar a limpo o relato que escrevera. Vê-la se recusar a fazê-lo, fez-me sentir um desapontamento diante da turma. Mas o que mais me incomodou foi o fato dela dizer que o texto não precisaria ser passado a limpo só porque eu disse que era necessário. Ela achava que estava organizado e por isso eu deveria aceitar, pois não fazia o que os pais pediam, por que faria o que eu estava pedindo? Não houve nenhum argumento capaz de convencê-la. Então respirei fundo e depois do término das aulas, recebi o rascunho do relato que ela escrevera, guardeio e fui conversar com a coordenação e a direção. Nesse instante, eu entendi que precisava ensinar para Juceli que o trabalho que eu lhe pedira, não era para fazer apenas porque eu estava pedindo, mas por ser realmente preciso, já que escrever requer isso de nós: reescrita(s). Então só me restava agora conversar com seus pais.* Se ela não acreditava que o que lhe pedira era um trabalho que faz parte da jornada de que se propõe a escrever, talvez eu, juntamente com seus pais a fizéssemos entender isso. Tomei essa decisão, porque me preocupo com meus alunos. Então espero que ela consiga acreditar nisso. Na quinta-feira, 17 de setembro, continuarei com a leitura e correção dos textos dos que faltaram a aula hoje.

Folha 10

Diário do pesquisador, 21 de setembro de 2015, segunda-feira.
Nas aulas de hoje, concluímos as escritas dos Relatos de Experiência e depois expliquei para os alunos o que é um debate regrado. Aproveitei que o livro didático deles aborda esse tipo de produção textual: Debate regrado público, bem como os princípios e procedimentos para a realização de um debate democrático, para definir como seria o nosso. Definimos que todos fariam pesquisas sobre a temática: idosos na sociedade (qualidade de vida dos idosos, respeito ao idoso, problemas vividos pelos idosos como o abandono, depressão, desrespeito etc). Também combinei de exibir para a turma algumas reportagens televisivas que abordaram a questão dos idosos no Brasil. E por fim, expliquei que após o debate, eles fariam mais uma produção de um texto de opinião. Todos os alunos presentes, mais de oitenta por cento da turma, concordou com o combinado.

Folha 11

Diário do pesquisador, 23 de setembro de 2015, quarta-feira.
Hoje o dia amanheceu lindo e iniciei as aulas conforme havia combinado com a turma. Levei-os à sala de vídeo, pois antes do debate, planejei de exibir dois vídeos de reportagens que abordaram a temática do idoso. A primeira matéria - *Novos idosos, velhos desafios* fora exibida pela TV Brasil, em 2013, no programa Caminhos da Reportagem, em comemoração aos dez anos do Estatuto do idoso no Brasil. Já a segunda reportagem foi exibida a semana passada, na terça-feira do dia 15 desse mês pela TV Globo, no programa Profissão Repórter. Minha intenção de lhes apresentar essas reportagens era para que conhecesse mais a realidade das pessoas idosas no nosso país, para então poderem se posicionar melhor durante o debate regrado.

Folha 12

Diário do pesquisador, 24 de setembro de 2015, quinta-feira.
Hoje só tive uma aula e iniciei o debate com os alunos. Não deu para muitos deles falarem, mas valeu, porque um dos objetivos é criar oportunidade para que todos possam expressar suas ideias. Não considero que seria justo eu encerrar as discussões em um único dia, uma vez que nem todos tiveram a oportunidade de dizer o que pensam a respeito do assunto que estamos estudando que é refletir sobre os processos de envelhecimento na sociedade. Alguns alunos conseguiram opinar, embora alguns tenham ficado calados e por mais que eu insistisse, não quiseram se pronunciar. Não sei se sentiram timidez ou se foi porque preferiram ficar calados por ser mais cômodo. Mas não desistirei. Na próxima semana, antes de dar início a produção dos texto de opinião, vou abrir um espaço para que juntos, discutam a respeito de soluções/propostas simples, viáveis, concretas para melhorar a qualidade de vida dos idosos. Aí quem pode ser que consiga fazer com que esses que ainda não se pronunciaram, falem e contribuam com o aprendizado.

Folha 13

Diário do pesquisador, 30 de setembro de 2015, quarta-feira.
Querido diário, hoje foi mais um dia de euforia entre os meus alunos. Todos eles estão muito atarefados, buscando cumprir com as provas que farão parte da Gincana que acontecerá neste sábado, 03 de outubro, na culminância do projeto: Respeito ao idoso. E as minhas aulas e as atividades que farão parte dos dados da minha pesquisa, como ficam? Bem, eu preciso entendê-los, porque a maneira como têm se comportado e a urgência que eles têm em conseguir cumprir com as provas da gincana são mais do que necessárias. E é muito bom vê-los engajados em todas as tarefas que fazem parte do projeto. Desde a semana passada, eles têm dividido o tempo entre assistir às aulas, fazer as atividades de cada disciplina, ensaiar a apresentação cultural e artística que deverão exibir na gincana, arrecadação de gêneros alimentícios para montagem de cestas básicas que serão distribuídas a pessoas carentes da nossa cidade. Então como não compreendê-los?
Eu me dou por feliz, porque mesmo diante de tudo isso, a turma demonstrou interesse em continuar com as produções escritas nas aulas de português. Hoje mesmo, foi possível que finalizássemos os textos de opinião. Eles se concentraram e redigiram o texto. E como de costume, à medida que terminavam o rascunho, sentavam comigo, individualmente e fazíamos as correções. Depois passavam a limpo o rascunho.
Para mim, o mais importante é que eles têm se mostrado interessados em realizar as atividades e que estão dentro dos prazos, porque nessa turma de 9º ano A, as aulas do quarto bimestre vão até novembro, com provas em dezembro. Assim sendo, nas aulas, farei o seguinte: quem for terminando o rascunho da produção escrita, eu corrigirei juntamente com o/a aluno/a e devolverei para passar a limpo.

Folha 14

Segunda-feira, 05 de outubro de 2015.
As aulas de hoje foram boas e os alunos ainda estavam contagiados e eufóricos pelo resultado da gincana. Isso é bom, porque ainda temos trabalho a realizar juntos.
Acalmados os ânimos, comecei explicando para a turma como seria a nossa última atividade que será a confecção do jornal escolar. Eles gostaram da ideia, então decidiram que seria bom fazermos uma votação para a escolha do nome do jornal. Também achei ótima a ideia. É bom colocar os alunos para tomar decisões. Eles se sentem responsáveis e importantes porque se sentem parte fundamental do processo. E é isso que eles são, na verdade os alunos são "o grande projeto", pois sem eles a escola não seria possível. O curioso foi a sugestão de nomes dados por eles. Não entendi muito bem, mas que importa? Eles são jovens e devem ter suas razões. Dentre vários nomes, o escolhido foi "Profeta Diário." Eu também não compreendi por que deram e escolheram esse nome, porém gostei, mesmo sem saber as razões. Acho que gostei mesmo foi do fato de eles terem tido a ideia e fazerem parte dela. Era o começo da gestação do jornal da turma. Depois da escolha do nome, dividi a turma em grupos e cada um teve liberdade de escolher com qual ou com quais grupos gostaria de trabalhar. O interessante foi que alguns alunos escolheram trabalhar com mais de um grupo, cuja divisão se deu pelas escolhas dos cadernos. A turma toda decidiu que no jornal deveria ter os seguintes cadernos: Esporte e Saúde, Moda, Histórias de Vida, Relatos Pessoais, Dicas, Cultura e Cidadania e Opinião.
Finalizei a aula, esclarecendo as dúvidas a respeito das pesquisas que farão para produzirem as notícias e os demais textos. Obrigada, querido diário, por me ouvir. No início, quando comecei a trabalhar com essa turma, achava que não conseguiria amá-los. Eles se mostraram tão insubordinados, rebeldes, sem perspectiva de futuro. Eu me lembro das muitas conversas que tive com eles. Das vezes que precisei falar seriamente com essa turma. De como eu precisava acreditar neles e no meu trabalho, no trabalho da escola. Houve momentos que terminei a aula e fui chorar escondida no banheiro e em outras ocasiões, guardei o choro para quando chegasse a minha casa. E eu dizia para mim mesma, eu preciso amar esses jovens e tenho que crer que eles não são desprovidos de amor, humanidade, solidariedade, respeito etc. E de tanto dizer isso para mim mesma, acreditei e comecei a dizer para eles. E sabe o que aconteceu? Funcionou. Eles mudaram de atitude e mostraram que são como todos nós - têm sonhos, projetos, anseios, dúvidas, incertezas, erram, acertam, riem, choram, amam, estudam e sabem significar o mundo e eles mesmos.
Encerrei a aula de hoje, levando todos para o pátio para assistirmos a mais uma apresentação artística. É isso mesmo, o coral da Ufal: "Rugas de Ouro" aceitou o meu convite para fazerem uma apresentação à toda a comunidade escolar, onde desenvolvi essa pesquisa. Foi um momento maravilhoso e rico onde mais uma vez, os alunos interagiram com a terceira idade.
É, querido diário, confesso que os amo e acho que também me amam e valorizam o trabalho que estamos desenvolvendo. Vou deixa-los produzir os textos e trazerem para fazermos os ajustes e as correções necessárias. Enquanto isso, vou organizar as coisas e conversar com a direção para ver a possibilidade de utilizarmos o laboratório de informática da escola para pesquisa e digitação dos textos para o jornal. Até breve, meu diário!

Folha 15

Terça-feira, 27 de outubro de 2015.
Tudo certo, hoje. Os alunos compareceram conforme o combinado e fomos ao laboratório. Foi engraçado perceber a reação de alguns funcionários da escola, quando viram que os alunos haviam largado, mas permaneciam na escola. Tive que explicar que eles pediram para ficar e usar o laboratório de informática para finalizar o jornal escolar da turma. A expressão de surpresa no rosto dos meus colegas foi algo positivo para mim. Pronto, salvamos todos os textos e imagens para o jornal, em um pen drive. Agora só preciso levar para um amigo meu que sabe usar o programa Corel Draw para me ajudar a montar o jornal. Combinei com ele e se prontificou a me ajudar, pois não sei lidar com esses programas de computador e os meus alunos também disseram que não sabem. Tenho somente esse restinho de semana, para fazer isso e imprimir o jornal, já que combinei com os meus alunos de, no dia 03/11/15, trazer para cada aluno da turma uma cópia do jornal. Eles trabalharam tanto que acho que merecem ter esse material para guardarem de lembrança e também apresentarem aos ais em casa.

Folha 16

Terça-feira, 03 de novembro de 2015.
A manhã de hoje foi de alegria. Tudo lindo! O jornal ficou maravilhoso. Os alunos fizeram um excelente trabalho. Fiquei emocionada e feliz com a reação dos alunos, quando entreguei a cópia do jornal para eles. Foi lindo ver a maneira como eles procuravam identificar os cadernos do jornal e os olhos ansiosos para encontrarem o texto que havia escrito. Pela reação que tiveram, acho que se sentiram importantes porque fizeram um grande trabalho. Outra coisa boa foi que entreguei um exemplar para os meus colegas, professores e eles acharam o trabalho lindo e parabenizaram a turma pelo resultado. As coordenadoras e a diretora também amaram. Enfim, deu tudo certo, mas considero que o melhor de tudo, mesmo, foi perceber que os meus alunos não são mais os mesmos e que a escola também os veem de um jeito diferente. Estamos caminhando para o termino do ano letivo e nunca mais ouvir os professores, coordenação e funcionários reclamarem do comportamento e atitude desses jovens. Acho que não são, mas considerados a pior turma. Venceram esse rótulo. Eu só tenho a agradecer a cada um deles, porque também não sou mais a mesma professora. Considero-me mais humana e mais apaixonada pela educação, pela sala de aula, pelos alunos. É isso... Não sei se eles ainda me surpreenderão com coisas boas, antes que esse ano de 2015 se finde e nos anos que virão. Espero que sim. Mas de qualquer forma, finalizamos o projeto, hoje, com chave de ouro.

APÊNCIDE C - Cópia do Roteiro para a Entrevista Informal

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA INFORMAL (Guia para a conversa)

AGORA É A VEZ DO ALUNO

Querido aluno, caso você ainda não tenha conseguido fazer os registros ou tenha registrado poucas informações, abaixo estão algumas perguntas, como sugestão, para lhe ajudar na execução da atividade.

Como foi a história da sua infância, adolescência?

O que o/a senhor/a fez da vida?

Teve algum acontecimento que marcou a sua vida? Poderia contar como foi?

Como o/a senhor/a vive hoje?

O que espera da vida?

Importante!

- Lembre-se de que todos são capazes de escrever histórias de vida.

-Você deve transmitir as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista;

-Pode fazer comparações entre o passado e o presente aos narrar costumes antigos;

- Mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelo entrevistado: cores, cheiros, sabores e movimentos;

ANEXOS

ANEXO A - Cópia do projeto: Respeito ao Idoso.

ESCOLA ESTADUAL DR. RODRIGUEZ DE MELO

Projeto Pedagógico: "RESPEITO AO IDOSO"

"Não importa se a estação do ano muda...
Se o século vira, se o milênio é outro.
Se a idade aumenta...
Conserva a vontade de viver,
Não se chega à parte alguma sem ela."
Fernando Pessoa

JUSTIFICATIVA

Diante de relatos insensíveis feitos pelos alunos em relação à fase do envelhecimento e ao "ser velho", como também a falta de carinho com a qual se referem a seus próprios familiares (não só os idosos, mas também os adultos) sentimos a necessidade de se resgatar o respeito dos jovens aos idosos que estão sendo deixados de lado, principalmente depois do advento e facilidade de acesso às mídias e redes sociais atuais. Precisamos mostrar o quanto os idosos já contribuíram e ainda contribuem, com as várias instâncias: a família, a sociedade, o estado e também o país. Essa contribuição está relacionada tanto às questões financeiras, à sociedade, à identidade e à nossa cultura, quanto à história familiar de cada indivíduo. Além disso, não podemos esquecer o quanto eles ainda têm a nos ensinar. Quantas vezes presenciamos, nos noticiários, as agressões que os idosos sofrem em casa, nos asilos e nas ruas. Essa situação mudará, quando as famílias educarem seus filhos, crianças, adolescentes e jovens, com o respeito necessário para com o idoso, não só da sua família, mas de um modo geral.

OBJETIVO GERAL

Levar os alunos e a comunidade escolar a reconhecer o valor dos idosos na sociedade e a refletir sobre o processo de envelhecimento da população brasileira.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Conscientizar os adolescentes e jovens da importância e respeito ao idoso;

- Ensinar aos mais jovens como são importantes a sabedoria, a experiência e a cumplicidade daqueles que já viveram muito, já sofreram e continuam cuidando de nós;
- Refletir sobre o ciclo da vida, que todos nós, nascemos, vivemos, envelhecemos e morremos;
- Falar sobre as dificuldades do envelhecimento, a debilidade e necessidades dos idosos em geral (lugares de difícil acesso, adaptação de rampas e calçadas intransitáveis);
- Tratar da importância de se demonstrar carinho, amor, respeito por todos os idosos (pais, avós, bisavós) e gratidão pelo muito que já fizeram.

PÚBLICO – ALVO

Adolescentes e jovens (Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio).

RECURSOS HUMANOS

- Corpo docente
- Corpo discente
- Pais e familiares
- A comunidade

***DISCIPLINAS ENVOLVIDAS*:** Todas as disciplinas (cada uma com sua temática).

***METODOLOGIA*:** Cada professor, dentro de seu cronograma e especificidade, definirá a melhor metodologia para abordar a temática dentro de sua especialidade.

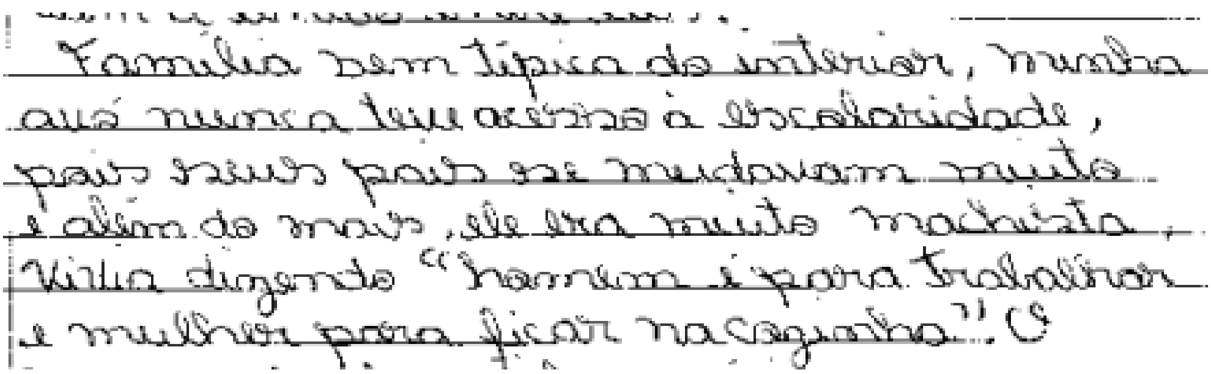
***DURAÇÃO*:**

- Início, dia 13 de agosto de 2015.
- Término, em 01 de outubro de 2015.

***CULMINÂNCIA*:**

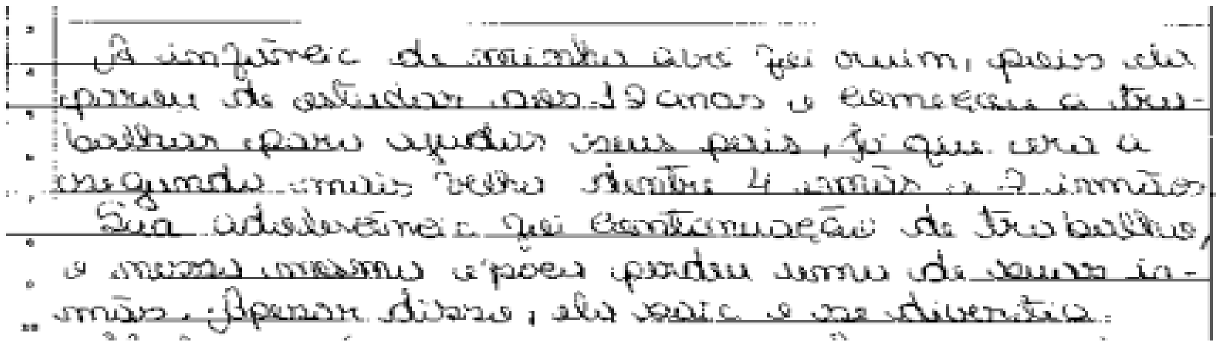
- Gincana (para o turno matutino).
- Tarde Cultural (para o turno vespertino)

ANEXO B - Cópia de alguns fragmentos das narrativas das histórias de vida escritas pelos alunos.



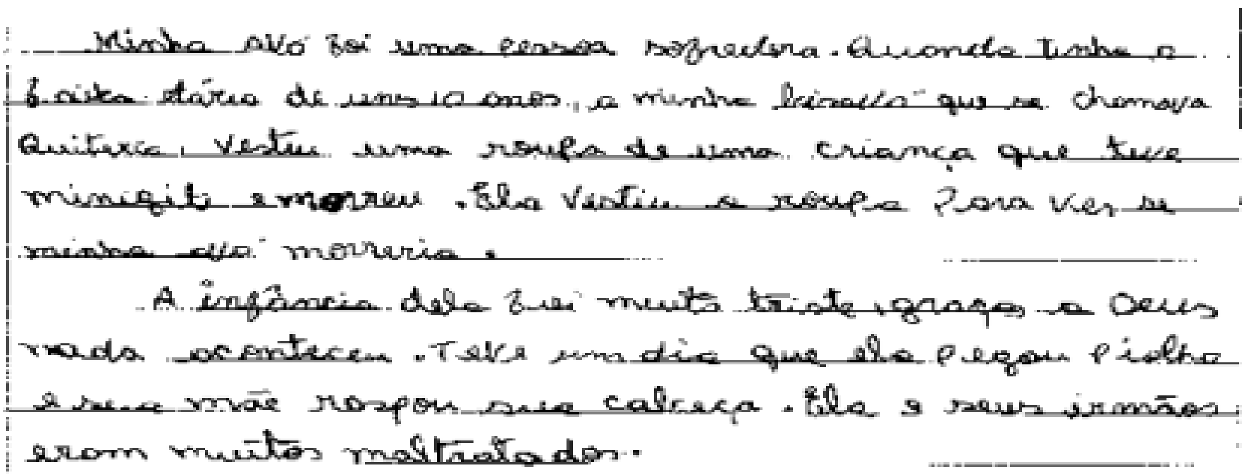
Família bem típica do interior, minha avó nunca teve acesso à escolaridade, pois seus pais se mudavam muito e além do mais, ele era muito machista, vivia dizendo "homem é para trabalhar e mulher para ficar na cozinha". O

Fragmento da História de Vida 1



A infância da minha avó foi ruim, pois ela parou de estudar aos 12 anos e começou a trabalhar para ajudar seus pais, já que era a segunda mais velha dentre 4 irmãos e 7 irmãos. Sua adolescência foi continuação do trabalho, e nessa mesma época perdeu uma de suas irmãs. Apesar disso, ela saia e se divertia.

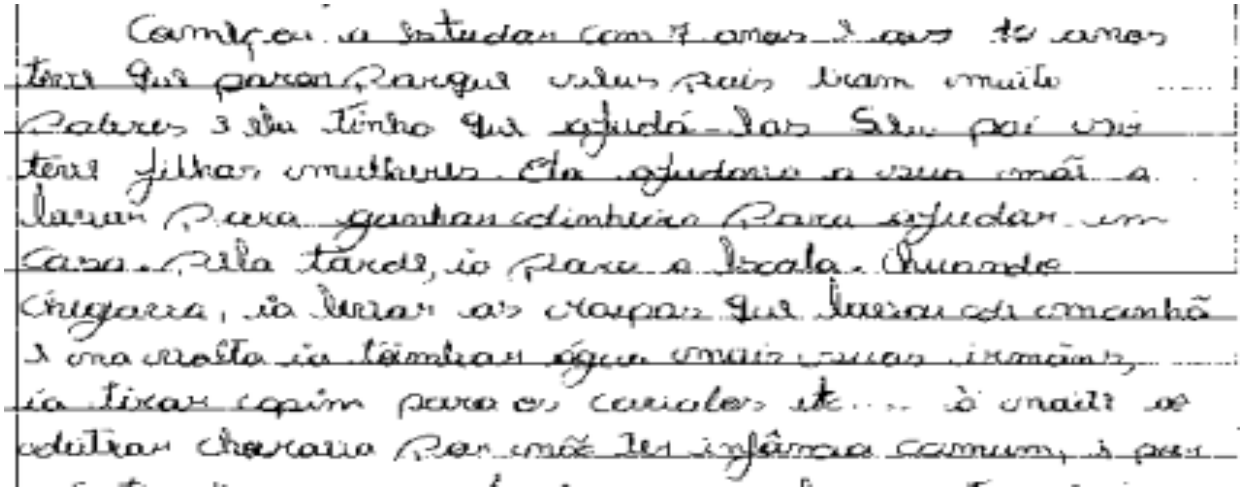
Fragmento da História de Vida 2



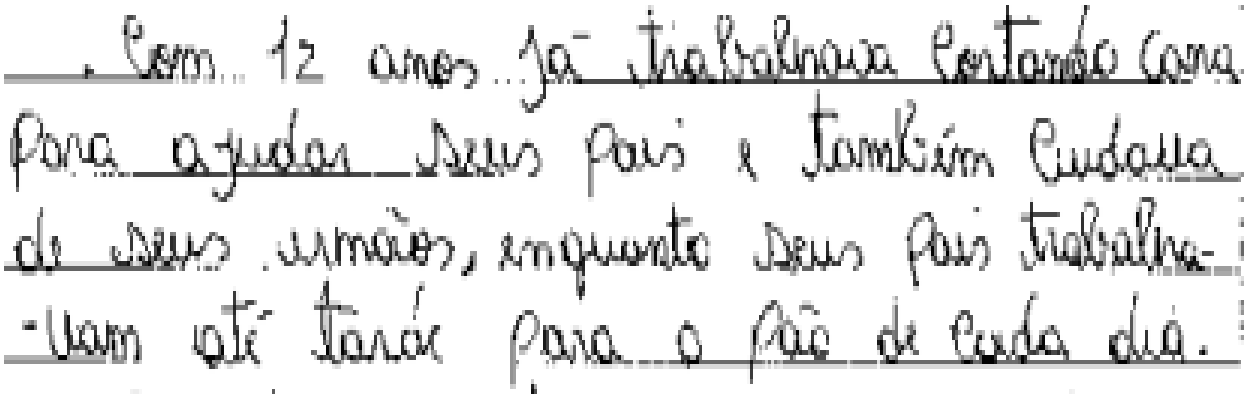
Minha avó foi uma pessoa sofredora. Quando tinha a faixa etária de uns 10 anos, a minha bisavó que se chamava Quitéria, vestiu uma roupa de uma criança que teve meningite e morreu. Ela vestiu a roupa para ver se minha avó morreria.

A infância dela foi muito triste, graças a Deus nada aconteceu. Teve um dia que ela pegou piolho e sua mãe raspou sua cabeça. Ela e seus irmãos eram muito maltratados.

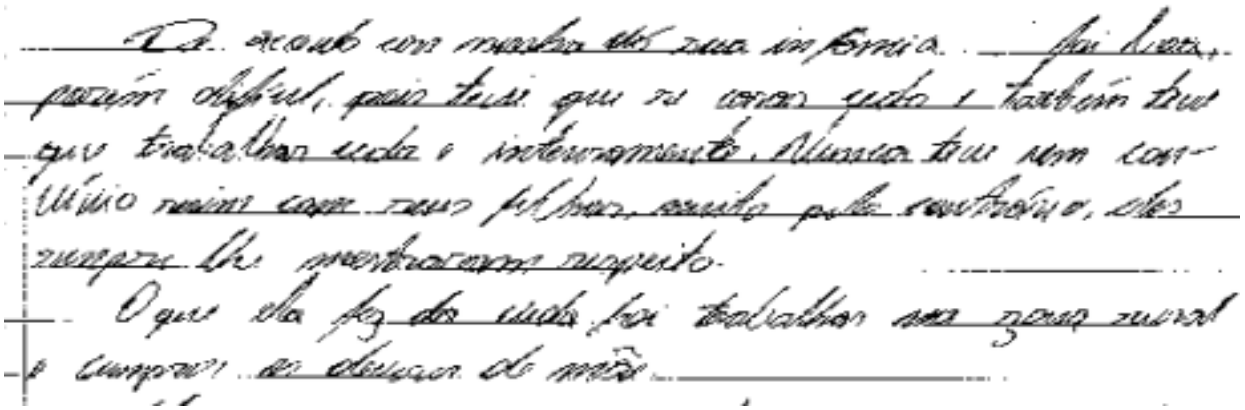
Fragmento da História de Vida 3



Fragmento da História de Vida 4

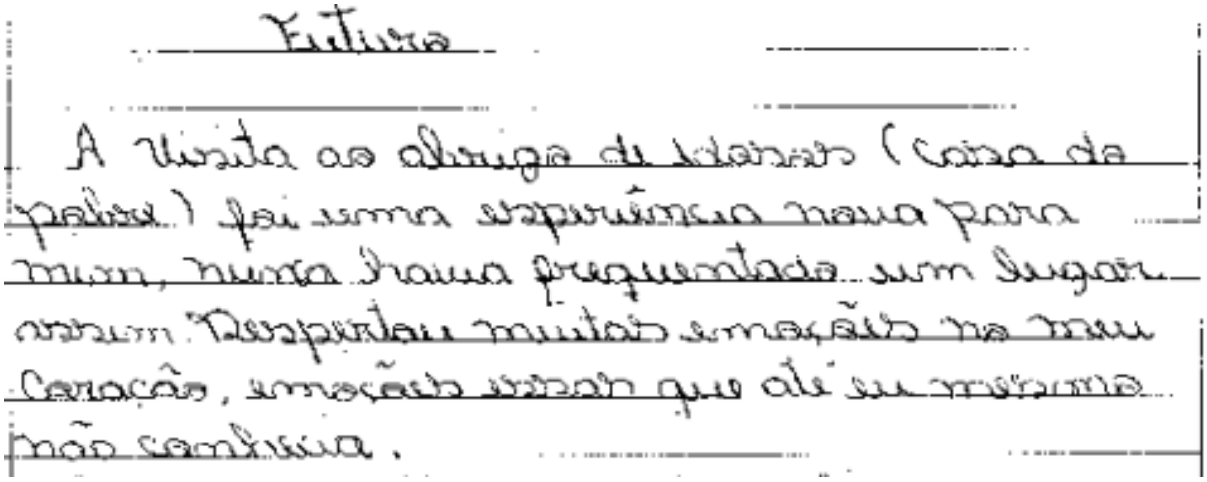


Fragmento da História de Vida 5

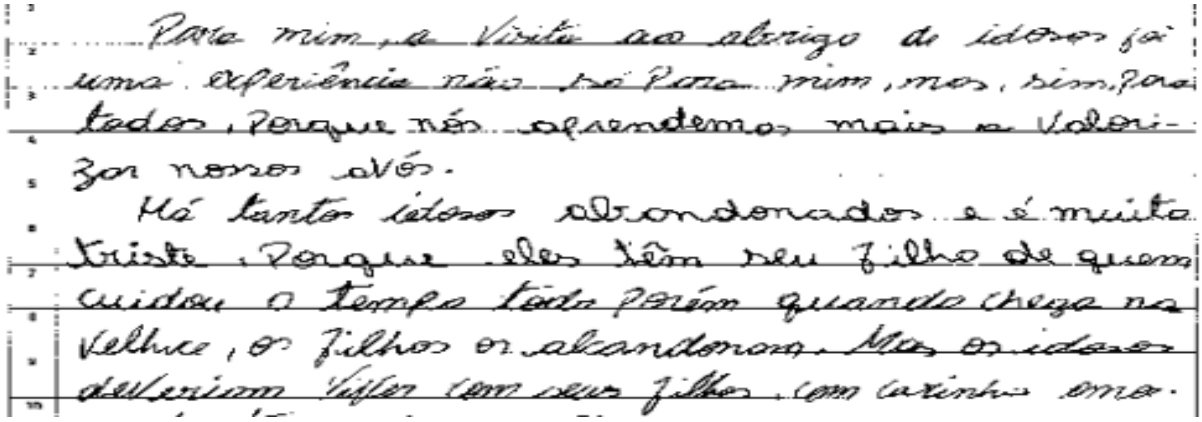


Fragmento da História de Vida 6

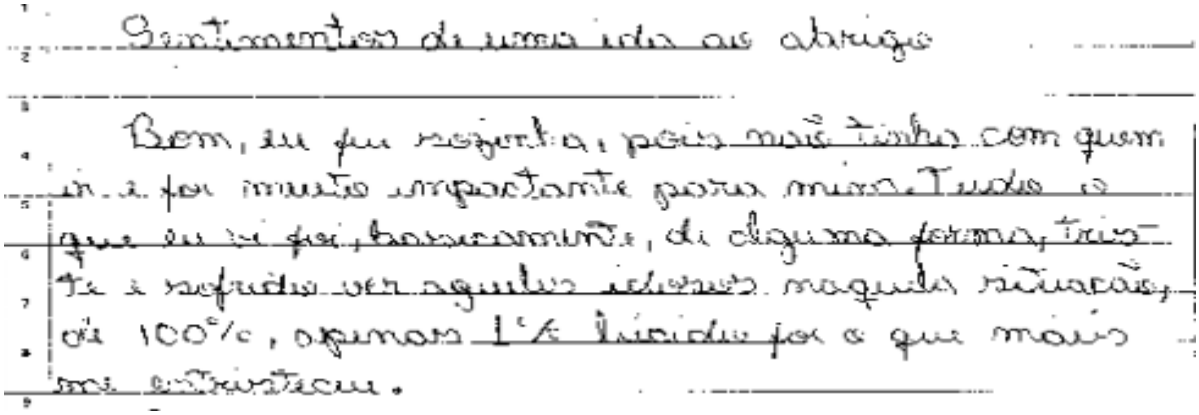
ANEXO C - Cópia de alguns fragmentos dos Relatos Pessoais escritos pelos alunos.



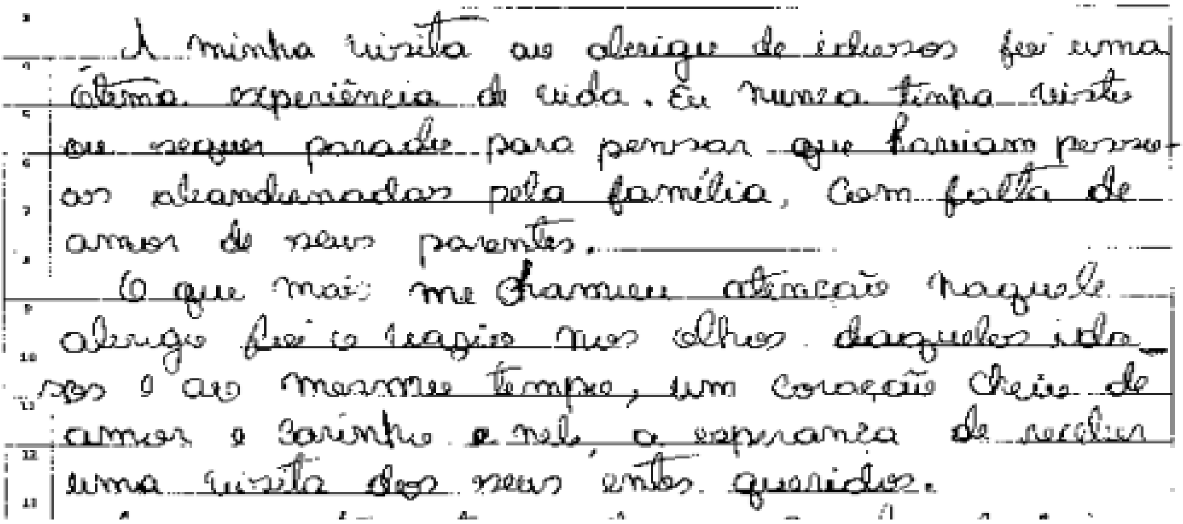
Fragmento do Relato Pessoal 1



Fragmento do Relato Pessoal 2



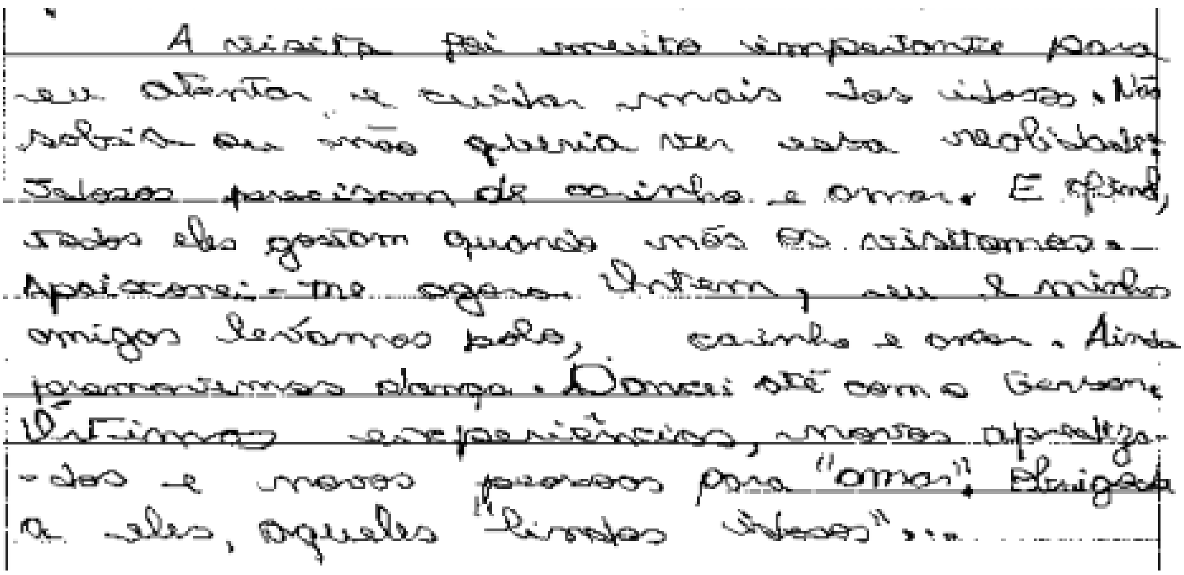
Fragmento do Relato Pessoal 3



A minha visita ao abrigo de idosos foi uma ótima experiência de vida. Eu nunca tinha visto ou sequer parado para pensar que haviam pessoas abandonadas pela família, com falta de amor de seus parentes.

O que mais me chamou atenção naquele abrigo foi o vazio nos olhos daqueles idosos e ao mesmo tempo, um coração cheio de amor e carinho e nele, a esperança de receber uma visita dos seus entes queridos.

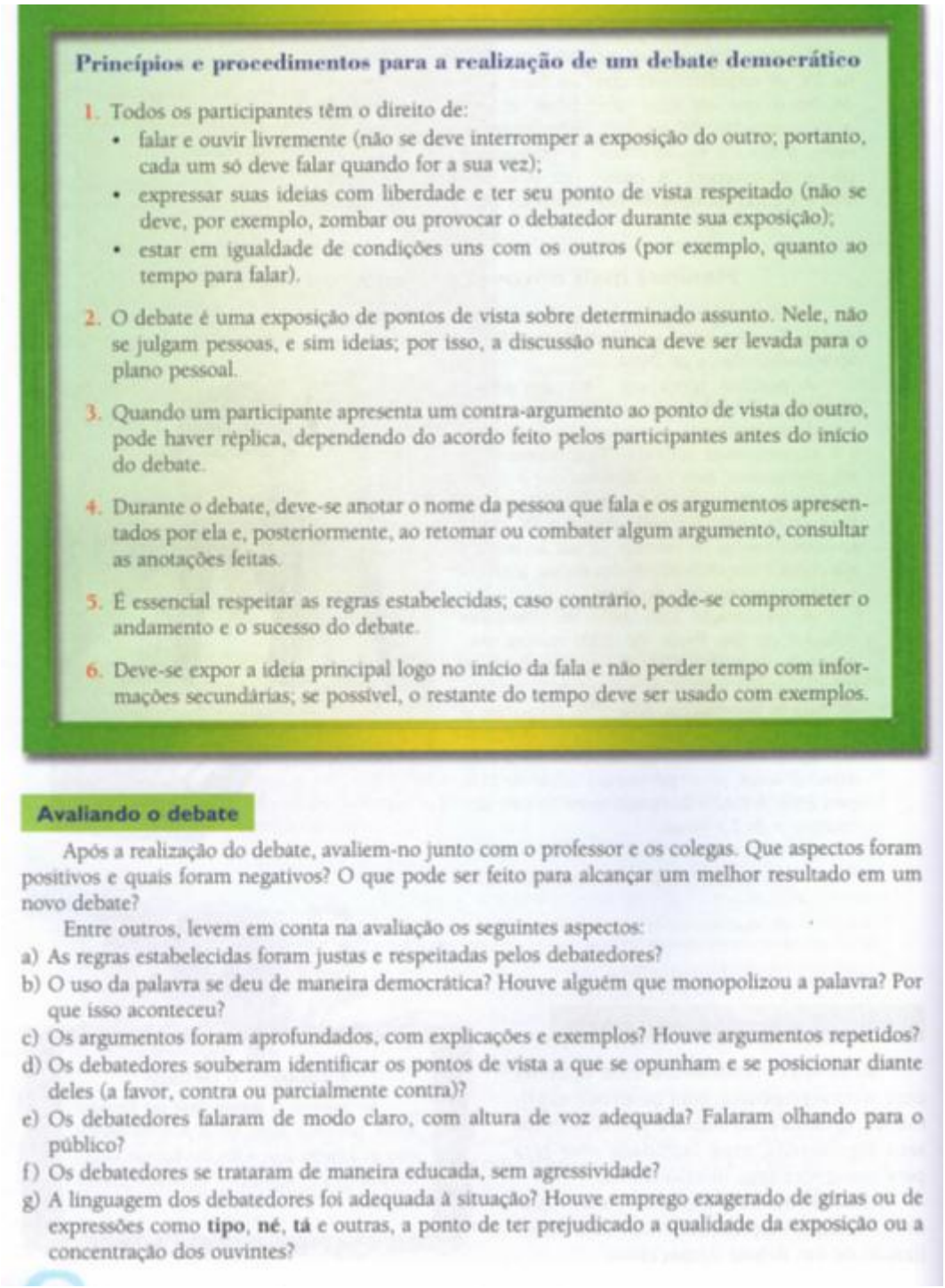
Fragmento do Relato Pessoal 4



A visita foi muito importante para eu atentar e cuidar mais dos idosos. Não sabia ou não queria ver essa realidade: Idosos precisam de carinho e amor. E afinal, todos eles gostam quando nós os visitamos. Apaixonei-me agora. Ontem, eu e minhos amigos levamos bolo, carinho e amor. Ainda [illegible] [illegible]. Dancei até com o Gerson. Vivemos experiências, nossos aprendiza-dos e nossos passos para "amar". Obrigada a eles, aqueles "lindos idosos"...

Fragmento do Relato Pessoal 5

ANEXO D - Cópia do esquema para organização do Debate Regrado



Princípios e procedimentos para a realização de um debate democrático

1. Todos os participantes têm o direito de:
   - falar e ouvir livremente (não se deve interromper a exposição do outro; portanto, cada um só deve falar quando for a sua vez);
   - expressar suas ideias com liberdade e ter seu ponto de vista respeitado (não se deve, por exemplo, zombar ou provocar o debatedor durante sua exposição);
   - estar em igualdade de condições uns com os outros (por exemplo, quanto ao tempo para falar).
2. O debate é uma exposição de pontos de vista sobre determinado assunto. Nele, não se julgam pessoas, e sim ideias; por isso, a discussão nunca deve ser levada para o plano pessoal.
3. Quando um participante apresenta um contra-argumento ao ponto de vista do outro, pode haver réplica, dependendo do acordo feito pelos participantes antes do início do debate.
4. Durante o debate, deve-se anotar o nome da pessoa que fala e os argumentos apresentados por ela e, posteriormente, ao retomar ou combater algum argumento, consultar as anotações feitas.
5. É essencial respeitar as regras estabelecidas; caso contrário, pode-se comprometer o andamento e o sucesso do debate.
6. Deve-se expor a ideia principal logo no início da fala e não perder tempo com informações secundárias; se possível, o restante do tempo deve ser usado com exemplos.

Avaliando o debate

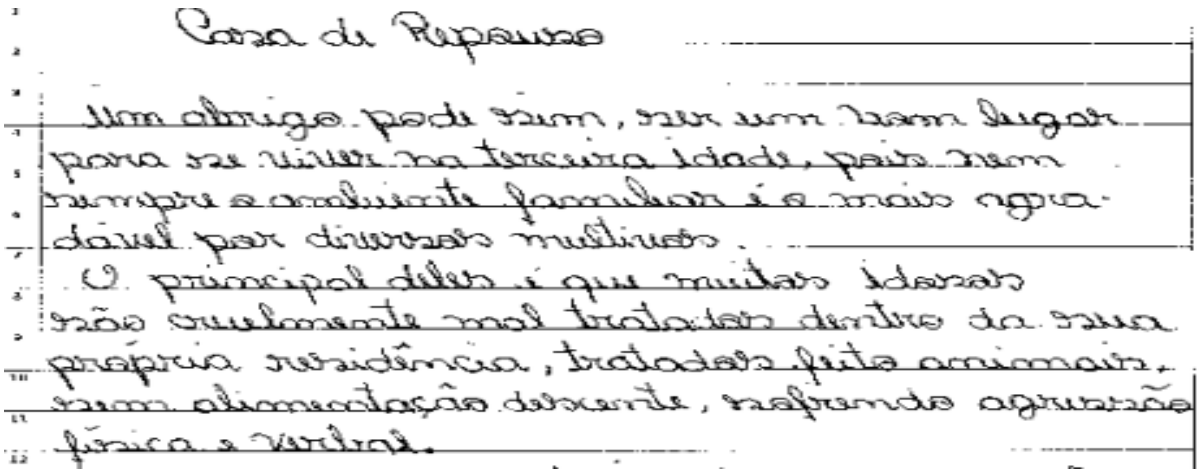
Após a realização do debate, avaliem-no junto com o professor e os colegas. Que aspectos foram positivos e quais foram negativos? O que pode ser feito para alcançar um melhor resultado em um novo debate?

Entre outros, levem em conta na avaliação os seguintes aspectos:

a) As regras estabelecidas foram justas e respeitadas pelos debatedores?
b) O uso da palavra se deu de maneira democrática? Houve alguém que monopolizou a palavra? Por que isso aconteceu?
c) Os argumentos foram aprofundados, com explicações e exemplos? Houve argumentos repetidos?
d) Os debatedores souberam identificar os pontos de vista a que se opunham e se posicionar diante deles (a favor, contra ou parcialmente contra)?
e) Os debatedores falaram de modo claro, com altura de voz adequada? Falaram olhando para o público?
f) Os debatedores se trataram de maneira educada, sem agressividade?
g) A linguagem dos debatedores foi adequada à situação? Houve emprego exagerado de gírias ou de expressões como **tipo**, **né**, **tá** e outras, a ponto de ter prejudicado a qualidade da exposição ou a concentração dos ouvintes?

Fonte: CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C., 2012.

ANEXO E - Cópia de alguns fragmentos dos Textos de Opinião escritos pelos alunos.

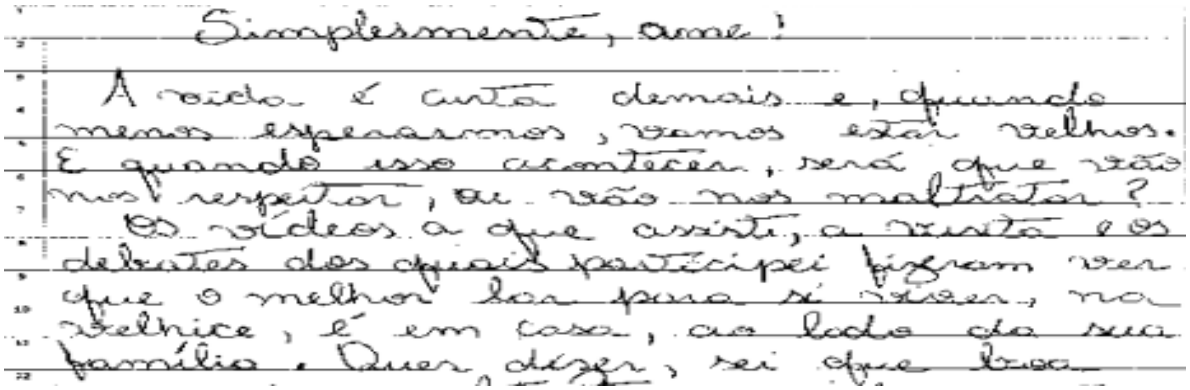


Casa de Repouso

Um abrigo pode sim, ser um bom lugar para se viver na terceira idade, pois nem sempre o ambiente familiar é o mais agradável por diversos motivos.

O principal deles é que muitas idosas são cruelmente mal tratadas dentro da sua própria residência, tratadas feito animais, sem alimentação decente, sofrendo agressão física e verbal.

Fragmento do texto de opinião 1

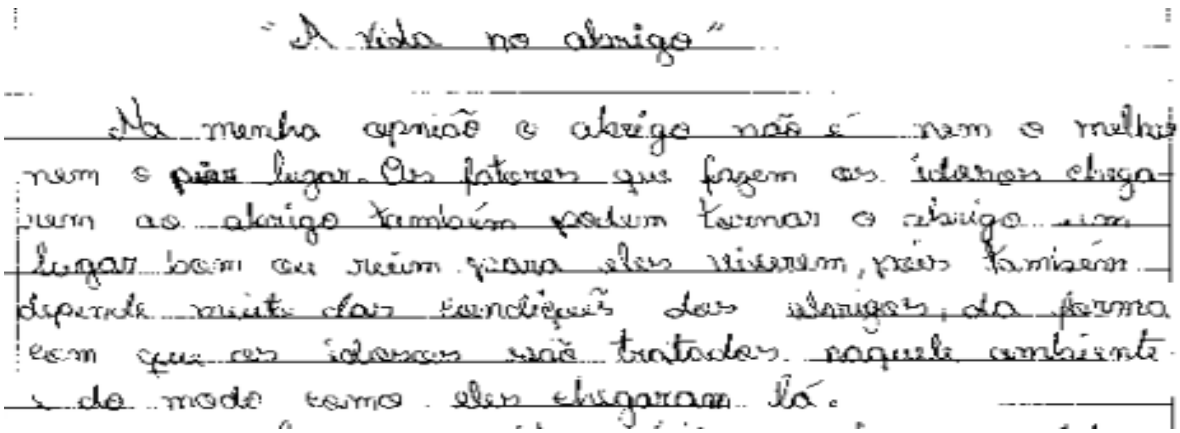


Simplesmente, amar!

A vida é curta demais e, quando menos esperarmos, vamos estar velhos. E quando isso acontecer, será que vão nos respeitar, ou vão nos maltratar?

Os vídeos a que assisti, a visita e os debates dos quais participei fizeram ver que o melhor lar para si viver, na velhice, é em casa, ao lado da sua família. Quer dizer, sei que boa

Fragmento do texto de opinião 2



"A vida no abrigo"

Na minha opinião o abrigo não é nem o melhor nem o pior lugar. Os fatores que fazem os idosos chegarem ao abrigo também podem tornar o abrigo um lugar bom ou ruim para eles viverem, pois também depende muito das condições dos abrigos, da forma em que os idosos são tratados naquele ambiente e do modo como eles chegaram lá.

Fragmento do texto de opinião 3

ANEXO F - Cópia do Jornal Escolar.

Página 1

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo - Bairro Ponta Grossa - Maceió - AL - novembro - 2015 - Nº1

Esporte na Terceira Idade. Por que Não?

Envelheça com Saúde.

Estudos comprovam que o esporte proporciona melhorias drásticas na expectativa de vida dos idosos.

Caderno **Esporte**, p. 4

Benefícios do Esporte na Terceira Idade!

Esporte promove divertimento, descontração, melhoria na autoestima na vida dos idosos .

Caderno **Esporte**, p. 4

Dicas de convivência com pessoas idosas.

Caderno **Dicas**, p. 5

Sexo na terceira idade! Pode?

O sexo na terceira idade é um tabu, mas tem uma grande importância na saúde do idoso.

Caderno **Saúde**, p. 7

Terceira Idade Fashion

Vista-se mal e notarão o vestido; vista-se bem, e notarão a mulher!

"A moda está aí para ser usada, cabe a você saber usá-la da forma correta."

Caderno **Moda**, p. 8

Um olhar "adolescente" sobre o projeto: "Respeito ao Idoso"

Na foto da esquerda, alunos prestigiam o grupo "Flor da Idade." À direita, à frente da escola Rodriguez de Melo, alunos do 9º ano "A", com a professora Margarete e as coordenadoras, Luciuria e Dorinha, reunidos para a visita ao abrigo Casa do Pobre.

A Escola Rodriguez de Melo promoveu momentos únicos e especiais de aprendizado, construção de conhecimento sobre cultura, humanidade, cidadania, etc.

Caderno **Cultura e Cidadania**, p. 2-3

Nossos idosos na "Sociedade"

"Para a maioria da sociedade os idosos são vistos como velhos, chatos, que só ocupam lugar no ônibus, atrasam filas, não escutam direito, dão trabalho, merecem ficar largado em um asilo ou hospital e ainda recebe aposentadoria do governo".

Caderno **Opinião**, p. 9

Histórias de vida

À esquerda na foto, Manoel Cirilo, 62 anos. À direita, Gerson Moraes Paula, de Maceió -AL.

Conheça a história de vida desses dois idosos que há anos vivem no abrigo: Casa do Pobre, no bairro Vergel do Lago, zona Sul de Maceió-AL.

Caderno **Histórias de Vida**, p. 6

Experiência vivida é experiência que nos transforma!

Você já visitou algum abrigo, mais conhecido como "asilo"? Se sua resposta for não, então vai gostar de ler os relatos de três adolescentes que viveram a experiência de conhecer bem de perto como é ser abandonado pela família em um abrigo para idosos, depois que se chega à velhice, tendo que deixar para trás tudo que um dia sentiu, sonhou, viveu, planejou, construiu e escreveu nas páginas do caderno da vida.

Caderno **Relatos Pessoais**, p. 9-10

Página 2

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Mello - Sidéro Ponto Grosso - Maceió - AL - novembro- 2015 - Nº 1

Cultura e Cidadania

Meu olhar "adolescente" sobre os eventos do projeto: "Respeito ao Idoso".

1º Evento

A Escola Rodriguez também tem seus momentos de cinema cultural.

A abertura do projeto respeito ao Idoso foi uma experiência interessante. A nossa escola transformou o pátio principal em uma sala de cinema e exibiu para alunos, professores e funcionários o filme: O curioso caso de Benjamin Button, um drama que abordou a temática do desenvolvimento humano.

Na ocasião, algumas pessoas não se interessaram pelo filme, mas outras, sim, e gostaram muito, até porque é um drama com uma bela história de uma mulher que tinha um sonho de ter um filho, então engravidou, teve uma gestação normal, porém na hora do parto, ela começou a passar mal. Ela pede que seu esposo cuide do filho a quem chamou de Benjamin Button. Minutos depois veio a falecer. Então o pai do bebê, vendo que era um recém-nascido "esquisito" (ele tinha a aparência, o rosto e toda a pele do corpo enrugada como se fosse um idoso em miniatura) resolveu abandoná-lo na porta de um abrigo para idosos.

No decorrer da trama, Benjamin passa toda sua infância e adolescência convivendo apenas com idosos e por isso não sabe como é conviver com crianças e adolescentes. O curioso do filme é que enquanto os idosos envelhecem, Benjamin torna-se mais jovem. Enfim o drama mostrou como seria o processo de desenvolvimento humano ao contrário, ou seja, em vez de passarmos pelas fases: criança, adolescência, juventude, fase adulta, velhice e depois a morte; nasceríamos velhos, depois passaríamos pelas fases: vida adulta, juventude, adolescência, infância e por fim morreríamos recém-nascidos.

2º Evento

Adorei o encontro de gerações que a Escola Rodriguez de Melo proporcionou a todos nós, alunos.

O grupo "Flor da Idade", de Maceió-AL, formado por homens e mulheres que já passaram dos 60 anos, mostrou que talento é o que não lhe falta. Eles fizeram uma ótima apresentação, com música, palestras e dança. Foi muito interessante conhecer a história de vida de cada um dos participantes do grupo, pois nos mostraram que são idosos com muito conhecimento e força de vontade. Mesmo com a idade avançada, não deixaram de fazer o que tanto amam.

Particularmente, gostaria muito de chegar à velhice com a mesma força de vontade e coragem que esses idosos têm.

Como não Gostar deles? São pessoas tão agradáveis! Cada um com uma especialidade diferente: alguns cantam, outros dançam, outros são esportistas e há também uns que tocam instrumentos musicais. Tudo foi surpreendente!

3º Evento

O projeto também nos proporcionou uma visita ao abrigo de idosos "Casa do Pobre".

Visitar os idosos em um abrigo foi uma experiência inesquecível e muito emocionante. Eu não sabia a verdadeira realidade de como é morar em um abrigo.

Gostei dessa experiência da visita, pois pude conhecer que algumas pessoas idosas do abrigo recebem a visita dos familiares, mas a maioria deles não recebe.

Bom, no meu ponto de vista, acho errado que a família coloque seu idoso num abrigo e não lhes dar atenção nem ir visita-lo.

Não é porque o idoso chegou a uma idade avançada e não pode mais desempenhar suas funções sozinho que devemos abandone-lo num abrigo que pode ser ou não um bom lugar para se colocar alguém que está na velhice. Penso que só deveriam colocar um idoso no abrigo, se ele não tivesse contato com sua família ou se fosse maltratado pela pessoa responsável por cuidar dele.

Mas olhando por outro lado, um abrigo não é um mau lugar, porque lá também os velhinhos recebem amor, carinho, cuidado de que precisam, porém não é o mesmo que sua própria família poderia lhes dá.

Enfim, não deveríamos colocar nossos familiares em abrigos, pois não iríamos gostar de ao chegarmos à velhice, formos colocados também nesse local. Uma frase que eu sempre uso é: "Não faça com as pessoas aquilo que você não gostaria que fizessem com você".

Página 3

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo - Bairro Ponta Grossa - Maceió - AL - novembro - 2016 - Nº1

Um olhar "adolescente" sobre o projeto: "Respeito ao Idoso"

4º Evento

Outra experiência boa que vivenciamos foi uma apresentação musical feita pelo coral "Rugas de Ouro".

O nome do grupo é realmente sugestivo! É um coral formado por vozes femininas, além um pianista, um maestro e uma maestrina.

As mulheres donas das vozes do coral mostraram que quanto mais idosas ficam, mais valiosas e preciosas se tornam.

Realmente, posso dizer não apenas as "rugas" dessas mulheres são de ouro, mas que suas vozes, também são preciosas e valiosas como uma joia rara.

5º e Último Evento

O encerramento do projeto aconteceu com uma gincana que contou com a participação de todas as turmas do turno matutino.

Na gincana, fizemos muitas coisas interessantes para mostrarmos o que aprendemos durante o projeto.

Houve a prova da arrecadação de alimentos para fazermos doação em instituições de caridade; testes físicos para que pudéssemos compreender o que os idosos passam no dia a dia; teste de conhecimentos; prova de animação de torcida com grito de guerra, além de uma apresentação artística sobre os "anos 60", também com base na temática do projeto.

Tenho para mim que absorvemos muito conhecimento e lições de vida com tudo que foi desenvolvido durante o projeto. Mas o principal foi aprendermos a respeitar, amar, cuidar e ajudar a todos os idosos, inclusive os nossos pais e avós.

(Textos escritos por [illegible] - 9º ano "A" - Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, Maceió-AL.)

Alunos Assistindo ao filme: Curioso caso de Benjamin Button, na abertura do projeto

Professores, coordenação e funcionários preparando pipocas para os alunos durante a sessão cinema, na abertura do projeto.

Membros do grupo "Flor da Idade", de Maceió-AL, em apresentação, na escola, durante o projeto.

Apresentação do coral "Rugas de Ouro", de Maceió-AL, em apresentação, na escola, durante o projeto. Idoso.

Alunos do 9º ano "A" - Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, [illegible]

Alunos do 9º ano "A" com a coordenadora e a professora Margarete [illegible]

Alimentos arrecadados durante o projeto, para doação a instituições de caridade.

(Imagens da profª. Margarete dos Santos)

Página 4

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodrigues de Melo - Bairro Ponta Grossa - Maceió - AL - novembro - 2015 - Nº 1

Esporte e Lazer na Terceira Idade.

Esporte na Terceira Idade. Por que Não? Envelheça com Saúde.

Estudos comprovam que o esporte proporciona melhorias drásticas na expectativa de vida dos idosos .

Benefícios do Esporte na Terceira Idade!

Esporte promove divertimento, descontração, melhoria na auto estima na vida dos idosos.

Imagens de: http://www.academiagoivata.com.br

Esporte na terceira idade, por que não?

Confira alguns dos benefícios do esporte praticados na terceira idade!

Durante o último século, o esporte tem dado melhorias drásticas na expectativa de vida de muitos idosos, por isso muitos ainda praticam atividades físicas. Um número crescente de estudos demonstrou claramente que os idosos, mesmo aos 90 anos de idade, são capazes de aumentar a massa e a força muscular em resposta ao treinamento adequado de musculação.

Uma relação de exercícios é necessário para manter os músculos do corpo em boa forma, Aproximadamente 85% das pessoas idosas apresentam uma ou mais doenças ou problemas de saúde, sendo eles Artrite: 48%; Hipertensão Arterial: 45%; Doenças cardíacas: 32%; comprometimento da audição: 32%; Comprometimento ortopédico: 19%; catarata: 17%; diabetes: 11%; comprometimento visual: 09%.

O processo de envelhecimento varia bastante entre as pessoas e é influenciado tanto pelo estilo de vida quanto por fatores genéticos. Os especialistas em envelhecimento acreditam que o ser humano em geral poderia viver até 115 a 120 anos se o estilo de vida e seu perfil genético fossem ideias.

Todos ser humano precisa praticar esporte, porque faz bem à saúde e é bom para musculação do corpo. O esporte pode ser um meio bom de convivência e o corpo humano necessita para ter mais flexibilidade, saúde, disposição. É essencial para ajudar a manter o corpo e saudável.

Um número crescente de estudo demonstrou claramente que os idosos, mesmo aos 90 anos de idade, são capazes de aumentar a massa e a força muscular quando fazem treinamento com pesos. Fazer exercícios é necessário para manter os músculos do corpo em boa forma. E mais, a atividade física regular e sistemática aumenta ou mantém aptidão física da população idosa e tem o potencial de melhorar o bem-estar funcional e, consequentemente, diminuir as taxas de morbidade e mortalidade entre as pessoas idosas.

Qualquer atividade será boa para quem está na velhice, se respeitarmos seu estado físico, oferecendo-lhe uma mínima autoramia e como consequência uma reativação do seu papel na sociedade.

O bom exercício não é aquele que impõe movimentos forçados no ritmo, intensidade e duração; é aquele em que se desenvolve a consciência do próprio limite de esforço e movimento.

Portanto além do divertimento e descontração na vida dos idosos, o esporte traz vários benefícios para a saúde como ajudar muito na prevenção das doenças cardiovasculares: contribui para diminuir e a controlar o pesc; também, melhora os níveis do colesterol sanguíneo: alivia o estresse e a ansiedade, contribuindo para o "Bem Estar" mental e para evitar problemas de depressão.

A atividade física mostra-se eficaz também em pessoas que sofrem de mau humor, pois quando se tem um treinamento contínuo, mas sem exageros, a pessoa terá uma melhor autoestima e se tornará mais bem humorada.

(Texto adaptado por Felipe Fermino, Érica Letícia, Thiago Pereira e Mateus Antonio. - 9º ano "A" - Escola Estadual Dr. Rodrigues de Melo. Maceió-AL)

Página 5

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo - Bairro Ponta Grossa - Maceió - AL - novembro - 2015 - Nº I

Opinião

Para a maioria da sociedade os idosos são vistos como velhos, chatos, que só ocupam lugar no ônibus, atrasam filas, não escutam direito, dão trabalho, e ainda recebe aposentadoria do governo, por isso merecem ficar largado em um asilo ou hospital .

Já para uma minoria da sociedade, os idosos são vistos como exemplo de superação, pois nem todos chegam até a terceira idade. Muitos admiram e respeitam os idosos por suas histórias de vidas, por serem guerreiros e por serem um exemplo na sociedade, mas poucos são esses que criam uma sociedade melhor.

O problema é justamente como os idosos são vistos, ou melhor, nos dias atuais, observamos que eles não são tão vistos por muitos, mas são bastante ignorados. Por mais que isso seja falta de humanidade, por parte de que age assim, é um fato.

Infelizmente vivemos nessa realidade, onde poucos se importam com os idosos e por isso acabam os isolando.

(Texto escrito por Jaqueline da Silva e Milleny Larissa - 9º ano "A" Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, Maceió-AL)

Http://ocaminho.org.br/abandono-e-o-descaso-mais-grave-do-idoso-diz-papa.html

Relatos Pessoais

Relatos de Experiência de uma visita a um abrigo de idosos.

"Depois que visitei o abrigo, comecei a pensar diferente sobre a vida".

Quando a professora falou que era preciso fazer uma visita ao lar dos idosos, achei chato e de começo, não gostei do projeto, porque minha forma de pensar era outra, mas depois da visita foi tudo diferente.

Assim que cheguei, vi tudo lindo, tudo arrumado e cheiroso e pensei: "Pelo visto, aqui, eles vivem bem". Mas mudei de ideia assim que entrei na primeira sala. Um senhor bem debilitado, em uma maca. Quando presenciei aquilo, meus olhos se encheram de lágrimas. Essa cena foi triste e dali eu já mudei de ideia.

Mais na frente, avistamos uma cena de alegria, dois idosos com instrumentos e um empregado do lar dos idosos cantando. Aquilo me tranquilizou mais.

Um pouco adiante, tinha vários senhores sentados, olhando a vista de sempre. Deu-me um aperto no coração, quando o Bruno (coordenador do abrigo) disse que, ali, eles não tinham lazer, que a rotina deles sempre foi: comer, dormir e passar o dia, sentados ali; que o abrigo tem uma piscina, mas nunca foi usada.

Conversamos com os idosos e alguns não sabiam a idade que tinha, porém nem todos ainda não haviam esquecido seus nomes.

Chegando à área das idosas, não passei muito tempo lá, mas percebi que elas estavam melhor que os homens, em memória. Algumas se emocionaram com nossa visita e ficaram alegres.

O que me chamou mais a atenção foi o amor com que os empregados tratam os idosos. Isso me deixou muito alegre, pois tem gente que não se importa, todavia, lá é diferente e isso é bom. E o que mais me indignou foi o desamor dos parentes dos idosos. Parentes que os colocaram lá e não ligam, mas para eles, não fazem uma visita. Isso me deixou muito indignada.

O que me deixou mais triste foi ver a falta de alegria, de lazer e de amor.

Gostei muito da visita e voltarei a visitá-los.

(Livia Hellen Gomes - 9º ano "A" - Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo, Maceió-AL)

Página 6

Profeta Diário

Jornal dos Alunos do 9º ano "A" da Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo - Bairro Ponta Grossa - Maceió - AL - novembro - 2015 - Nº 1

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo

Direção

Arlerte Ramos Sales

Maria Isabel Souza Neves

Coordenação Pedagógica

Luciaria Liliane da Silva

Maria Nanci Souto

Maria das Dores Guabiraba

Professora mediadora da Turma

Margarete dos Santos.

Alunos do 9º ano "A" - 2015

Andreza de Lima Pereira

Beatriz dos Santos Silva

Carolaine Ferreira dos Santos

Daniel da Silva Barbosa

Erica Leticia

Erika da Silva Gomes

Filipe Firmino

Gabrielly Angel dos Santos Mendes

Jane Carolayne da Silva Bezerra

Jaqueline da Silva Santos

Jilsara de Farias

José Wyraquitan Casado

Juceli Gomes

Lívia Hellen Gomes

Márcia Maria Barros

Marco Eduardo Amorim

Maria Vitória Dionísio

Maxwel Antônio da Silva

Mellena Laryssa S. Pereira

Milca Marinho

Rodrigo Lemos

Thiago Pereira

Trislayne Delânia dos Santos

Wanderson Santos

Wiverton Augusto da Silva